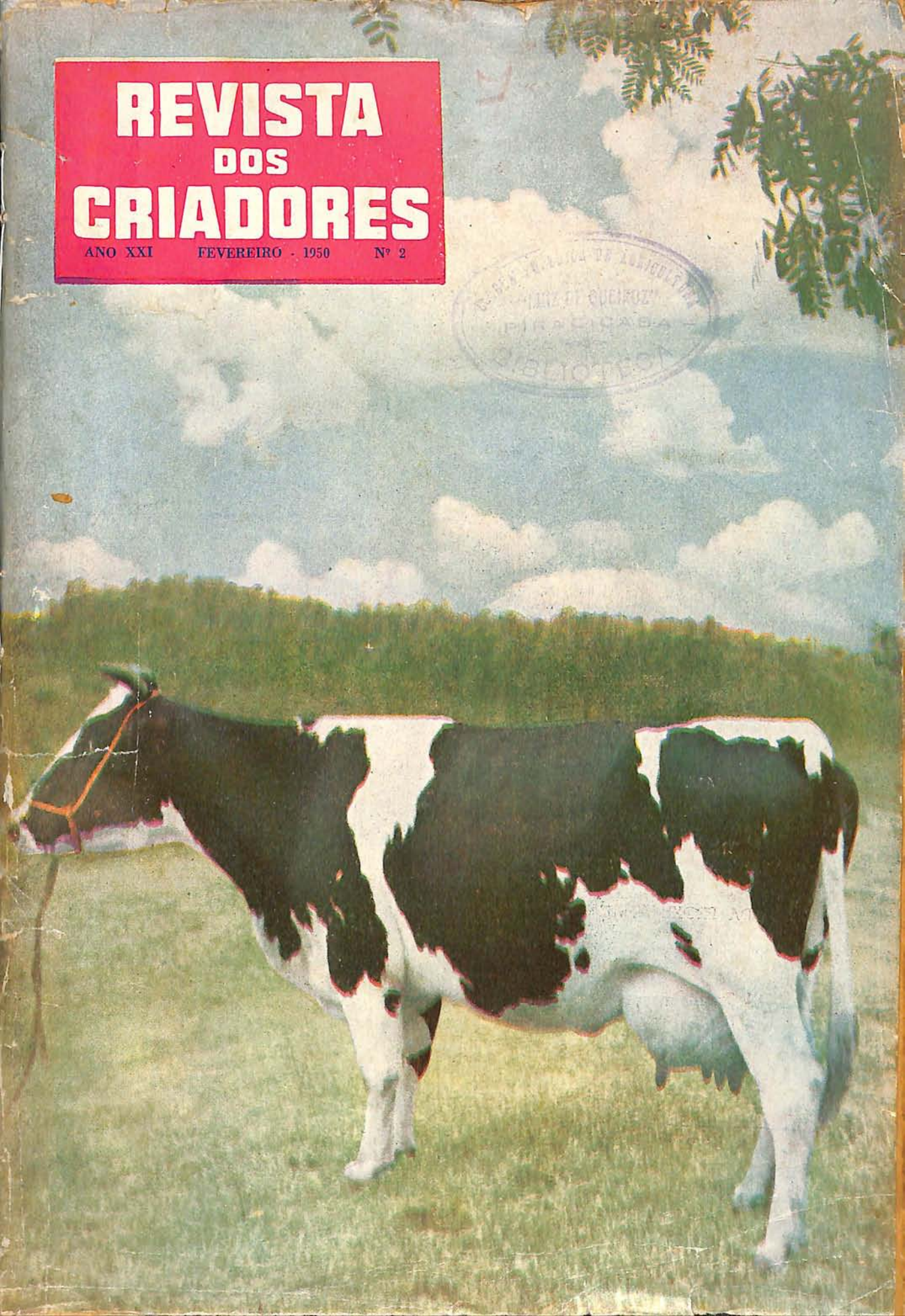


REVISTA DOS CRIADORES

ANO XXI

FEVEREIRO - 1950

Nº 2





Gado

"Holando-Argentino"

IMPORTADO PELA
PECUÁRIA IMPORTADORA GADOLEITE LTDA.

DA MELHOR ORIGEM — Seleccionado especialmente nas mais reputadas "cabanas" da Argentina.

ANTECEDENTES LEITEIROS DE 1.ª ORDEM — Das 1.000 novilhas já importadas por Dianda Lopes & Cia., elevada porcentagem atingiram a produção de 15 a 28 quilos de leite em primeira cria. Já vendemos mais de 200 novilhas para a Granja Itahyô, conforme importações feitas em Janeiro, Maio e Setembro de 1948 e Setembro e Dezembro de 1949.

GARANTIAS SANITARIAS — Vendemos novilhas com a máxima garantia sanitária: livres de Bang, de Tuberculose e imunizadas contra a tristeza. Até agora não tivemos um só recado sobre a tristeza.

CONDIÇÕES DAS NOVILHAS — Puras por cruzar, de dois e meio a três anos, boa conformação e desenvolvimento, servidas por touros de casta "pedregas" e com plenhar vivel.

DA PROXIMA REMESSA — Informamos aos Srs. Criadores que em fins do Inverno colocaremos à venda em nossa Fazenda "Argentina", em Campinas (quilômetro 7 da Estrada de Mogi Mirim) nova remessa de 120 novilhas.

5 TOUROS — Acham-se expostos no Parque da Agua Branca. Estão com 3 1/2 anos, de ótima origem, boa conformação e desenvolvimento, pesando de 600 a 1.000 quilos. Filhos de magníficos touros da grande "cabana" argentina "San Mateo", de Mouraenhas e de vacas inseridas no Registro de Controle do Ministério da Agricultura da Argentina, com produção de 4.000 a 8.500 litros de leite.

IMPORTAÇÃO — CRIAÇÃO — VENDA

Rua Líbero Badurô, 462 - 3.º andar
Fone 25320
S. PAULO

Cabana "ARGENTINA"
(Km. 7 da Estrada de Mogi Mirim)
CAMPINAS

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Prof. Pascoal Mucciolo

SECRETÁRIO

Simão Kirjner Sobrinho

REPORTAGENS:

Darcy Marques Poppe
Paulo Feijó

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

Dr. Fidelis Alves Netto
Dr. José de Assis Ribeiro
Dr. Henrique Raimo
Dr. Brenno de Moraes Andrade
Dr. Rolando Lemos
Dr. Barrison Vilares

REDAÇÃO:

Rua Senador Feijó, 30 - s/loja
Tel.: 2-8268
SÃO PAULO - Brasil



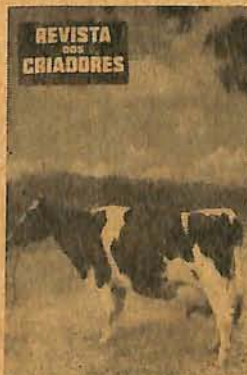
ASSINATURA

1 ano Cr\$ 60,00
Assinatura sob registro postal,
mais Cr\$ 6,00 por ano. Número
avulso em todo o Brasil Cr\$ 6,00.
Número atrasado, mais Cr\$ 1,00
por ano.



REPRESENTANTE NA ARGENTINA
E URUGUAI

Sr. Rolf Meyerhein,
Granja Elisabety,
Colônia Valdense,
República do Uruguai.



Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

ANO XXI

FEVEREIRO - 1950

NUMERO 2

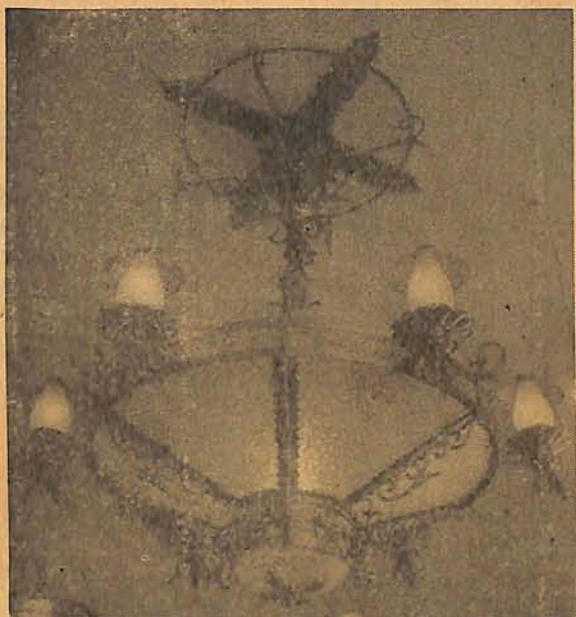
SUMÁRIO

Perspectivas para os produtores de leite — Dr. Fidelis Alves Netto	3
Entrevista do mês — A Pecuária Leiteira nos Estados Unidos e Canadá	5
Conversa com os principiantes — Há interesse entre os criadores na realização de exposições-feiras no recinto da Água Branca? — Será útil aos criadores?	15
Alimentação dos suínos — Dr. Olavo Barros de Araújo e Silva	19
Apreciando lactações — Dr. Fidelis Alves Netto	20
Conservação do solo — Dr. Honorato de Freitas	26
Registro de lavradores e criadores	29
Climatologia zootécnica — Aspectos da produção de carne em certas zonas tropicais — Dr. J. Barrisson Villares	32
Rações para o preparo final dos frangos para o corte — Dr. Henrique Raimo	52
A salga da manteiga — Dr. J. Pinto Lima	54
Custeio de construção de cerca — Repouso semanal remunerado — Dr. Rolando Lemos	55
Ervas daninhas. Cuidados na fabricação do melado e Boubas e difteria	58
Instantâneos rurais	61
Saber nunca é demais	63
A pecuária no mês	71
Relatório n. 61 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	87
Cotações dos produtos lácteos	94
Cotações do mercado de carne	96



NOSSA CAPA

"ANTONIETA GOLDENROD" — HB/ACH 1315 — A nova Campeã Nacional em produção de leite. Está com 7 anos e 11 meses. É pura de "pedigree" e em 353 dias de lactação produziu 11.325,100 quilos de leite e 327,010 quilos de gordura, ou sejam, 2,88%, sem cria e a três ordenhas. É de criação da Granja Santa Rita, de propriedade dos Srs. Ismael Chaves Barcelos e Nestor Moura Jardim, do Município de Guaíba, Rio Grande do Sul. A Direção da "Revista dos Criadores" apresenta suas congratulações aos proprietários de tão destacado animal e por ter alcançado esse significativo resultado.



A "Oficina Artística", de Aldo Casalechi, constituiu um dos pontos altos da parte industrial da I Exposição de Pinhal. Inúmeros objetos artísticos de ferro batido foram expostos por este estabelecimento. No clichê apresentamos um suntuoso lustre que causou admiração a todos os visitantes.

ASSOCIAÇÃO RURAL DO VALE DO RIO GRANDE

A 21 de janeiro passado foi empossada a nova Diretoria da Associação do Vale do Rio Grande, eleita em 16 do mesmo mês, e que terá seu mandato até janeiro de 1951.

A Diretoria recém eleita ficou assim constituída: Presidente - Isoldino Alves Ferreira; Vice-Presidente - Izidoro Coimbra; 1.º Secretário - Luiz de Gonzaga Aranha; 2.º Secretário - Nelson Alvaro de Andrade e Silva; 1.º Tesoureiro - João de Almeida; 2.º Tesoureiro - Jacomo Moza-

mer. O Conselho Fiscal é composto dos seguintes membros: Jorge Wilson Franco, Arsenio Hibler de Rezende e Agapito Lemos. São seus suplentes: João de Oliveira Guimarães, Dr. Inacio Diniz e José Jacintho da Silva.

Associação Paulista de Criadores Bovinos

★ 22 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES ★

DIRETORIA

- Presidente**
Dr. Joaquim de Barros Alcântara
- Vice-Presidente**
Dr. João de Moraes Barros
- 1.º Secretário**
Dr. Bernardo Gavião Monteiro
- 2.º Secretário**
Dr. João Batista Lara
- 1.º Tesoureiro**
José C. Moraes
- 2.º Tesoureiro**
Paulo Eduardo de Souza

DIRETOR-GERENTE

Dr. Arnaldo de Camargo

CONSELHO CONSULTIVO

Dr. Lafaiete Alvaro de Souza Camargo
Dr. Mario Masagão
Eliseu Teixeira de Camargo
José Rezende Meireles
Dario Freire Meireles
Dr. Osni da Silva Pinto
Antonio Caio da Silva Ramos
Orlando Barros Pereira
Dr. Naur Martins

SUPLENTE

Dr. Pio de Almeida Prado
Dr. Francisco Pereira Lima
Francisco Galvão Bueno
Fernando Leite Ferraz
Claudio de Carvalho

MEDICOS VETERINARIOS

Dr. Celso de Souza Meirelles
Dr. Walter Batiston

TÉCNICOS

**LEITE E DERIVADOS
E CONTROLE LEITEIRO**
Dr. Fidelis Alves Netto
Dr. Joaquim de Barros Alcântara Filho

CARNE E DERIVADOS
Dr. Pascoal Mucciolo

AVICULTURA
Dr. Henrique Raimo

GERENTE COMERCIAL
Otto Plessmann.

Rua Senador Feijó, 30 — Telefones: 2-3832 e 2-6429 — SÃO PAULO

Perspectivas para os produtores de leite

FIDELIS ALVES NETTO
Médico-Veterinário

Em virtude das melhoras havidas no preço do leite, os produtores, de modo geral, estão correndo graves riscos em sua economia. Não analizaremos as razões porque se chegou aos preços atuais e sim as suas consequências iniciais, seguidas de algumas sugestões que o contacto diário com a produção nos permitem formular.

Uma primeira decorrência da elevação do preço do leite para o produtor, como não podia deixar de acontecer, foi a de atrair maiores interesses no negócio. Muitos que não o exploravam resolveram iniciar suas atividades nesse setor e outros ainda, trataram de ampliar suas explorações. Como resultado, em quase todo o Estado, nas regiões mais longínquas cuida-se de produzir leite com um interesse crescente. No vale do Paraíba a produção vem aumentando dia a dia. Municípios que antes estavam abandonados pela indústria e onde quase não havia

interesse pela produção de leite transformaram-se em respeitáveis produtores. Há vista o que ocorre em Taubaté, Paraíbauna, Santa Branca, e outros. Na outra parte do Estado de S. Paulo em regiões em que há dez anos atrás o volume de leite produzido era inferior à metade do que então se obtinha no vale do Paraíba, alcança-se hoje talvez o dobro da produção verificada nesse vale. E, note-se, a produção do vale do Paraíba praticamente duplicou durante esse período.

Como resultado disto tudo temos hoje um grande excesso de leite. Neste período de águas (estamos em fins de janeiro de 50), a situação parece perigosa para todos. Os industriais ao que se afirma não sabem mais onde arranjar latões para tanto leite e dão tratos à bola para resolver como escoar tão grande produção. Os produtores, por sua vez já começam a sentir os efeitos da situação. Os preços não poderão ser sustentados nos níveis em que

“ R U M I N A N D O ”





Nos Estados Unidos os industriais de laticínios encomendam às companhias teatrais ou de cinema peças ou fitas alusivas ao leite e que recomendam seu uso como alimento. Neste clichê vemos duas cenas de uma peça de rara beleza em "Carnaval no Gelo de 1950" e que durante 48 semanas percorrerá 90 das maiores cidades americanas fazendo propaganda do leite.

se encontram caso a situação perdue por mais tempo. Algumas baixas já estão sendo sentidas em certas zonas, onde parece haver algum desespero por parte de industriais. A redução nos preços da manteiga e queijos está iniciada e deverá prosseguir.

E isso tudo, sem um preparo prévio do mercado pode nos trazer consequências ruins. Não houve preocupação em intensificar-se o consumo de leite e dos laticínios. A redução de preços ocorre em virtude do perigo existente na estocagem da manteiga e queijos. Sem uma propaganda bem dirigida e articulada permaneceremos com o mesmo consumo em níveis baixos, numa fase de grande produção e preços baixos. Por que não aproveitar-se o momento destas reduções para um incremento do consumo?

Esta fase que atravessamos é idêntica à dos anos anteriores, sob muitos aspectos. Por ora temos uma grande produção neste período de águas e em virtude dos últimos preços e para a próxima seca a mesma interrogação de sempre. Entretanto, com bons preços para o leite tal como está tabelado, há perspectivas de haver também uma boa produção para os próximos meses de seca, pois os que se iniciaram na produção naturalmente não a deixarão de um dia para outro. A não ser nos últimos três anos, sempre houve grande falta de

leite na seca, portanto pode acontecer que isto se repita e nesta esperança muita gente permanecerá.

Assim, podemos concluir que, a menos que tenhamos uma tremenda seca neste ano, as perspectivas não são boas para os produtores de leite. O que fazer então?

A primeira sugestão que temos, é repisar um velho assunto, o da regulamentação do sistema de pagamento do leite destinado ao consumo. A nosso ver é indispensável que o sistema seja articulado de maneira a permitir que ao produtor seja pago como leite de consumo cada litro colocado como tal em nossos centros urbanos. Se houver maior consumo o produtor receberá mais, si o consumo cair, receberá menos. Precisamos separar claramente as sobras e o leite destinado ao consumo em espécie. Si as primeiras aparecem em grande excesso que tenham prejuízos os que foram seus causadores. O bom produtor de leite para consumo, porém, precisa ficar protegido para que possa aparelhar-se devidamente e para que protegido fique o mercado consumidor. Um sistema de pagamento que vêm sendo chamado "Plano de Quotas" já está pronto e deverá ser dado à publicidade a qualquer momento. Nele colaboramos e tudo fizemos para que seja alcançado o objetivo que acabamos de expor.

Mas, não devemos nem podemos ficar só no Plano de Quotas. Há mais coisas a fazer. Precisamos cuidar com carinho de cada elo da corrente que une produtores, industriais, consumidores, e demais serviços oficiais e de abastecimentos em torno do conjunto formado pela indústria de laticínios.

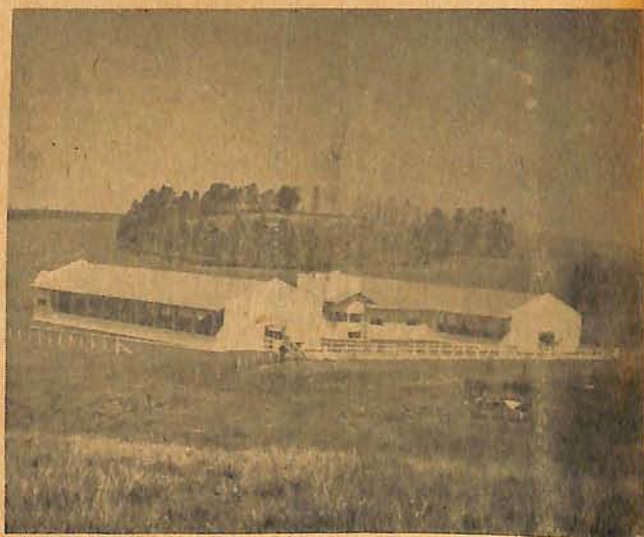
A indústria fazemos duas sugestões que já são do conhecimento comum. Sabemos que estão sendo consideradas, mas precisam caminhar com mais rapidez para o terreno das realizações. A primeira refere-se ao incremento de consumo de leite e laticínios. As 160 gramas de leite consumidas diariamente em nossa capital se fossem elevadas a 200 equivaleriam a um consumo diário de mais 80.000 litros e esta produção a mais, por certo teremos na próxima seca se soubermos nos conduzir com cuidado no atual período. Um maior consumo tanto de leite como de manteiga e queijos, na capital e no interior, poderá rapidamente transformar esta situação de preocupação atual numa fase de intenso progresso em dias próximos. A segunda sugestão é a do aparelhamento da indústria para dar escoamento à produção de excesso por preços melhores. O consumo de leite em pó está provado que é considerável em todo o Brasil. A indústria norte-americana encarregou-se de abrir e ampliar vários mercados nacionais. Com trabalho, habilidade e perseverança poderemos em poucos anos colocar grandes volumes de leite aqui produzido, criando com isso mais uma fonte de riqueza para o nosso Estado. É incontestável que existem no Brasil inúmeras cidades mal abastecidas em leite e extensas regiões onde a indústria de laticínios encontra poucas possibilidades de desenvolvimento.

Aos produtores as sugestões têm um sentido diferente. Sua colaboração também precisa ser grande e as modificações que devem introduzir no seu sistema de trabalho também devem ser profundas. De um estudo que vínhamos participando sobre custo da produção de leite pudemos tirar algumas conclusões interessantes. A primeira delas temos certeza, é básica. Trata-se da produção por animal. Estamos verificando que com o atual rebanho que exploramos e que povoa a maioria de nossas fazendas e, com o sistema de exploração adotado, nunca poderemos produzir leite economicamente.

Nossa produção média por vaca e por ano era até há pouco tempo inteiramente desconhecida. Agora já temos alguns dados a oferecer. Um trabalho de controle leiteiro com finalidade educativa foi iniciado pelo Departamento da Produção Animal. Os primeiros resultados oferecidos ainda que poucos permitem já antecipar conclusões, porque sabemos em que bases está vasado. Em 1949, foram completados os cálculos referentes a 136 lactações registradas e acompanhadas em 14 diferentes rebanhos. Destes, alguns são explorados em regime de duas ordenhas diárias; na maioria verifica-se uma só ordenha. Com exclusão de dois rebanhos incluídos no trabalho e formados por vacas mestiças, puras por cruzas registradas e mesmo algumas puras de origem, os restantes são constituídos em sua maioria por vacas leiteiras comuns, mas de boa qualidade. São rebanhos pertencentes a criadores mais esclarecidos e que concordaram em colaborar conosco neste utilíssimo trabalho de controle leiteiro. As lactações foram calculadas sempre com um máximo de 300 dias e registrou-se para as 136 uma duração média de 209,4 dias com 1.357 ks. de leite e 40,6 ks. de gordura. Se destas 136 lactações deduzirmos as 49 pertencentes aos dois rebanhos de melhor grão de sangue, a produção média das 87 lactações restantes desce a 819,5 ks. de leite e 32,2 ks. de gordura por vaca e por lactação.

Estes últimos dados representam na realidade u'a média de produção ligeiramente superior a que deve ser encontrada em nosso rebanhos comuns, localizados no Estado e que é formado por cerca de

Os produtores de leite da região de Campinas possuem ótimas instalações para a produção de leite.



350.000 vacas. Para fazer-se uma comparação e avaliarmos de fato a nossa situação organizamos o quadro abaixo com dados colhidos em diferentes origens.

PRODUÇÕES MÉDIAS POR VACA E POR LACTAÇÃO

Serviço de Controle Leiteiro da	
A.P.C.B. (1) 1.056 lactações .	2.995 ks.
Rebanho comum da Holanda ..	2.900 ks.
Rebanho comum da Dinamarca .	2.660 ks.
Rebanho comum da Inglaterra	
80% dos rebanhos	1.870 a 2.070 ks.
Rebanhos da Inglaterra (14.000)	2.660 ks.
Estados Unidos - 23.200.000 vacas	2.274 ks.
Rebanho comum de S. Paulo —	
136 lactações	1.367 ks.
Rebanho comum de S. Paulo —	
87 lactações	819,5 ks.

(1) De S. Paulo, lactações controladas nos melhores rebanhos do Estado e no período de 1945 a 1948.

Diante destes dados e comparações podemos fazer sugestões tais como: porque não cuidarmos seriamente da segunda ordenha em nossos rebanhos? Aqueles localizados próximos dos grandes centros e que pudessem fornecer leite mais novo e de melhor qualidade deveriam ter preferência e com a dupla ordenha teriam um aumento mínimo de 20% na produção total, desde que tivessem o cuidado de melhor alimentar suas vacas e afastar as que não se dessem bem com o regime e as más produtoras. Outra sugestão pode ser feita em consequência das visitas e estudos realizados nas fazendas: os bezerros machos representam um tremendo peso morto na sua economia. Casos há em que sua criação significa um prejuízo certo de pelo menos 200 cruzeiros, mesmo quando vendidos depois de desmamados por igual preço. O sistema de ensacar bezerros, trocando-os por bezerras, resolve bem o assunto.

Para não mais dilatar este comentário,

(Conclue na pág. 6)



VACA DE PATACA E TOURO DE MILHARES DE CRUZEIROS!

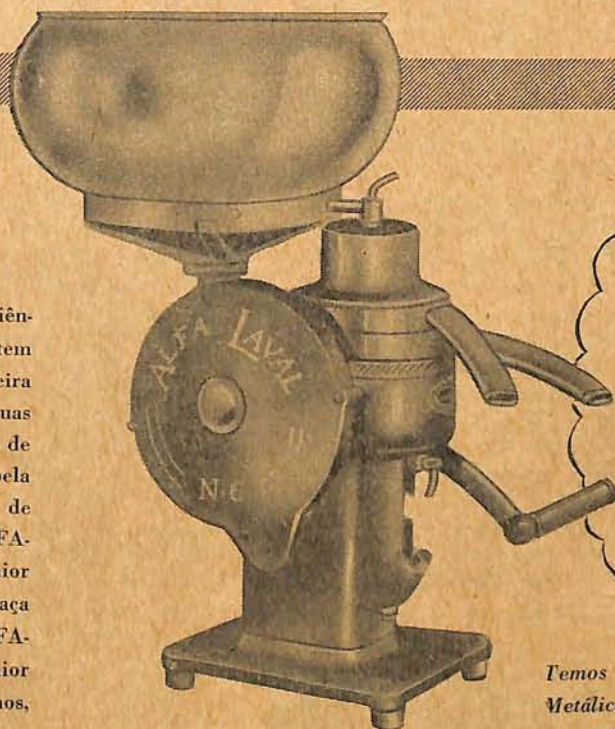
E' preciso elevar a produção média dos nossos rebanhos e para isso só se usando touros de boa origem e produção leiteira comprovada. Vejamos o caso do touro que ilustra esta nota e que foi importado para o rebanho de um colégio de nossa Capital. Descende de grandes produtoras. Todas suas ascendentes produziram mais de 12.000 a 17.500 quilos de leite em lactações. Suas quatro primeiras filhas, originárias de vacas crioulas, das quais duas aparecem no clichê, controladas pelo Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., nas suas primeiras lactações, iniciadas com menos de 3 anos produziram em 300 dias, 4.928 quilos de leite ou seja a média diária de 16 quilos e 427 gramas de leite, com 3,88% de gordura.



A Desnatadeira

ALFA-LAVAL

transforma o LEITE em LUCROS!



4 TIPOS

ROSE,
JUNIOR,
MODELO 60
INDUSTRIAL

de 45 a
5.000 litros
por hora

MAIS de 60 anos de experiência em todo o mundo garantem a eficiência da Desnatadeira ALFA-LAVAL. Solida, por suas peças das mais finas ligas de metais succos, silenciosa, pela sua lubrificação automática, de manejo muito facil, ALFA-LAVAL, a desnatadeira de maior emprego de capital. Não faça experiencias — adquira ALFA-LAVAL a desnatadeira de maior venda no Brasil. Consulte-nos, sem compromisso.

*Temos também Batedeiras
Metálicas de 5 a 25
litros de creme.*

DISTRIBUIDOR:

Cia. Fabio Bastos - Comercio e Industria

Rio de Janeiro — Rua Teófilo Otoni, 81
São Paulo — Rua Florêncio de Abreu, 828

Belo Horizonte — Rua Tupinambás, 368
Porto Alegre — Av. Julio de Castilho, 30

EFETIVOS PECUARIOS BRASILEIROS REGISTRADOS EM DEZEMBRO DE 1946

RESULTADOS DO RECENSEAMENTO DE 1940 DIVULGADOS PELO "ANUARIO ESTATISTICO DO BRASIL"

Com base no recenseamento realizado em 1940 e com numeros divulgados na ultima edição do "Anuario Estatístico do Brasil", recentemente entregue ao I.B.G.E. para publicidade, havia, em nosso país, em dezembro de 1946, os seguintes efetivos pecuarios:

Bovinos, 46.357.740; equinos, 6.768.000; asininos, 1.373.800; muares, 2.951.530; suínos, 23.814.650; ovinos, 15.542.260; caprinos, 7.363.090.

A densidade dos bovinos era de 5,44 cabeças por quilometro quadrado; a dos suínos, 2,80; a dos ovinos, 1,83; a dos caprinos, 0,86; a dos equinos, 0,79; a dos muares, 0,35; e a dos asininos, 0,16.

A distribuição pelas regiões fisiográficas revela que o Sul se classifica em primeiro lugar, no que toca ao rebanho bovino: 17.566.390 cabeças (37,90% do total apurado para o Brasil). Seguem-se, o Leste, com 15.673.670 cabeças (33,81%); o Centro-Oeste, 6.369.170 (13,74%); o Nordeste, 5.620.460 (12,12%); e o Norte, 1.128.050 (2,43%).

Com referencia ao rebanho equino, é ainda no Sul que se encontram os maiores efetivos: 2.868.280 cabeças (42,38%). Vêm, após, o Leste, com 1.915.830 (28,31%); o Nordeste, 1.211.330 (17,90%); o Centro-Oeste, 644.430 (9,52%); e o Norte, 128.130 (1,89%).

Relativamente aos asininos, a concentração maior está no Nordeste, que figura com 877.630 cabeças, ou 63,88%, cabendo

ao Leste, 424.840 (30,92%); Sul, 43.680 (3,18%); Centro-Oeste, 21.650 (1,58%); e Norte, 6.000 (0,44%).

Os muares se localizavam em maior numero nas regiões Leste e Sul, com 1.182.550 (40,06%) e 1.071.200 (36,29%) cabeças, respectivamente. Logo após, vinham o Nordeste, com 610.570 (20,69%) cabeças; o Centro-Oeste, 67.260 (2,28%); e o Norte, 19.950 (0,68%).

Quanto ao rebanho de suínos, o Sul reunia 10.908.470 cabeças, isto é, 45,81%; o Leste, 6.887.210 (28,92%); o Nordeste, 3.482.840 (14,62%); o Centro-Oeste, 2.075.910 (8,72%); e o Norte, 460.220 (1,93%).

Os ovinos somavam 10.526.980 cabeças (67,73%) no Sul; 2.977.800 (19,16%) no Nordeste; 1.824.000 (11,74%) no Leste; 124.760 (0,80%) no Centro-Oeste; 88.720 (0,57%) no Norte. No concernente aos caprinos, o primeiro lugar pertence à região Nordeste, com 4.234.760 cabeças (57,52%), seguindo-se o Leste, com 2.312.960 (31,41%); o Sul, 661.650 (8,99%); o Centro-Oeste, 99.750 (1,35%); e o Norte, 53.970 (0,73%).

No tocante às densidades, por zona fisiografia, cabiam: ao Sul, 21,28 bovinos por quilometro quadrado, 13,22 suínos, 12,75 ovinos (3,48 equinos, 1,30 muares e 0,80 caprinos); ao Leste, 12,42 bovinos, 5,46 suínos, 1,83 caprinos, 1,52 equinos, 1,45, ovinos, 0,94 muares e 0,34 asininos; ao Nordeste, 5,78 bovinos, 4,36 caprinos, 3,58 suínos, 3,06 ovinos, 1,25 equinos, 0,90 asininos e 0,63 muares; ao Centro-Oeste, 3,38 bovinos, 1,10 suínos, 0,34 equinos, 0,07 ovinos, 0,05 caprinos, 0,04 muares e 0,01 asininos; e, ao Norte, 0,32 bovinos, 0,13 suínos, 0,04 equinos, 0,02 ovinos, 0,02 caprinos e 0,01 muares.

Refinazil

O AMIGO DA CRIAÇÃO
FARELO COM 28% DE PROTEINA
A BASE DAS BOAS

Rações balanceadas



A Pecuaria Leiteira nos Estados Unidos e Canadá

Superiores ao do Brasil os rebanhos leiteiros estadunidenses e canadenses. Diferenças substanciais na condução da criação de gado. — Inseminação artificial. — Adaptaveis ao nosso meio os métodos de criação norte-americanos. — "O melhor leite do mundo". — Impressões de uma viagem aos Estados Unidos e Canadá. — Fala à "Revista dos Criadores" o sr. Dario Freire Meirelles.



Em recente viagem aos Estados Unidos da America e ao Canadá, onde foi adquirir reprodutores para seu rebanho, o sr. Dario Freire Meirelles, criador de



Sr. Dario F. Meirelles

gado Holandês preto e branco e proprietário da Granja São Martinho, de Campinas, teve oportunidade de observar na-

queles dois países o desenvolvimento da pecuária leiteira e visitar inumeras fazendas e varias estações experimentais.

Com a aquisição de exemplares daqueles dois países norte-americanos, o sr. Dario Freire Meirelles acaba de enriquecer grandemente o seu belo plantel, do qual faz parte a produtora "Manoelita", com 9.070 quilos de leite em 365 dias, detentora do "Balde de Ouro", instituido pelo Serviço de Controle Leiteiro da A.P. C.B.

Entrevistado pela "REVISTA DOS CRIADORES", s. s. abordou diversos aspectos do desenvolvimento e dos trabalhos ligados à pecuária naquelas duas nações do norte.

Depois de responder a diversas perguntas, que vão abaixo publicadas, o sr. Dario Freire Meirelles discorreu amplamente sobre outros aspectos agropastoris dos referidos países.

Na sua opinião, qual o grau e a extensão de desenvolvimento do rebanho leiteiro norte-americano comparativamente ao nosso?

— "O rebanho leiteiro norte-americano e também o canadense, estão em um grau enormemente mais elevado que o nosso, tanto em tipo como em produção de leite e graxa.

Já admirava muito as Holandesas americanas e canadenses "Holstein-Friesian", encarando o lado produção, pois, pelos algarismos obtidos nas revistas e em outras publicações, pode-se facilmente ver que em matéria de produção de leite e graxa estão distanciadas da criação dos outros países. Entretanto, verifiquei que mesmo na sua conformação e rusticidade são animais superiores.

Vi em toda parte ótimos exemplares, não só nas seis exposições que visitei, como também nas granjas e isto tanto nas grandes como nos pequenos sítios, que formam aliás, a quase totalidade, pois poucos são os grandes criadores de gado leiteiro nesses dois países.

Julgando pelo que até há poucos anos foi importado por nós, tinha a impressão de que o gado daquelas paragens, fosse mal conformado e franzino; entretanto, me convenci de que até hoje só havíamos importado, com raras exceções, animais de classe inferior, principalmente quanto ao tipo, como existe naturalmente em toda parte.

Fiquei surpreso ao ver vacas belíssimas, enormes, de conformação leiteira perfeita, docéis, sobressaindo uberes perfeitos, para o que todos os criadores dão a maior atenção, principalmente no Canadá, na linhagem "Rag Apple", hoje disseminada nos Estados Unidos, sendo que em todas as granjas que visitei neste país, encontrei animais desse sangue canadense, exceção feita à Pabst Farms, que tem um tipo e linhagens próprias, também com excelentes uberes.

Enfim vi nesses dois países um gado extraordinariamente leiteiro, e na sua seleção estão com a preocupação constante de quatro pontos principais:

- 1º — Produção de leite abundante em regime normal, sem exageros de alimentação.
- 2º — Elevação da porcentagem de graxa, já agora na maioria dos casos acima de 4% (Note-se que a Campeã Mundial Absoluta em produção de graxa, é canadense).
- 3º — Tipo leiteiro perfeito, dando sempre a maior atenção para a conformação dos uberes.
- 4º — Longevidade. Este é um dos pontos a que dão a maior importância. Vi em todas as granjas que visitei, vacas de 12, 15 e 18

anos de idade, ainda em franca produção e, o mais extraordinário, com os uberes ainda em bom estado e suas tetas perfeitas."

Em linhas gerais, há diferenças substanciais na condução da criação de gado leiteiro nos Estados Unidos e no Brasil?

— "Existem diferenças substanciais na maneira da criação do gado leiteiro, tanto nos Estados Unidos como no Canadá, em comparação com o Brasil. Eles dão excepcional importância à qualidade de suas vacas, preferindo "pouco gado e muito leite", que "pouco leite e muito gado". Isto é naturalmente lógico, mas, infelizmente, não é o que se passa entre nós.

Para chegar a este fim, atribuem importância capital ao bom touro, principalmente à sua capacidade de transmissão. Todos buscam um indivíduo bem conformado e dão excepcional importância ao seu "pedigree", quer dizer à sua ascendência. Querem saber, e se possível, ver, sua mãe, suas avós e suas irmãs. Querem saber como se portaram suas bisavós e tataravós, principalmente quanto à produção e longevidade. Ao lado disso fazem uma seleção continua, eliminando os animais mais fracos, que não correspondem ao programa de cada granja.

Aqui está o ponto fraco de nossas criações, pois raros são os criadores que dão a importância necessária a esta seleção e às qualidades de um touro transmissor. Em geral, mesmo entre os grandes criadores, é normalíssimo encontrar-se touros mestiços ou "pseudo-puros", justificando-os sempre como "puros sem registro" e muitas vezes inferiores às vacas com as quais vão ser acasalados. Nunca, quase nunca, sabem esses criadores, quantos quilos de leite deu a mãe de seu touro em uma lactação completa e muito menos suas avós e bisavós. Quanto muito dizem saber que produziu 20, 25 ou mesmo 35 litros de leite e assim mesmo ignoram quanta espuma havia nesses litros de leite, pois raríssimos são os que pesam o leite produzido por suas vacas.

Naqueles países levam muito a sério, como o principal fator de seleção, o controle leiteiro, feito pelo governo ou por associações e julgam esta a única maneira de se verificar e principalmente de se registrar a produção leiteira de cada indivíduo, valorizando sempre a futura descendência, que sem isto ficaria sem os

dados mais importantes para a sua valorização como reprodutores de valor econômico".

Está muito difundida nos Estados Unidos a inseminação artificial no aperfeiçoamento do rebanho?

— "Exatamente pela importância capital que dão ao touro no desenvolvimento do rebanho, tratam de aproveitá-lo ao máximo, com a inseminação artificial e este é um dos principais fatores do grande rendimento e grande uniformidade dos rebanhos daqueles países. Procuram sempre o "touro provado" e, quando o encontram, exploram esse reprodutor ao máximo e até o fim de sua vida.

Todos os grandes criadores tem sempre touros novos em prova e observação, e só usam intensivamente o touro que provar o melhor, o touro cujas filhas superarem não só o tipo como a produção de suas mães. Já com os criadores menores, aos quais não convém ter tourinhos em prova, dão então preferência às cooperativas de inseminação artificial, existentes em todos os recantos desses países. Estas cooperativas compram e pagam muito bem os touros provados que encontram à venda e como estes são raros, provam também os seus tourinhos, que adquirem sempre dos criadores mais adiantados e organizados".

Acha adaptáveis ao criador brasileiro os métodos de criação norte-americanos?

— "Os métodos de criação norte-americanos são em parte adaptáveis ao nosso meio, levando-se em conta o ambiente de clima, pastagens e mercado de cada região do nosso enorme país.

Temos sobre aqueles dois países a grande vantagem do "verde-perene" que os nossos criadores podem ter desde que para isso trabalhem. Os norte-americanos e canadenses têm um inverno rigorosíssimo, com metros de neve durante meses, obrigando-os a estabular totalmente todos os seus animais.

Durante o verão, sofrem um calor ainda mais forte que o nosso e são obrigados a produzir forragens, não só para essa época, como também para armazenar (grãos, feno e silagem), o suficiente para a alimentação total de cinco meses de inverno. Entretanto, temos contra nós as pragas e doenças, como o berne, o car-

rapato e a aftosa, mas estas duas últimas, hoje já são eficientemente combatidas; o carrapato em 100% e a Aftosa, em grande porcentagem e só excepcionalmente esta doença ataca as fazendas mais adiantadas, devido a alguma falha, ou da qualidade das vacinas ou dos cuidados na sua aplicação.

Assim as nossas condições naturais são, talvez, superiores às deles, e penso sermos capazes de superar, ou pelo menos igualar as altas produções obtidas naqueles países. Isto naturalmente com uma orientação segura e um gado de melhor classe".

Quais os pontos a sugerir?

— "Precisam os nossos criadores aumentar as médias de produção de seus rebanhos, melhorando a qualidade de suas pastagens, usando somente touros de origens realmente leiteiras, fazendo seleção sistemática com a eliminação sem dó dos animais inferiores e portanto antieconômicos.

Com isto poderiam obter mais leite com menor rebanho, aproveitando as terras que fatalmente ficariam disponíveis, com culturas, que iriam produzir as forragens necessárias para melhor alimentação dos rebanhos, sobrando sempre algo para venda e barateamento da produção geral da fazenda. Devem plantar leguminosas, (abundantes naqueles países) que são quase inexistentes nas nossas pastagens. Um alimento barato e indispensável para o bom crescimento dos animais e para a boa produção de leite. Procurar,

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S/A

(Banco Oficial do Governo do Estado)

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 100.000.000,00

**Depósitos - Empréstimos - Câmbio
Cobranças - Transferências - Títulos.
As melhores taxas - As melhores condições - Serviço rápido e eficiente.**

**Praça Antonio Prado, 6 - End. Tel. "Banespa"
Telefone 3-4101 — Caixa Postal, 60-B
SÃO PAULO**

**53 agências no Interior do Estado, uma no
RIO DE JANEIRO, e outra em CAMPO
GRANDE (Estado de Mato Grosso).**

entretanto, leguminosas rústicas e adaptáveis economicamente à cada região, deixando de lado a crença de que a única leguminosa boa é a alfafa, quando existem tantas outras até superiores a esta e adaptáveis à cada região.

Nisso, o Ministério da Agricultura e as Secretarias dos Estados têm que desempenhar um importante papel, que é o da seleção e indicação das leguminosas adaptáveis à cada região, fornecendo sementes aos que delas necessitarem. Essa função tem sido desleixada até hoje, como se os únicos alimentos existentes fossem os cereais, aos quais dedicam relativa atenção, quando o feno de leguminosas é tão importante quanto os grãos, isto na alimentação animal, e naturalmente refletindo na alimentação humana. Para que se criam os animais, senão direta ou indiretamente para a nossa alimentação?"

Acredita que os mercados americano e canadense de reprodutores possam concorrer com vantagens economicas e zootecnicas sobre os demais centros criadores tais como Holanda e Argentina?

— "Como a quase totalidade do gado leiteiro em nosso país é mestiço, pequeno e de pouca produção, acredito que os mercados americano e canadense de reprodutores concorrem com vantagem zootécnica com o da Holanda, pois é um gado muito maior, tão rústico quanto aquele e de muito maior capacidade de produção, pela sua especialização. Principalmente a conformação dos uberes, nesses países, é muito superior e menor que o europeu, o que é enorme vantagem para nós que não temos pastagens razas. A Argentina é a fonte ideal para se buscar ventres puros por cruzar, mas os seus melhores reprodutores são também importados dos Estados Unidos e Canadá ou da Holanda, conforme o critério de cada criador.

Quando a preços, estes dependem de um grande número de fatores, como "pedigrees", tipo, etc., mas são razoáveis e universais e assim é que mesmo para a Europa tem havido ultimamente, principalmente para a Inglaterra e Itália, grandes carregamentos de reprodutores Holstein-Friesian, principalmente do Canadá".

A produção leiteira nos Estados Unidos está alicerçada em bases economicas?

— "Certamente, a indústria leiteira nos Estados Unidos está alicerçada em bases economicas, sendo uma das maiores fontes de produção daquele país, maior mesmo que a do petróleo".

Qual a situação economica geral do criador nos Estados Unidos em face do constante aumento das utilidades?

— "Não existe nos Estados Unidos, criador propriamente dito, salvo raras exceções. São granjeiros e suas granjas são todas mistas, fazendo sempre agricultura e pecuária concomitantemente. Chegaram à conclusão de que uma atividade completa a outra, a agricultura suprimindo o alimento para o gado e este fornecendo adubo para aquela. Todos mostram-se satisfeitos e com um padrão de vida muito bom, se bem que trabalhando bastante, de sol a sol e isto, desde o proprietário e sua família até os poucos empregados de que dispõem.

O melhor empregado do fazendeiro é a máquina, pois tudo lá é mecanizado e usam o braço humano, que é caríssimo, o menos possível. Não vi, nem para amostra, uma única vaca ordenhada a mão. Tanto nos Estados Unidos como no Canadá, a ordenha é feita sistematicamente a máquina.

Pelo menos nos Estados que visitei, New York, New Jersey, Pennsylvania, Ohio, Indiana, Illinois, Wisconsin e Michigan e no Canadá, Ontario e Quebec, a agricultura é quase 100% mecanizada, desde o preparo das terras, sementeiras, cultivo, colheita e beneficio, usando eles trabalho manual o menos possível.

É incrível a quantidade e variedade de máquinas que cada sítio possui e mais incrível ainda é a mínima quantidade de pessoal com que cada granja conta. Entretanto, os poucos camaradas utilizados, trabalham conscientemente; trabalham para produzir e não somente para receber seus salários mensais, certos de que direta ou indiretamente o bom rendimento de seu trabalho traz o seu bem estar próprio, o de seu patrão e do seu país.

Na mecanização, na consciência do dever do trabalho, além da organização perfeita, que aliás vem de cima para baixo, é que reside o segredo da riqueza e grandeza dos Estados Unidos."

Qual o amparo oficial de que dispõe o

produtor de leite norte-americano?

Ignoro exatamente qual o amparo oficial de que dispõe o produtor de leite norte-americano, mas vê-se facilmente que o agropecuarista tem das diversas Estações Experimentais, não só oficiais, como de diversas Universidades e outras organizações particulares, o maximo de assistência e ensinamentos, sendo que o trabalho experimental naquele país é intenso e não pára nunca e os seus resultados são logo propagados e incentivados."

As qualidades bacteriológicas e organolépticas do leite certificado americano são superiores às do leite tipo "A" de São Paulo?

— "Sendo o Leite Certificado Americano sempre citado como o "melhor do mundo", quis visitar algumas granjas especializadas para ver se realmente tinha algo de melhor que o nosso tipo "A". Positivamente, é um leite ótimo, mas, principalmente quanto às qualidades bacteriológicas fica aquém do nosso. Aliás, sendo nosso "A" um leite praticamente esteril, seria impossível encontrar um melhor, mas a realidade é que nem igual encontrei. Os técnicos americanos que viram algumas análises que levei do leite de minha granja, ficaram surpresos e mesmo admirados com as suas cifras magníficas.

Com a mão de obra caríssima como eles têm, não é possível certos trabalhos indispensáveis, como lavar diariamente, com água e sabão, todas as vacas em ordenha, como fazemos, e assim outros serviços necessários para se conseguir um leite como o nosso, com contagens que variam de 5 a 50 colônias de germes por ml., somente excepcionalmente passando disso.

A pesar de não termos o habito de afirmações como esta, podemos afirmar, sem medo de exagerar, que o leite tipo "A", produzido no nosso Estado de São Paulo, é, pelo menos como qualidades bacteriológicas e organolépticas o "melhor leite do mundo". Entretanto, a diferença existente entre os diversos tipos de leite dos Estados Unidos não é tão grande como aqui. É relativamente pequena, todos eles bons, ao passo que entre nós existe entre os diversos tipos uma diferença fantástica sob todos os aspectos. Lá, a fiscalização é rigorosa para todos os tipos de leite e a consciencia dos produtores é igualmente honesta em todos. En-

tre nós a fiscalização do leite "A" é perfeita e rigorosa, talvez exageradamente rigorosa; mas isto tem valido para manter um tipo de leite unico no mundo e que sem isso já teria desaparecido. Oxalá esse rigor perdure. Já no "B" existe uma fiscalização razoavel, quase que somente quanto ao seu exame bacteriológico. No "C" a fiscalização é exclusivamente nas usinas, isto é, no beneficio.

Temos ainda o "leite dos vaqueiros"! Clandestino, fraudado e proveniente de rebanhos com altíssima porcentagem de tuberculose e brucelose. Os produtores deste leite são verdadeiros privilegiados, pois não têm absolutamente obrigações de especie alguma, nem de qualidade do produto, nem do tabelamento de preço, vendendo esse leite por um preço quase igual ao nosso "A" e bem acima do tipo "B"!

Assim todo o leite dos Estados Unidos pode ser considerado muito bom ao passo que, entre nós, temos os dois extremos: o melhor possível e o pior possível, sendo que a quase totalidade de nossas donas de casa ignora essa realidade, pois as nossas autoridades nunca quiseram esclarecê-las, deixando-as ignorar as qualidades excepcionais do leite tipo "A" que produzimos, isto para não ter que confessar o desleixo criminoso na injustificável não fiscalização e nenhuma profilaxia dos rebanhos das redondezas da Capital do Estado de S. Paulo".

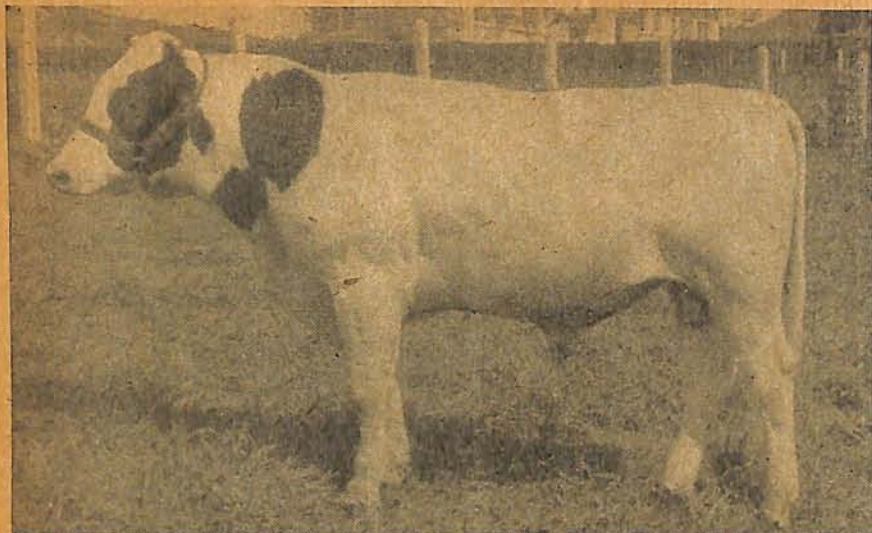
SOCIEDADE PAULISTA DE MEDICINA VETERINARIA

Dia 27 de fevereiro, às 20 horas, no salão nobre da Faresp, à rua Barão de Itapetininga 224 - 1.º andar, foi empossada a nova diretoria da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária eleita para o exercício de 1950, assim constituída:

Presidente - Dr. Quineu Corrêa. 1.º Vice - Dr. Paulo Bueno. 2.º Vice - Dr. Renato Lopes Leão. 1.º Secretário - Dr. Angelo V. Stopiglia (releito). 2.º Secretário - Dr. Leopoldo Gioso Sobrinho. Secretário de Sessões - Dr. Enio Di Franco. 1.º Tesoureiro - Dr. Ernesto Antônio Matera (releito). 2.º Tesoureiro - Dr. Flávio Palestino. Orador - Dr. Lino Lourenço Vellini.

Comissão de Sindicância:

Prof. dr. S. N. Piratininga (releito). Dr. Armando Chieffi (releito). Dr. Francisco de Paula Assis (releito). Dr. Leovigildo Pacheco Jordão. Dr. Antônio Carlos de Campos Salles.



"RISOTO" - EEPA - 628 - HBB.
Da raça Holandesa, preta e bran-
co, nascido em 3 de Março de
1948, por "Ormsby Homestead
Segis Mead" e "Nebraska" EEPA
425.



FAZENDA «SANTA MAGDALENA»

PROPRIETARIA:

**D. LUCINDA VILLAS
BOAS NOVAES
E FILHOS**

P I N H A L
Estado de São Paulo



"DALILA" - APCB 7851 - RHPB
Crioula da fazenda e nascida e
nascida em 15 de janeiro de
1945. Filha de "Pedro" e "Far-
roma", A.P.C.B. 7.846.

"MARGARIDA" APCB - 9.746
HPB. Crioula da fazenda. Filha
de "Marujo" EEPA 406. Reg.
666 e "Amazonas" 11 - 7863.

CONVERSA COM OS PRINCIPIANTES

"Ha interesse entre os criadores na realização de exposições-feiras especializadas no recinto da Agua Branca? Será util aos criadores?"

O que acha V. S. do esquema para essas exposições apresentado abaixo, e que já foi objeto de solicitação da A. P. C. B. ao Departamento da Produção Animal?

CERTAMES ANUAIS E EM DATA FIXA

- | | |
|---------------|--|
| 1ª semana | EXPOSIÇÃO E JULGAMENTO |
| 2ª semana | FEIRA E LEILÃO |
| 1º semestre | GADO DE CORTE
CAVALOS PARA FINS MILITARES
ASININOS
PRODUTOS DERIVADOS |
| 2º semestre | GADO LEITEIRO
CAVALOS MANGALARGA
PRODUTOS DERIVADOS |
| Intermediária | SUINOS
OVINOS
CAPRINOS
AVICULTURA
PRODUTOS DERIVADOS |

Homens do maior tirocínio conversam aqui com os que se iniciam ou pretendem iniciar-se na vida do campo. Mês por mês a "Revista dos Criadores" ouve figuras destacadas na economia agrícola e apresenta nesta secção suas respostas e perguntas formuladas pelos leitores e por nós próprios.

Na edição de novembro último da "Revista dos Criadores" apresentamos aos nossos leitores as primeiras respostas à enquete que iniciamos a respeito da utilização do recinto do Parque da Água Branca, onde se situa o Departamento da Produção Animal, da Secretaria da Agricultura, para a realização de exposições-feiras especializadas de animais.

Além das respostas que divulgamos na seção "Conversa com os Principiantes", onde vários tecnicos, elementos destacados pertencentes a prestigiosas entidades associativas e, mesmo, membro do D. P. A. externaram sua opinião a respeito de tão

palpitante assunto, publicamos na "Entrevista do Mês" o abalizado pensamento do dr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo, que abordou assunto relacionado com as Exposições de Animais e o interêsse pela criação do gado leiteiro.

O conhecido engenheiro-agrônomo, que além de ser um profundo conhecedor dos problemas ligados à pecuária brasileira e um dos mais antigos criadores de gado Holandês, preto e branco, delineou em palavras gerais a importância e os benefícios que poderão advir da realização de certames anuais onde os criadores brasileiros possam apresentar animais de suas crias,

vindos de todos os recantos do país, transformando-se, assim, em verdadeiro veículo de irradiação e estendendo-se o interesse pela criação de gado.

O assunto, conforme já tivemos oportunidade de divulgar, é iniciativa da Associação Paulista dos Criadores Bovinos. A realização de certames anuais e em

data fixa, a efetuar-se no recinto do Parque da Água Branca, foi sugerida às autoridades competentes pela A. P. C. B.. Concretizada a idéia, essa entidade, além de conseguir mais um benefício para os que se dedicam ao aperfeiçoamento de seus exemplares, obterá, sem dúvida, um consequente estímulo entre todos os nossos criadores.

Iniciamos, por esse motivo, em novembro passado, uma enquete entre todos os que se interessam pelo desenvolvimento da nossa pecuária e que nessa edição — com respostas de elementos da hinterlândia, embora em pequeno número — estamos prosseguindo. Em futuros números da revista, continuaremos na divulgação de opiniões sobre tão relevante assunto.

RESPOSTAS DO INTERIOR

GUARATINGUETÁ

Sr. Antonio Coelho Guimarães — Sr. diretor. Quanto à sua prezada consulta, é o seguinte o meu parecer: A realização de exposições-feiras é uma iniciativa prática e útil, cujo fomento, tanto ilustrativo como econômico, só poderá redundar em benefício dos criadores e do país.

Parabens à Associação Paulista por mais essa realização.

VINHEDO

Sr. Manoelito Junqueira — Tais são as opiniões, e todas elas respeitáveis, sobre o assunto que, qualquer que surja a mais, seria como que “chover no molhado”. Em todo o caso, para satisfazer ao seu atencioso pedido, formulo aqui a minha modesta opi-

AGROXONE

ervicida seletivo, à base de “Methoxone”, para o controle da “TIRIRICA” e de diversas espécies de ervas daninhas.

“Deenate 50-W” e “Lexone 10-GW”

insecticidas para combater os carrapatos do gado e grande número de pragas da lavoura. Não prejudicam a saúde das rezes, nem fazem baixar a produção do leite ou a capacidade de trabalho dos animais após as aplicações.

Pedam folhetos e informações à SECÇÃO AGRÍCOLA



INDÚSTRIAS QUÍMICAS BRASILEIRAS

«DUPERIAL» S. A.

Rua Brigadeiro Tobias, 470, 2º andar

Caixa Postal, 112-B

SÃO PAULO

nião, não de técnico, mas de amador, pronunciando-me inteiramente de acôrdo não só com a feliz idéia lançada, como com o seu esquema. As exposições-feiras trarão, além das vantagens já expendidas por autoridades em matéria de pecuária e indústria animal, a maior e melhor relação entre os pecuaristas, que terão oportunidade de, num verdadeiro salão de Juri, trocar suas idéias e pensamentos sobre assunto de tamanha relevância para nossa terra.

Haverá, outrossim, maior difusão dos produtos selecionados e, consequentemente, maior interesse no incremento à sua produção.

RIBEIRÃO PRETO

Sr. Ubirajara Roxo — Há muito interesse para estas exposições e o seu valor como elemento educacional e de aperfeiçoamento demonstra sua utilidade.

Acho completo o esquema apresentado pela Associação Paulista dos Criadores.

RIO CLARO

Sr. Walther Kaestner — Há grande interesse entre os criadores pela realização de exposições-feiras especializadas no recinto da Água Branca. São muito úteis.

O esquema apresentado pela A. P. C. B. é muito bom. Achei até mesmo falta de datas fixas de tais exposições. Lembro-me das Exposições-Feiras na Alemanha já antes da primeira guerra. Sei que despertaram sempre enorme interesse, não só no meio agro pastoril, como quase em toda a população, ocasionando sempre grande movimento.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

(Conclusão da pág. 27)

adubações, sem nenhum cuidado especial, muitas vezes até sem nenhuma máquina agrícola...

E o resultado da falta de provisão dos nossos lavradores começa a refletir-se na

economia do país. Marília, que foi a moça de café em São Paulo, sentiu de tal maneira a erosão que até ruas em plena cidade foram arruinadas; o município de Campinas e muitos outros já estão se beneficiando dos trabalhos planejados pelo Instituto Agrônomo, em prol da defesa do solo paulista. Oxalá que a política de conservação do solo imaginada pelo atual titular da Agricultura encontre eco em todo o Brasil.

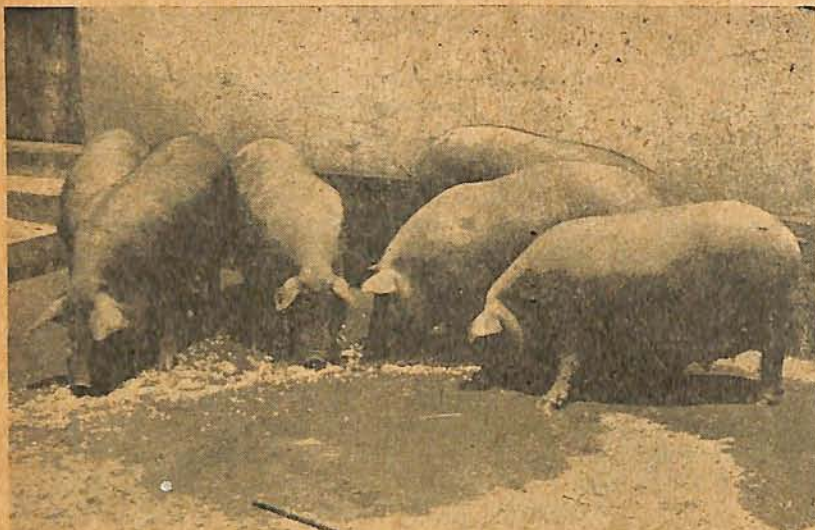
Do projeto da Lei Agrária organizado pelo Prof. Afranio de Carvalho e aceita pelo executivo, que a mandou ao Parlamento Nacional, consta a criação de um Departamento de Conservação do Solo. Não há dúvida que esse passo inicial será de grande proveito para a agricultura brasileira.

Está claro que um departamento dessa ordem terá que destinar-se a: 1) promover e conduzir investigações sobre o palpitante problema, afim de conhecer a extensão dos prejuízos ocasionados pela erosão e outras causas de perda de solo; 2) planejar um serviço de assistência aos lavradores, onde exista o problema, ou onde haja o que conservar e defender no solo; 3) organizar e difundir normas de defesa e conservação do solo para serem seguidas pelos agricultores; 4) organizar e manter cursos de conservação do solo para agricultores, através de um setor de educação bem organizado; 5) desenvolver uma campanha educativa por meio da imprensa, radiodifusão e cinema, visando captar a participação dos interessados no problema de conservação e defesa do solo.

Além disso, realizar a política de conservação que for adotada pelo Governo para que possamos oferecer combate seguro à erosão e demais causas de esgotamento do solo, porque, se assim não acontecer, então estaremos cavando a nossa ruína econômica, perdendo as nossas terras de cultura e encarecendo a produção brasileira.

Vamos, pois, todos nós, técnicos e lavradores, cuidar do solo onde fundamos as nossas culturas.

POUCO CAPITAL E MUITO LUCRO A



Os suínos domésticos são considerados animais que possuem a maior capacidade de transformação dos alimentos em outras utilidades mais valiosas. São onívoros (comem de tudo) mas têm o aparelho digestivo relativamente pequeno, razão por que lhes convem rações de concentrados, isto é, de forragens que, em pequenas quantidades, fornecem muita substância nutritiva.

Digerem mal a celulose: por isso, devemos evitar o emprego de palhas e até mesmo o predomínio de folhagem na sua alimentação, embora seja o "verde" indispensável na ração de qualquer porco.

Nenhuma espécie é mais exigente de proteínas de origem animal; mesmo nas rações de engorda, onde as forragens proteínicas reduzem-se à metade das doses de outras rações, a tancage ou a farinha de sangue deve participar das misturas de alimentos para suínos.

Onívoros embora, agradeçam economicamente as rações gostosas, por isso que convem a condimentação com sal de cozinha, o que aliás nunca deve falta em dose conveniente — 1,5 a 2%, do peso das refeições.

Tratando-se de uma das espécies que mais intensamente elaboram os seus produtos, os porcos são os animais que mais se ressentem quando faltam ou se desequilibram os alimentos, sobretudo na "relação nutritiva", isto é, na relação quantitativa entre proteínas e hidratos de carbono, (incluimos gorduras) contidos na ração; há hoje, para isso, quem aconselhe misturar-se separadamente o alimento proteínico em comedouros automáticos à disposição dos animais, a fim de que possam tomar destes alimentos a quantidade que quiserem, de acordo com as próprias necessidades. Estas necessidades variam com os indivíduos, porém a maior variação se verifica entre as diferentes categorias, conforme veremos a seguir.

Podemos dividir o rebanho suíno em dois grupos: *animais de plantel* e *animais de engorda*.

Ao primeiro grupo pertencem os varrões, varronetes, porcas em gestação, paridas e leitões; ao segundo, os porcos de cava. Quanto a este último convém anotar que o capado, no período de crescimento, pertence ao primeiro grupo, porque nessa idade tem necessidade de crescer e não de engordar; e somente depois de atingir o tamanho desejado, quando já formou a "caixa" que vai encher, é que passa a pertencer ao segundo grupo, dito de "engorda", isto é, dos que devem ser alimentados para engordar.

ALIMENTAÇÃO DOS SUINOS

OLAVO BARROS DE ARAUJO E SILVA
Eng. Agrônomo, do Serviço de Informação Agrícola

PLANTEL

Para os suínos deste grupo indicaremos uma mistura padrão:

Quirera de milho	60 partes
Farelo de trigo e de arroz	30 partes
Tancage	10 partes

Sal	100 partes
Ossos moidos	1,5%
Verde e água limpa, à vontade.	2%

Milho (fubá ou quirera)	65 partes
Farelos de trigo e de arroz	30 partes
Tancage	5 partes
Sal	1 parte

Cada quilo desta mistura atende à nutrição de 50 ks. de peso vivo. Substituindo-se(dentro das possibilidades, o milho, o trigo e o arroz por tubérculos (no máximo de 2/3) teremos para um capado de 100 ks.:

a) de acordo com o padrão, quantidade para nutrir 100 ks. de peso vivo.

Milho (fubá ou quirera)	1.300 grs.
Trigo de arroz	600 grs.
Tancage	100 grs.
Sal	20 grs.

b) fazendo a substituição por tubérculos:

Milho —
1/3 da dose — 500; substit. 800 grs.

Trigo e arroz —
1/2 da dose 200; substit. 400 grs.

Tancage	100
Sal	20
Tubérculos	4.000
	1.200 grs.

A porção acima apontada deve ser ministrada de duas vezes, pela manhã e à tarde; de sorte que, em cada refeição, entre metade, mais ou menos.

E' interessante manter-se, permanentemente, à disposição dos animais a seguinte mistura de sais:

Ossos moidos	40 partes
Cal extinta ao ar	22 partes
Carvão de lenha moída	10 partes
Enxofre em pó	5 partes
Sal moido	20 partes
Sulfato de ferro	3 partes

Dessa mistura estimem-se as seguintes quantidades:

Varrões grandes (240 ks. em média)	5 ks. por dia
Varrões menores (240 ks. em média)	4 ks. por dia
Varronetes e marrões (até 150 ks)	3 ks. por dia
Porcas gestantes grandes (200 ks.)	5 ks. por dia

Porcas gestantes menores	4 ks. por dia
Paridas grandes com mais de 4 crias	6,5 ks. por dia
Paridas grandes com menos de 5 crias	5,5 ks. por dia
Paridas pequenas com mais de 4 crias	5,5 ks. por dia
Paridas pequenas com menos de 5 crias	5 ks. por dia

Leitões desmamados	700 a 1.000 grs.
Capadetes (antes da engorda)	1.000 a 2.000 grs.

Como se vê, estamos fazendo referência a suínos de raças de grande porte; para raças de pequeno porte basta guardar as devidas proporções.

A tancage poderá ser substituída por farinha de sangue: 700 gramas de farinha de sangue substituem 1.000 gramas de tancage.

Metade, destas doses (sangue ou tancage) pode ser também substituída por dois tantos de soja moída, ou por leite desnatado, na proporção de 13 ks. de leite desnatado para 1 k. de tancage ou 700 gramas de farinha de sangue ou, ainda, para 2 ks. de soja.

Alguns exemplos de misturas perfazendo 4 ks., quantidade necessária para 200 ks. de peso vivo, guardando as proporções ou equivalências da mistura padrão:

Quirera ou fubá grosso	2.400 grs.
Farelo de trigo	400 grs.
Farelo de arroz	800 grs.
Tancage	400 grs.
Mistura de sal/ossos (proporção: 1,5% para 2%)	150 grs.

Outro:

Quirera ou fubá grosso	2.400 grs.
Total de trigo e arroz (farelos)	1.200 grs.
Farinha de sangue	280 grs.
Mistura sal/ossos	150 grs.

Outro:

Quirera ou fubá grosso	2.400 grs.
Total de arroz e trigo (farelos)	1.200 grs.
Tancage	200 grs.
Leite desnatado (ou 300 grs. de soja)	2.600 grs.

Para baratear o custo da alimentação, ou melhor, para se aproveitarem os recursos da fazenda, pode ser substituída metade dos produtos de grão (não alterar a tancage ou seus sucedâneos) por tubérculos ou raízes tuberosas, como a mandioca, na proporção de 5 ks. de tubérculos para cada quilo e meio das forragens substituídas.

Exemplo:

Quirera	1.200 grs.
Farinha de trigo	200 grs.
Farinha de arroz	400 grs.
Farinha de sangue	280 grs.
Batata ou mandioca	6.000 grs.

ENGORDA

Para os animais do segundo grupo, o de "engorda", o arraçoamento difere apenas na menor necessidade de proteína. Além disso, será possível maior proporção de tubérculos na substituição à que antes nos referimos, podendo ir a 2/3 em vez da metade.

Assim será a mistura padrão para esse grupo:



**PRODUTOS ESPECIAIS
PARA
IMPERMEABILIZAÇÕES**

DE

**LAGES, PORÕES,
PAREDES, TERRAÇOS,
CAIXAS D'AGUA,
SILOS, ETC.**

PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS S. A.

Rua 7 de Abril, 34 - 3º andar

FONE: 2-4522 — SÃO PAULO

Apreciando Lactações

Fatores empregados na conversão de lactações
===== obtidas sob condições diversas =====

FIDELIS ALVES NETTO
Médico-veterinário

Há muito é do conhecimento geral que ao apreciarmos uma lactação de uma vaca devemos considerar três elementos básicos: a duração do período da lactação, o número de ordenhas e a sua idade.

Agora que estamos nos dirigindo lentamente para o verdadeiro caminho da seleção de gado leiteiro, que é através do controle e registro das lactações, começamos a verificar que uns criadores preferem ordenhar suas vacas apenas duas vezes ao dia, ao passo que outros acham que protegem melhor o utere de suas produtoras com três ordenhas e alguns desejosos de melhores recordes, chegam a recorrer às quatro mungiduras. Observamos também que alguns criadores fazem cobrir suas vacas pouco tempo após a parição de maneira

a reduzir-lhes os períodos de lactação, alcançando apenas os 300 dias, enquanto outros em muitos casos retardam as coberturas para permitir-lhes que façam melhores lactações, atingindo ainda com boa produção diária os 365 dias. Com esses diferentes critérios chegase naturalmente a diferentes resultados e ao desejarmos comparar as lactações de diferentes vacas, obtidas em condições diversas nos vemos embaraçados ou então caímos em erro.

Ao estudarmos os "pedigrees" de reprodutoras do exterior, às vezes nos vemos embaraçados com os números apresentados e examinando superficialmente os recordes chegamos a julgar um resultado inferior a outro, sem levarmos em consideração os fatores de duração da lactação, número de ordenhas e idade da vaca. Comumente leva-

"O.H.O. Hikork's Ace", recordista de produção de gordura, norte-americana, na categoria de novilhas de 2 anos, em regime de 3 ordenhas. Iniciou a lactação aos 2 anos e três dias de idade, produzindo em 365 dias 9.814 ks. de leite com 432 ks. de gordura. Quanto teria produzido em idade de máximo rendimento, em 365 dias e em regime de 4 ordenhas?





“Manoelita São Martinho” — atual recordista e detentora do “Balde de Ouro” do Controle Leiteiro de São Paulo. Produziu 9.070 ks. de leite em 365 dias e em regime de 3 ordenhas. Quanto teria produzido em regime de 2 ordenhas?

mos em consideração a duração da lactação e a idade da vaca, porém a influência do número de ordenhas nem sempre pôde ser devidamente estimada.

Para facilitar essas comparações o Bureau de Indústria Animal dos Estados Unidos após o estudo de centenas de milhares de lactações registradas nos serviços de controle leiteiro de várias associações, estabeleceram uma série de fatores de conversão relativos às lactações, os quais foram aprovados e adotados pela American Dairy Science Association para serem usados na estandarização das lactações quando têm em vista julgar os touros a serem considerados provados, para emprego em rebanhos oficiais. Esses fatores de conversão estão hoje em uso geral nas associações de gado leiteiro, para comparações dos resultados observados.

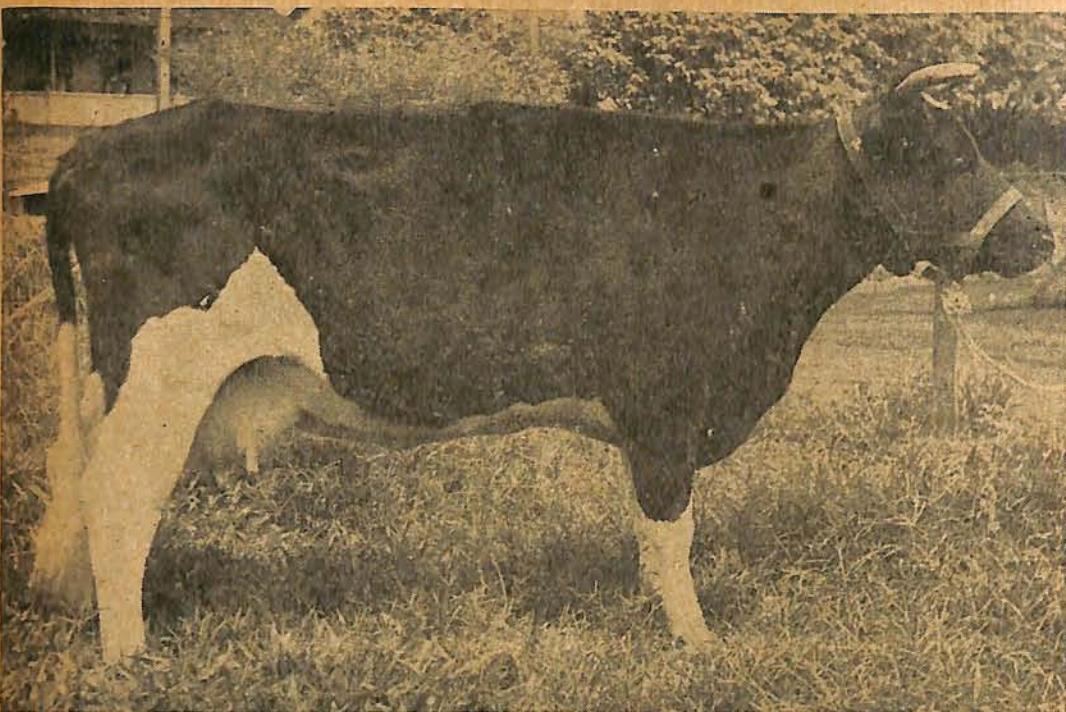
As tabelas que apresentamos a seguir devem ser cuidadosamente empregadas para que se chegue ao resultado desejado. Naturalmente foram preparadas e estudadas tendo em vista as condições dos Estados Unidos, porém, tudo leva a crer que poderão ser aplicadas entre nós durante alguns anos, até que tenhamos um número de lactações suficiente para obtermos nossos próprios fatores de conversão obtidos em nosso meio. Os fatores em questão envolvem lactações de 305 e 365 dias. Aqui encerramos nossas lactações aos 300 e 365 dias. As diferenças que podem ser observadas

nesses fatores em virtude desses 5 dias é tão pequena que não chegará por certo a influir nos resultados finais.

FATORES PARA CONVERSÃO DE LACTAÇÕES

Tabela I — Para converter lactações de 305 dias, em qualquer idade para a idade adulta.

Idade	Meses	Guernsey Ayrshire Jersey	Shortorn Schwyz	Holstein	Mixtas Raças
1	10	1,29	1,60	1,42	1,36
2	0	1,26	1,54	1,38	1,32
2	6	1,20	1,40	1,28	1,23
3	0	1,14	1,29	1,20	1,17
3	6	1,10	1,20	1,13	1,12
4	0	1,06	1,17	1,08	1,07
4	6	1,04	1,09	1,04	1,04
5	—	1,02	1,05	1,02	1,02
6	—	1,00	1,01	1,00	1,00
7	—	1,00	1,00	1,01	1,00
8	—	1,01	1,00	1,02	1,00
10	—	1,05	1,03	1,09	1,07
12	—	1,11	1,11	1,19	1,15
14	—	1,16	1,17	1,31	1,23
16	—	1,20	1,19	1,38	1,29



“Campineira” — Produziu aos 7 anos e 6 meses em regime de 2 ordenhas e em 365 dias 6.758 ks. de leite, com 224,8 ks. de gordura. Quanto teria produzido em regime de 3 ordenhas, no mesmo período e em idade de máximo rendimento?

Tabela II — Fatores para redução de lactações de 305 dias, com idades corrigidas, para uma base de duas ordenhas

Nº de dias ordenhas	Fator para 3 ordenhas	Fator para 4 ordenhas
26 — 35	0,98	0,96
56 — 65	0,96	0,93
96 — 105	0,94	0,89
116 — 125	0,92	0,87
146 — 155	0,91	0,85
176 — 185	0,89	0,82
206 — 215	0,88	0,80
236 — 245	0,86	0,78
276 — 285	0,84	0,75
296 — 305	0,83	0,74

Tabela III — Calculando recordes de 365 dias para 305 dias e vice-versa

Nº de ordenhas	365 dias para 305 dias	305 dias para 365 dias
2x	0,85	1,18
4x para 2x	0,63	0,87
2x para 4x	1,15	1,59
4x para 3x	0,76	1,05
3x para 4x	0,96	1,32
3x para 2x	0,71	0,98
2x para 3x	1,02	1,41

Vejamos a seguir alguns exemplos de aplicações desses fatores com referencia a lactações obtidas nos Estados Unidos e Canadá e depois com resultados de lactações verificadas em nosso ambiente.

Exemplos relativos à idade

1 — A novilha “Maytag Ormsby F.O. (VG)” da raça Holstein aos 2 anos e 6 meses, produziu em 3 ordenhas e em 305 dias, 16.802 libras de leite com 534 libras (lbs) de gordura. Em idade adulta quanto teria produzido? (Para melhor apreciação, convertamos esta e as demais lactações que serão apresentadas a seguir para quilogramas, tomando como peso da libra 0,453 ks.). Assim, Maytag produziu 7.611 ks. de leite com 241,9 ks. de gordura.

Temos:

$7.611 \times 1,28$ (Tabela I) = 9.742,5 ks. de leite

$241,9 \times 1,28$ (Tabela I) = 309,6 ks. de gordura.

2 — A vaca “Jennie Castine C.” também da raça Holstein, produziu aos 11 e 1 mês, em regime de 3 ordenhas e em 305 dias 8.756,5 ks. de leite (19.330 lbs.) com 289,05 ks. de gordura (638 lbs.). Em idade de máximo rendimento (6 e 7 anos) quanto teria produzido?

Temos:

$8.756,5 \times 1,19$ (Tabela I) = 10.420 ks. de leite

$289,05 \times 1,19$ (Tabela I) = 344 ks. de gordura.

Relativos ao número de ordenhas em 305 dias

3 — A novilha Maytag Ormsby F.O. (VG) do exemplo n. 1 que produziu 7.611 ks. de leite com 241,9 ks. de gordura em 3 ordenhas e em 305 dias e que teria produzido 9.742,5 ks. de leite

com 309,6 de gordura em idade adulta, é melhor produtora do que a vaca Helen Pontiac Belmont Lyn (VG) que aos 7 anos e 11 meses produziu em 305 dias e em 2 ordenhas 8.799,5 ks. (19.425 lbs.) de leite com 295,8 ks. de gordura (653,1 lbs.)?

Vejam os a produção de Maytag reduzida para 2 ordenhas de acordo com a tabela II:

$$9.742,5 \times 0,83 = 8.086,3 \text{ ks. de leite}$$

$$309,6 \times 0,83 = 257,0 \text{ ks. de gordura.}$$

4 — A vaca S. Koda Z. Dekol (Canadá), da raça Holstein, que produziu 9.566,5 ks. de leite (21.118 lbs.) com 316,2 ks. de gordura (698 lbs.) aos 5 anos de idade, em 305 dias e em 4 ordenhas e que teria produzido em idade adulta 9.757,8 ks. de leite com 322,5 ks. de gordura, é melhor produtora do que a mesma Helen Pontiac Belmont do exemplo n. 3?

Temos, ao fazer a conversão da lactação da Koba para 2 ordenhas:

$$9.566,5 \times 1,02 \text{ (tabela I)} \times 0,74 \text{ (tabela II)} = 7.220,8 \text{ ks. de leite.}$$

$$316,2 \times 1,02 \text{ (tabela I)} \times 0,74 \text{ (tabela II)} = 238,7 \text{ ks. de gordura.}$$

Relativos à conversão de lactações de 365 para 305 dias e vice-versa, obtidas em diferentes regimes de ordenha

5 — A vaca S. Koba Z. Dekol (Canadá), da raça Holstein, que produziu 9.566,5 ks. de leite com 316,2 ks. de gordura, em 305 dias e em 4 ordenhas quanto teria produzido em 365 dias em regime de 2 ordenhas?

Temos:

$$9.566,5 \times 0,87 \text{ (Tabela III)} = 8.322,9 \text{ ks. de leite}$$

$$316,2 \times 0,87 \text{ (Tabela III)} = 275,1 \text{ ks. de gordura.}$$

6 — Maytag O.F. Colantha (VG) que produziu 9.915,8 ks. de leite (21.889 lbs.) com 379,5 ks. de gordura (837,7 lbs.) em 365 dias e em 3 ordenhas, aos 5 anos, é melhor produtora do que

S. Koba Z. Dekol do exemplo anterior?

Temos, convertendo a lactação para 4 ordenhas e em 305 dias:

$$379,5 \times 0,96 \text{ (Tabela III)} = 364,3 \text{ ks. de gordura.}$$

7 — Helen Pontiac Belmont Lyn, do exemplo n. 3 que produziu aos 7 anos e 11 meses, em 305 dias e em 2 ordenhas 8.799,5 ks. de leite com 295,8 ks. de gordura é tão boa produtora quanto Colony Miranda Netherland (Canadá), que produziu aos 6 anos, em 365 dias e em 4 ordenhas 12.646,4 ks. de leite (27.917 lbs.) com 401,8 ks. de gordura (887 lbs.)?

$$9.915,8 \times 0,96 \text{ (Tabela III)} = 9.519,2 \text{ ks. de leite}$$

Convertendo a lactação de Helen Pontiac Belmont Lyn para 365 dias e em 4 ordenhas, temos:

$$8.799,5 \times 1,59 = 13.991,2 \text{ ks. de leite}$$

$$295,8 \times 1,59 = 470,3 \text{ ks. de gordura.}$$

Exemplo, tomando por base lactações registradas em S. Paulo

8 — Manoelita S. M., produziu em 3 ordenhas e em 365 dias 9.070 ks. de leite. Quanto teria produzido em 365 dias e em 2 ordenhas?

$$9.070 \times 0,71 \text{ (Tabela III)} = 6.439,7 \text{ ks.}$$

9 — Essa mesma vaca produziu em sua lactação anterior aos 300 dias e em 2 ordenhas 6.153 ks. de leite quanto teria produzido em 3 ordenhas em 365 dias?

$$6.153 \times 1,41 \text{ (Tabela III)} = 8.678,7 \text{ ks. de leite.}$$

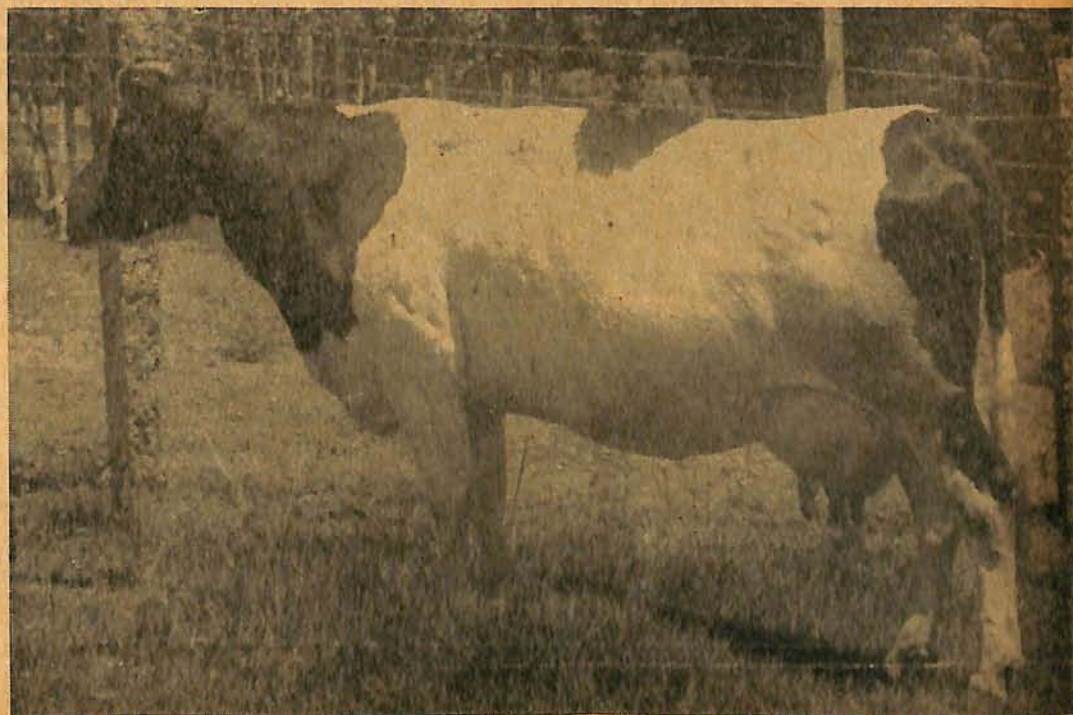
10 — E em 4 ordenhas? — $6.153 \times 1,59 \text{ (Tabela III)} = 9.783,2 \text{ ks. de leite.}$

11 — Mas, aos produzir 6.153 ks. de leite em 300 dias e em 2 ordenhas, Manoelita tinha apenas 4 anos e poucos meses e agora perguntamos, em idade adulta, em 4 ordenhas e em 365 dias quanto teria produzido?

$$6.153 \times 1,08 \text{ (Tabela I)} \times 1,59 \text{ (Tabela III)} = 10.565,7 \text{ ks. de leite.}$$

12 — Maripiera 63, produziu aos 300 dias e

“Única” — Vaca nacional de grande regularidade em sua produção. Chegou a produzir aos 9 anos e 7 meses, em 365 dias, e em regime de 3 ordenhas 6.260 ks. de leite com 278,1 ks. de gordura. Em regime de 2 ordenhas sua produção ainda que excelente não se revelaria como é conhecida.



UMA ANDORINHA NÃO FAZ VERÃO...

dis o ditado; também a

PRODUÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE UMA SÔ VACA

não mostra a real qualidade de um rebanho...

A *Granja São Martinho* demonstrando o valôr de seu rebanho apresenta uma lista de *Lactações já terminadas* sob o controle da ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS.

* Manoelita S. Martinho	5 α 6 anos	9.070	ks. de leite	—	365	dias
Coréa S. Martinho	5 α 6	"	7.801	"	"	"
* Albina S. Martinho	3 α 4	"	7.741	"	"	"
* Agata S. Martinho	4 α 5	"	7.535	"	"	"
Furiosa S. Martinho	5 α 6	"	7.489	"	"	"
M's Creator Cristal	3 α 4	"	7.486	"	"	"
* Manoelita S. Martinho	4 α 5	"	7.193	"	"	"
Venus S. Martinho	5 α 6	"	7.097	"	"	"
Willys Monica Imperial Maid	4 α 5	"	7.090	"	"	"
M's Milkmaster Imperial 13	5 α 6	"	6.885	"	"	"
Alerta S. Martinho	3 α 4	"	6.759	"	"	"
** Carolina S. Martinho	5 α 6	"	6.755	"	"	"
Maripiera 64	3 α 4	"	6.297	"	"	"
* Linda S. Martinho	2 α 3	"	6.287	"	"	"
Feiticeira S. Martinho	3 α 4	"	6.207	"	"	"
* Agata S. Martinho	2 α 3	"	6.125	"	"	"
Altiva S. Martinho	5 α 6	"	6.018	"	"	"
Náná Pietertje Ormsby	8 α 9	"	6.365	"	"	300
* S. M. Korndyke O. Colanthus	2 α 3	"	6.125	"	"	300

★ Lactações recordes de classes diversas

★★ Recordista em 24 horas com 40,230 ks. de leite.

Inúmeras outras vacas terminarão brevemente lactações igualmente ótimas.

COMPRAR "TOUROS" de tal rebanho é garantia de SUCESSO

GRANJA "SÃO MARTINHO"

FAZENDAS: "CACHOEIRA" E "MACUCO"

Detentora do recorde paulista de produção de leite e do "Balde de Ouro".

PROPRIETÁRIO:

DARIO FREIRE MEIRELLES

Caixa Postal, 18

CAMPINAS

Est. São Paulo

GRANJA PRODUTORA DE LEITE TIPO «A»

Posto à venda no Brasil um famoso produto veterinário de origem alemã.

O que é o arsenoacetatodisódico e seu extraordinário valor terapeutico como produtor de novas energias



Pouco antes de declarar-se a última conflagração européia, uma afamado Laboratório alemão, conseguiu a síntese de um sal de arsênico orgânico, injetável, de pH neutro, o arsenoacetatodisódico.

O referido Laboratório, possuindo filiais em quasi todos os países do mundo, enviava às mesmas as substâncias, que deviam compôr o preparado em ampôlas o qual, com um nome de fantasia era lançado à venda nos diferentes países.

Dadas as excelentes qualidades terapêuticas, tornou-se logo conhecido e apreciado, chegando mesmo a gosar de extraordinária fama mundial entre os pecuaristas e criadores de cavalos de corridas; tendo até sido, aliás erradamente, considerado como "doping", quando na realidade nada tem de excitante, mas sim de um tônico de grande valôr produzindo nos animais sucessivo aumento de forças físicas.

Ora, com o decorrer da guerra, a tal substância, o arsenoacetatodisódico, que deveria compôr o preparado, não mais foi enviado às filiais do Laboratório alemão, que se viram impossibilitados de prosseguirem na fabricação do produto. Tratando-se porém, de um preparado altamente conhecido e aceito, surgiram logo falsos produtos que, com rótulos de estrangeiro para

dar idéia de contrabando, eram vendidos por preços exorbitantes. Entretanto, do preparado original somente tinham os rótulos, pois que o conteúdo das ampôlas consistia de soluções de outros sais de arsênico (arrenal ou cacodilato de sódio), também arsenicais; longe porém, de produzirem os benéficos efeitos de arsenoacetatodisódico com o qual se observa logo nas primeiras aplicações considerável aumento da força física pelo seu poder de atuar no metabolismo pela ativação da assimilação, elevando o valor Hemoglobínico do sangue; os pêlos se tornam mais lisos e brilhantes, os animais jovens se desenvolvem com mais rapidês.

O Laboratório Vérum possuidor da fórmula exata do arsenoacetatodisódico, dirigiu-se e obteve do Departamento Nacional de Produção Animal, o licenciamento para fabricar e expôr à venda no território brasileiro um produto com a denominação comercial de Tonarsan, o qual é constituído do arsenoacetatodisódico. Os interessados poderão dirigir-se àquela firma, à caixa postal 943, em São Paulo.

Está portanto, a indústria farmacêutica brasileira, de parabens por mais esta conquista do arsenal terapêutico dos arsenicais.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

HONORATO DE FREITAS

Eng.-Agrônomo

Referindo-se ao tratamento que deveria ser dado ao solo, George Washington teve oportunidade de afirmar: "Nada, na minha opinião, poderia contribuir melhor para o bem estar dos Estados do que um modo de trabalho adequado das terras". E tinha razão para assim falar o homem público, pois os efeitos da erosão nos Estados Unidos, já naquela época, eram tremendamente danosos para a economia americana.

Quando visitei a Ilha de Porto Rico, tive oportunidade de escrever, para a minha seção especializada na "A Tarde" de Salvador, um comentário sob o título "Agricultura Acrobática", no qual fazia menção à cultura do fumo feita na zona montanhosa da Ilha e onde a inclinação do terreno atingia a enormíssima porcentagem de 75%.

Pois bem, mesmo em condições assim tão desaconselháveis os fumicultores portorriquenhos obtinham resultados com a cultura de fumo, feita de acordo com os métodos modernos de conservação do solo, o que vale dizer, plantando em curvas de nível e em terraços.

Aliás, vale dizer que, ultimamente, no Brasil muito se vem escrevendo sobre os problemas de conservação do solo, havendo mesmo um ante-projeto no Congresso sobre a Lei Agrária, no qual existem bem fundamentados dispositivos concernentes ao grande e atualíssimo problema da conservação do solo.

Um ponto importante do assunto para o que sempre chamo a atenção dos entendidos e dos responsáveis pela orientação do magno problema é aquele referente ao fato de se organizar um plano tendente à solução desse problema, não apenas pelos efeitos que a erosão possa causar às terras cultiváveis, mas, e principalmente, para aquele que diz respeito ao uso do solo, pois é também necessário que os métodos de exploração racional das terras tenha um setor de defesa do solo, pois é indispensá-

vel restituir à terra aquilo que dela tiramos em forma de produção.

Não há dúvida que o Ministério da Agricultura está tomando providências interessantes e articulando esforços nesse sentido com as Secretarias de Agricultura dos Estados, destacadamente a de S. Paulo.

Até certo ponto, o descaso com o qual se tratou entre nós o problema de defesa e conservação do solo constituía um fato mais ou menos normal, pois o mesmo acontecia em outras nações, inclusive nos Estados Unidos, onde só depois da guerra civil os técnicos começaram a verificar que o declínio da produção era consequência do "gasto das terras de cultura", ou melhor dizendo: resultava do esgotamento do solo.

Por isso, já em 1871 se criava ali um Serviço da Pesca, destinado a preservar as reservas naturais; depois, em 1886, criava-se, no Departamento de Agricultura, uma Divisão de estudos econômicos e, em 1891, o Congresso americano vetava a lei criando o Serviço de Conservação do Solo, que, hoje, reabilita ou recupera, com toda eficiência possível, áreas consideráveis, que foram abandonadas ou estavam para sê-lo.

Isso nos mostra que as providências que estamos tomando em torno do problema da erosão, e da consequente conservação e defesa do nosso solo, ainda estão dentro dos limites de aproveitamento de nossas terras.

Depois que os técnicos do Serviço de Conservação do Solo começaram os seus trabalhos no país de Roosevelt, jamais foi abandonado um só acre de terra, porque cada fazendeiro que realiza uma cultura o faz dentro das instruções que recebe daquele órgão da administração pública, num plano de assistência amplo e livre de qualquer despesa para ele, e disso decorre o êxito e as conquistas científicas para os responsáveis pela conservação do solo americano.

Se quisermos despertar a atenção dos agricultores mais otimistas, isto é, daqueles

que ainda não acreditam que a erosão e o uso desordenado do solo poderão nos causar verdadeira ruína, bastará mencionar a extensão e a natureza das perdas sofridas pelos Estados Unidos. Vou transcrever o que disse certa vez o Sr. Tolley, alto funcionário técnico da chamada "Agricultural Adjustment Administration". "Constatações recentes da extensão da erosão do solo neste país indicam que, aproximadamente, 50.000.000 de acres de terras outrora férteis ficaram essencialmente arruinadas para a lavoura prática. Outros 50.000.000 de acres estão em condição quasi idêntica. Cerca de 100.000.000 de acres, inda em cultura, acham-se seriamente empobrecidos pela perda de solo e cerca de 100.000.000 de acres mais de terras cultivadas estão sendo exauridos do solo produtivo em proporções alarmantes".

Então, meus amigos lavradores, são números que impressionam a qualquer de nós, tanto mais se soubermos que, ao todo, havia naquele país, quando se colheram

os dados acima, cerca de um bilhão de acres de terras ocupados com fazendas e, do total, cerca de um terço inteiramente ocupado com culturas normais.

Passemos agora a ligeiras considerações sobre como se perde a fertilidade de um solo de cultura: "A fertilidade ou os nutrientes das plantas podem ser perdidos ou removidos do solo por quatro meios distintos: 1) pela erosão, seja pela ação da água ou pela ação do vento; 2) pela mutação de culturas; 3) por lixiviação; 4) por volatilização".

Não há dúvida, porém, que a erosão e o uso desordenado das terras são os dois fatores maiores da situação reinante, pois constantemente vemos agricultores gabarem-se de que a sua cultura de cana tem tantos anos e, quando lhes perguntamos que qualidade de adubo usa, a resposta é sempre negativa, pois "não senhor, as minhas terras têm sustança...". E, assim, vão abusando do solo, sem rotação de culturas, sem

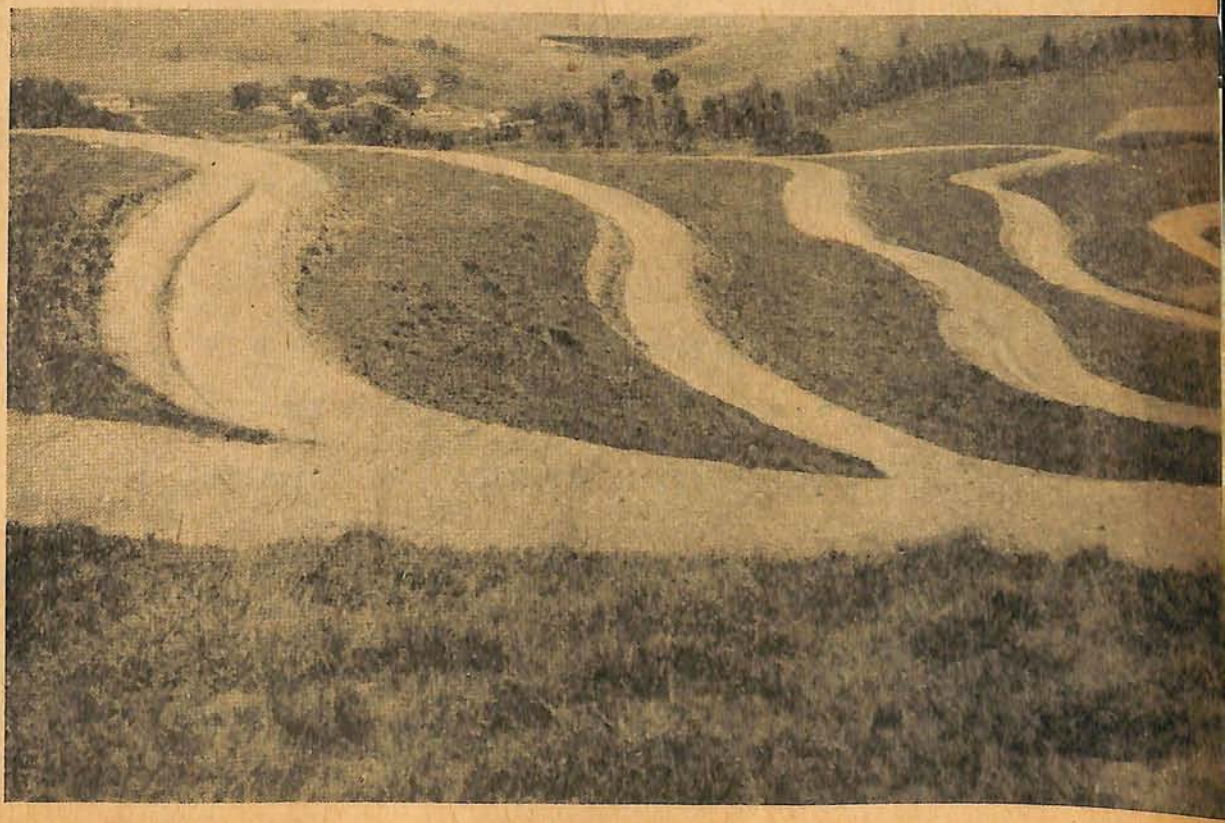
(Conclui na pág. 17)

EM TODAS AS TERRAS E EM TODAS AS REGIÕES. — EM QUALQUER TERRA e em qualquer região, o terraceamento tem apresentado ótimos resultados. Além disso, ele constitui uma construção permanente, requerendo apenas cuidados periódicos para a sua conservação.

No Estado de São Paulo, constroem-se anualmente centenas de quilômetros de terraços, e os lavradores são unânimes em testemunhar a extraordinária eficiência.

A topografia das terras e o regime pluviométrico em São Paulo, são fatores favoráveis ao trabalho da erosão. E' preciso, portanto, combatê-la sem descanso, edificando sólidos diques de terras.

Visite uma lavoura protegida por terraços e solicite a opinião do seu proprietário sobre os resultados que tem colhido.



Cabaña Granja "Elisabeth"

de: ROLF MEYERHEIM

COLONIA VALDENSE — REPUBLICA DO URUGUAI

Oferece os primeiros filhos das novilhas holandesas importadas do

CANADÁ E ESTADOS UNIDOS

Uberes perfeitos - Constituição forte

Livres de Brucelose e Tuberculose
Imunizados contra a Tristeza.

Para introduzir em seu rebanho a combinação das melhores
correntes de sangue do Canadá e dos Estados Unidos

JOHANNA RAG APPLE PABST
SIR PIETERTJE ORMSBY MERCEDES
CARNATION MADCAP MAXIMUM

peça informações à Cabana, ou a Ponce de Leon & Dutra, Rondeau, 1908,
Montevideo, Republica do Uruguai ou na "REVISTA DOS CRIADORES".

Registro de lavradores e criadores



Considerando de grande utilidade, para os senhores cooperados, o conhecimento das providências e iniciativas dos poderes públicos que visam beneficiar o homem do campo, proporcionando-lhe meios e recursos para lograr êxito nas atividades a que se dedica, achamos oportuno reproduzir abaixo um comunicado do Serviço de Informação Agrícola e, logo a seguir a Portaria ministerial a que êle se refere, chamando a atenção dos senhores fazendeiros para a importância e o valor dessas instruções:

NOVAS INSTRUÇÕES APROVADAS SOBRE O ASSUNTO

O Ministro da Agricultura aprovou as novas instruções elaboradas pelo Serviço de Estatística da Produção para o Registro de Lavradores e Criadores, em substituição às que foram baixadas em 30 de janeiro de 1936.

Esse registro, cujas instruções foram publicadas no "Diário Oficial" da União de 26 do corrente, tem como finalidade não só estabelecer maior contato dos lavradores e criadores com o Ministério da Agricultura, proporcionando-lhes melhores condições de produção, como também servir de elemento subsidiário para a apuração de dados estatísticos da produção agropecuária e extrativa. É facultativo e gratuito e será feito por propriedade, em nome do respectivo proprietário, promitente comprador, arrendatário, enfiteuta ou concessionário, sendo suscetíveis de inscrição somente os imóveis destinados à exploração agropecuária e extrativa, de área contínua que tenha, no mínimo, 1 hectare (10.000m²).

VANTAGENS

Aos que se inscreverem no Registro de Lavradores e Criadores, o Ministério concederá, dentro dos recursos que lhe permitirem as verbas orçamentárias próprias, vantagens por intermédio do Departamento Nacional da Produção Animal (auxílio para transporte de reprodutores, imunização de reprodutores importados, revenda de reprodutores nacionais e estrangeiros, revenda de soros, vacinas, etc., auxílio para instalação de aparelhagem e construção de silos, assistência e orientação técnicas, etc.); por intermédio do Departamento Nacional da Produção Vegetal (preferência para o fornecimento de mudas e sementes selecionadas, cooperação agrícola, revenda de instrumentos agrícolas, fornecimento de inseticida e fungicida, assistência técnica, contrato de cultura fiscalizadas, etc.); por intermédio do Serviço

Florestal (preferência no fornecimento de mudas e sementes de espécies florestais); por intermédio do Serviço de Informação Agrícola (distribuição de publicações agrícolas e zootécnicas, bem como informações sobre as atividades agropecuárias do país e relacionadas com a administração pública, etc.). Por outro lado, gozarão os lavradores e criadores, além de outras vantagens, abatimento de 50% nos fretes de materiais e animais destinados ao fomento da produção agropecuária.

A COLABORAÇÃO DOS AGENTES MUNICIPAIS

Fica o Diretor do SEP autorizado a entrar em entendimentos com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no sentido de ser facultada aos Agentes Municipais de Estatística a expedição de guias, segundo modelo que aprovar e que em substituição ao comprovante de registro (cartão ou atestado), habilitem o interessado a fazer jus aos favores previstos nestas instruções, em casos de emergência. As presentes "Instruções" entrarão em vigor no dia 26 de dezembro próximo.

PORTARIA Nº 775 — 22 DE
NOVEMBRO DE 1949

O ministro de Estado tendo em vista o que consta dos Processos números D. A. - S. C. 33.566, 33.576, de 1949 e 44.205-49.

Resolve aprovar as instruções elaboradas pelo Serviço de Estatística da Produção, para o Registro de Lavradores e Criadores (R. L. C.) em substituição às que foram baixadas com a Portaria Ministerial de 30 de janeiro de 1936. — Daniel de Carvalho.

Instruções para o registro de lavradores e criadores a cargo do Serviço de Estatística da Produção.

Art. 1.º — O registro de Lavradores e Criadores (R. L. C.), a que se refere a Portaria Ministerial de 30 de janeiro de 1936, a cargo do Serviço de Estatística da Produção (S. E. P.), será regulado pelas disposições constantes das presentes "Instruções".

Art. 2.º — O Registro de Lavradores e Criadores tem por finalidade não só estabelecer maior contato dos lavradores e criadores com o Ministério da Agricultura, proporcionando-lhes melhores condições de produção, mas, também, servir de elemento subsidiário para a apuração de dados estatísticos da produção agropecuária e extrativa.

Art. 3.º — O registro é facultativo e gratuito e será feito por propriedade em nome do respectivo proprietário, promitente comprador, arrendatário, enfiteuta ou concessionário.

§ 1.º — São suscetíveis de inscrição no Registro de Lavradores e Criadores somente os imóveis destinados à exploração agropecuária e extrativa de área contínua, que tenham no mínimo 1,00 h a (10.000 m²).

§ 2.º — Se o imóvel se estender por mais de um município, considerar-se-á para efeito do registro situado naquele em que se achar a respectiva sede.

Art. 4.º — Aos que inscreverem suas propriedades no R. L. C., o Ministério concederá, dentro dos recursos que lhe permitirem as verbas orçamentárias próprias, as vantagens seguintes:



MOURÕES SERRADOS PARA CERCAS

IMUNIZADOS EM AUTO-CLAVE
COM

SAL DE WOLMAN-THANALITH

CONTRA PODRIDÃO

E CUPIM

SÃO DE LONGA

DURAÇÃO E

INCOMBUSTÍVEIS

— PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS S. A. —
rua 7 de Abril, 34 - 3.º and.

FONE: 2-4522 - SÃO PAULO

1.º — Por intermédio do Departamento Nacional da Produção Animal:

- a) auxílio para transporte de reprodutores;
- b) imunização de reprodutores importados;
- c) revenda de reprodutores nacionais ou estrangeiros, mediante pagamento em prestações, de acordo com a legislação em vigor;
- d) revenda, de acordo com a legislação em vigor, de material e de produtos próprios para criadores em geral, vacinas, soros, produtos biológicos, químicos ou farmacêuticos e utensílios e pequenos aparelhos de uso veterinário;
- e) serviço de monta pelos reprodutores a cargo das dependências do D. N. P. A.;
- f) auxílio pela instalação de aparelhagem de pulverização ou construção de banheiros carrapaticidas sarnidas ou inseticidas;
- g) auxílio pela construção de silos;
- h) informações e conselhos sobre doenças do gado em geral e assistência técnica, em casos especiais, por servidores do Departamento;
- i) fornecimento de mudas de amoreira e óvulos do bicho da seda;
- j) estudos, projetos e orçamentos para instalação de estábulos, banheiros carrapaticidas e outras construções rurais;

- l) auxílio aos produtores de casulo do bicho da seda;
- m) auxílio para construção de sirgarias;
- n) auxílio para a instalação de ressecadores de casulos de bicho da seda;
- o) preferência no fornecimento de mudas e sementes selecionadas de plantas forrageiras, de acordo com o plano de distribuição estabelecido pelo Ministério;
- p) auxílio pela construção e instalação para inseminação artificial;
- q) preferência nos serviços de inseminação artificial;
- r) contratos de cooperação para trabalhos de agrostologia;
- s) fornecimento de pintos, coelhos e núcleos de abelhas.

2.º — Por intermédio do Departamento Nacional da Produção Vegetal:

- a) preferência no fornecimento, pelas repartições competentes, de mudas e sementes selecionadas, de acordo com o plano de distribuição estabelecido pelo Ministério;
- b) assinatura de termos de cooperações agrícolas;
- c) revenda de máquinas agrícolas, mediante pagamento em prestações, de acordo com a legislação em vigor;
- d) revenda de instrumentos e ferramentas agrícolas, de acordo com a legislação em vigor;
- e) assistência técnica, em casos especiais, por servidores do Departamento;

- f) preferência no fornecimento de inseticidas, fungicidas, etc.;
- g) estudos, projetos e assistência para a construção de estrumeiras e outras instalações destinadas ao aproveitamento de adubos animais e vegetais;
- h) contratos de culturas fiscalizadas, para produção de sementes ou mudas.

3.º — Por intermédio do Serviço Florestal:

preferência no fornecimento de mudas e sementes das espécies florestais.

4.º — Por intermédio do Serviço de Informação Agrícola:

distribuição de publicações agrícolas e zootécnicas, bem como informações sobre as atividades agropecuárias do país e relacionadas com a administração pública.

Art. 5.º — Além das vantagens referidas no artigo anterior e de outras que se incluírem nos planos de ação do Ministério da Agricultura ou forem concedidas por lei, gozarão os lavradores e criadores do abatimento de 50% nos fretes de materiais e animais destinados ao fomento da produção agropecuária, de acordo com o disposto do Decreto-lei número 1.062 de 20 de janeiro de 1939, regulamentado pelos Decretos números 22.185, de 27 de novembro de 1946 e 22.378, de 30 de dezembro de 1946.

Art. 6.º — A inscrição no R. L. C. far-se-á mediante preenchimento de boletim especial fornecido pelo S. E. P. no qual deverão ser informadas com clareza e exatidão as características principais da propriedade a ser registrada.

Art. 1.º — O boletim, uma vez preenchido, será encaminhado ao S. E. P., para processamento do registro, acompanhado de um documento comprovante da existência da propriedade e do domínio do interessado sobre a mesma.

§ 1.º — Considera-se comprovante suficiente, para efeito do que dispõe este artigo, um dos seguintes documentos:

I — Se o interessado for proprietário:

- a) traslado de escritura, ou certidão do Registro de Imóveis;
- b) recibo de pagamento do imposto territorial, referente ao último exercício;
- c) certidão de quitação do imposto territorial, fornecida pelas Coletorias Estaduais, locais, com referência expressa ao imóvel a ser inscrito e ao nome do proprietário.

II — Se o interessado for o promitente comprador — traslado de escritura de promessa de compra e venda, caderneta ou contrato-tipo de compromisso de venda de lotes, segundo o decreto-lei 58, de 10-12-937;

III — Se o pretendente for arrendatário, o contrato de arrendamento com firmas reconhecidas e registrado no Registro de Títulos e Documentos;

IV — Se o interessado for enfiteuta — o recibo de aforamento; e

V — Se o pretendente for concessionário de lotes dos Núcleos Coloniais — o termo de cessão do terreno ou lote.

§ 2.º — Também como documentos comprovantes, para efeito do registro, serão aceitos os certificados de inscrição nos Registros de Lavradores e Criadores, das Secretarias de Agricultura dos Estados e da Prefeitura do Distrito Federal.

Art. 8.º — Qualquer dos documentos referidos no artigo anterior

CARRAPATICIDA

CAVIÃO

O MAIS CONCENTRADO

O MAIS EFICAZ

O MAIS ECONÔMICO

DILUIÇÃO: 1 LITRO POR 600 DE ÁGUA

LABORATORIOS RAUL LEITE S.A.

Deposito em São Paulo:

RUA BENJAMIN CONSTANT, 177

Telefones: 2-5614 e 3-6675

será restituído ao interessado, logo após efetuado o registro.

Art. 9.º — Na impossibilidade da apresentação de qualquer dos documentos mencionados no art. 7.º, é facultada a aceitação do endosso das informações prestadas pelo interessado no boletim de registro — se feito expressamente sob inteira responsabilidade do endossante, e, obrigatoriamente na margem do próprio formulário — por chefes de serviços do Ministério da Agricultura, considerados, para esse fim, na Capital, os Diretores e nos Estados, os chefes das Seções de Fomento Agrícola, das Seções de Defesa Sanitária Vegetal e das Inspetorias do D. N. P. A.

Parágrafo único. Os atestados ou declarações de que trata este artigo poderão, ainda, ser firmados, nas mesmas condições, pelos encarregados das zonas agrícolas, sub-inspetorias do D. N. P. A., ou dos superiores hierárquicos do serviço no Estado concordes em visar tais atestados ou declarações.

Art. 10. — Considera-se ainda, suficiente para os efeitos do registro, a declaração do Prefeito local, escrita à margem do boletim e com assinatura devidamente reconhecida, ratificando todas as informações prestadas pelo interessado no mesmo formulário.

Art. 11 — Quando o interessado no registro não for o proprietário do imóvel, a inscrição efetuar-se-á em caráter provisório, com prazo determinado para sua validade.

§ 1.º — Para as propriedades arrendadas o prazo será correspondente ao prefixado pelo contrato de arrendamento.

§ 2.º — Para as propriedades com promessa de venda — o prazo será o mesmo estabelecido para o pagamento total da compra, findo o qual o requerente deverá provar o domínio definitivo do imóvel.

Art. 12. — Em qualquer dos casos previstos nos artigos 9.º e 10 e quando se tratar de imóvel arrendado, deverá constar das declarações ou atestados firmados à margem dos boletins o prazo de arrendamento.

Art. 13. — Em caso de venda, divisação ou arrendamento da propriedade, cabe ao cessionário ou ao adquirente solicitar baixa ou averbação do registro.

Art. 14. — As repartições do Ministério da Agricultura, instaladas no interior do país, deverão facilitar os meios de inscrição de propriedades rurais no R. L. C., para o que terão à seu dispor fórmulas, instruções modelos, etc.

Art. 15. — Fica o Diretor do S. E. P. autorizado a entrar em entendimentos com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no sentido de ser facultada aos Agentes Municipais de Estatística e expedição de guias, segundo modelo que aprovar e que em substituição ao comprovante de registro (cartão ou atestado), habilitem o interessado a fazer já os favores previstos nestas instruções, em casos de emergência.

Parágrafo único. — A guia de que trata o presente artigo produzirá efeito, exclusivamente, no caso que lhe der origem.

Art. 16. — Aos Agentes Municipais de Estatística, o S. E. P. fornecerá, de acordo com o interesse demonstrado pelo registro no município, fórmulas, guias e instruções artigo 15 e para a satisfação das



Mais vale
VACINAR...
do que perder !...

IMPORTANTE!

Aceitamos contratos de vacinações, contra a FEBRE AFTOSA com a vacina "LEIVAS LEITE", única fabricada com assistência do DR. "SYLVIO TORRES" e manipulada com os três tipos de vírus A, O e C.

DISTRIBUIDORA DE PRODUTOS VETERINÁRIOS

SANEL LTDA.

Rua Cristóvam Colombo, 63 - sala 5

Fone 2-6634 - São Paulo

Consulte-nos

Temos ao seu dispor vacinas de efeito seguro, preparados pelos melhores laboratórios de todo o Brasil.

Soros, Sulfas, Sais, Seringas, Agulhas, Material Veterinário em Geral. Consulte-nos sem compromisso!

formalidades necessárias ao processamento dos registros que forem solicitados por seu intermédio.

Art. 17. — As repartições do Ministério da Agricultura não poderão conceder a nenhum lavrador ou criador qualquer auxílio previsto nestas instruções sem que o interessado exiba prova de inscrição no R. L. G. ou a guia provisória fornecida pelo Agente Municipal de Estatística, nos casos especiais de que trata o artigo 15.

Parágrafo único. — Em casos urgentes, o S. E. P. responderá por telegrama às consultas feitas pelos chefes ou encarregados das dependências do Ministério no interior, ou pelos A. M. E. sobre a situação de fazendeiros perante o R. L. C.

Art. 18. — As inscrições no R. L. C., serão efetuadas pela Seção do Cadastro Rural do S. E. P., com-

petindo ao respectivo chefe assinar as certidões, atestados e cartões de registro.

Parágrafo único. — As certidões serão visadas pelo Diretor do S. E. P.

Art. 19. — Nenhum registro deverá ser efetuado sem o "Visto" do chefe da S. C. R. no competente boletim.

Art. 20. — Os lavradores e criadores inscritos se obrigam a prestar os informes que para fins estatísticos lhes forem solicitados.

Parágrafo único. — Em caso de recusa ou silêncio, será cancelado o registro e suspensos os efeitos dele decorrentes.

Art. 21. — As presentes "Instruções" entrarão em vigor dentro do prazo de 30 dias contados da data de sua publicação no Diário Oficial. — (Bol. CCPL).

PODENDO, LEIA...

Programa de conservação dos solos de Pernambuco com mecanização agrícola e assistência técnica.

Sob o título acima, o prof. João de Deus de Oliveira Dias, catedrático da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, apresentou uma tese à II Conferência de Economia realizada em Araxá, Minas Gerais, e que acaba de ser publicada pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Nordeste.

Não há como deixar de reconhecer o grande valor do trabalho acima, nascido da observação feita pelo au-

tor dos efeitos da erosão nos solos do Estado de Pernambuco.

Após um estudo geral do processo, das formas e das causas da erosão, o prof. Oliveira Dias, analisa em seu trabalho a conservação dos solos detendo-se na consideração das duas grandes classes de métodos de combate da erosão: mecânicos e vegetativos.

Versado em linguagem fácil e acessível recomendamos o trabalho que acaba de ser publicado para conhecimento de nossos técnicos e fazendeiros.

Agradecemos a gentileza da remessa do exemplar que temos em mãos.

ASPECTOS DA PRODUÇÃO DE CARNE EM CERTAS ZONAS TROPICAIS

J. Barisson Villares

(CONFERENCIA PRONUNCIADA NA XVI EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS, POR OCASIÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA CIDADE DO SALVADOR).

Quando Tomé de Souza, em 1549, entrou na já conhecida baía de Todos os Santos para fundar a cidade do Salvador, ao lado da Vila Velha — de seu patricio Camurú, trouxe consigo uma equipe completa de auxiliares. Era o fidalgo Antonio Cardoso de Barros, provedor da fazenda pública; era o desembargador Pero Borges, encarregado dos feitos jurídicos; era o eclesiástico Manuel da Nobrega; era Diogo de Castro como boticário; era o militar Pero de Góes e o almozarite da alfândega Garcia d'Ávila. Além destas figuras principais vieram cerca de mil pessoas entre homens de armas, funcionários e degredados.

Indiscutivelmente nenhum destes personagens teve a projeção de Garcia d'Ávila na vida rural da Colônia, uma vez que se tornou o primeiro criador de gado da Baía e o mais importante de todo o Brasil, tendo em 1552 nada menos de 200 cabeças de gado. Conhecido como o homem da Casa da Torre de Tatuapara, Garcia d'Ávila foi ainda verdadeiro bandeirante, penetrando o sertão, fundando povoações e estabelecendo os originais caminhos do gado. O primeiro povoado de Sergipe, provavelmente a vila de Santa Luzia, foi obra de Garcia d'Ávila que, com outros homens da época, constituiu as entradas baianas de 1560 a 1573, num tempo anterior às bandeiras paulistas que só se iniciaram em 1591. Garcia d'Ávila fez com que a Baía se transformasse num dos centros irradiadores da pecuária para todo o nordeste brasileiro. Ele é bem a figura do indomito criador de gado, cujo centenário coincide com o da fundação do Salvador em 1549.

Embora alguns estudiosos reifiram-se a existência de gado dos Açores na Baía em 1549, gado esse quev alia de 13 a 15 mil reis, importância suficiente para a aquisição de todo um bairro, ela não é esclarecida nem pelo minucioso Gabriel Soares, nem por laboatão ou por Braz do Amaral. Não há, contudo, dúvidas a respeito da chegada de bovinos em 6 de dezembro de 1550, trazidos pela caravela Galga do arquipélago de Cabo Verde. As quatro vacas e os únicos garrotes chegados em 1550 são os primeiros bovinos entrados na Baía, segundo Calmon. Se cronologicamente não eram os primeiros bovinos a penetrar as terras brasileiras, pois em 1534 Ana Pimentel já os havia introduzido em São Vicente e em 1535 o ativo Duarte Coelho Pereira os levou a Pernambuco, não resta dúvida que os animais trazidos pela caravela Galga são os primeiros pela sua importância na conquista da terra, no

povoamento do sertão e na atividade agrícola. O centenário da chegada desses bovinos também se comemora na época da fundação da cidade do Salvador.

Para desenvolver a indústria açucareira na Baía, além do gado, Tomé de Souza necessitava do trabalho barato, pois um bom engenho carecia de 40 negros adultos, outros tantos bois e igual número de cavalos, segundo Koster. Quem já conquistara título de fidalgo por seus feitos em terras da África e conhecia a intensidade do comércio marítimo de Portugal com suas colônias africanas, como Tomé de Souza, não teria embarcações em trazer escravos da Guiné para o Salvador. De par com a corrente emigratória que então se estabeleceu entre o continente negro e o novo mundo, vieram muitos costumes, vocabulários e plantas exóticas, os quais se incorporaram aos nossos hábitos, à nossa língua e à nossa agricultura. Algumas espécies botânicas, vindas com os escravos, aclimataram-se tão bem no novo habitat que muitos pensariam indígenas, se os seus nomes por vezes não traíssem sua origem estrangeira. Frei Vicente, do Convento de São Francisco no Salvador, dedicou-se a longa descrição dessas plantas alienígenas. A banana de São Tomé veio da ilha do mesmo nome na costa africana. A gengibre teve origem na África. O próprio dendezeiro da Baía acompanhou a corrente de escravos. Da África, diz Frei Vicente do Salvador, em anotações de Braz do Amaral, nos vieram duas plantas forrageiras que ainda conservam sua designação original: Capim de Guiné e Capim de Angola. O capim de Angola, de que fala o historiador, é o angolinha ou capim de planta, classificado como Panicum barbinode, que não deve ser confundido com o erradamente chamado capim de Angola, pertencente à outra espécie botânica, indígena, brasileira. O Capim de Guiné, mencionado pelo historiador, representa provavelmente as três principais variedades afins de Panicum maximum, conhecidas no Brasil pelos nomes de capim colônia, capim sempre-verde e capim guiné propriamente dito. Essas duas plantas forrageiras descritas por Frei Vicente vieram da África possivelmente ao tempo do Governador Tomé de Souza, que fomentou a importação de plantas exóticas, sendo então lícito festejar o centenário da introdução dos capins da Guiné no Salvador, na mesma época em que se comemora a fundação desta cidade.

Pelo seu elemento humano na figura de Garcia d'Ávila, pelo seu elemento animal representado pelos bovinos da caravela Galga e

pelo elemento forrageiro simbolizado pelos capins de Guiné, o centenário do Salvador coincide com o centenário da própria pecuária baiana. A coincidência destas datas históricas tocaram tão profundamente o nosso espírito, pelo seu sentido de brasilidade, que ao escolher um tema para falar aos criadores na XVI Exposição Nacional de Animais, desde logo preferimos um assunto de pecuária que estivesse indelevelmente ligado à grata efeméride da fundação da cidade do Salvador.

O Brasil é o único país soberano que se estende em terras contínuas do equador ao trópico, formando a maior nação intercalada na faixa tropical. Semelhante posição geográfica cria condições especiais para a exploração agropecuária. Em várias regiões igualmente isotérmicas, como no sul dos Estados Unidos, norte da Austrália, Kenia, Tanganika, Índia, não tem sido pequeno o esforço de numerosos investigadores, no sentido de estabelecer normas zootécnicas apropriadas às condições específicas do mundo tropical, tão diferente das zonas temperadas. Dentre outras particularidades referentes à produção de carne nos trópicos, desejamos analisar uma de seus aspectos principais, primariamente ocasionado pelo clima no Estado de São Paulo, porque bem pode interessar e mesmo ser útil aos criadores da Baía e de outros Estados irmãos. É um exemplo vivo da interferência de fatores climáticos na determinação de problemas puramente do domínio da zootecnia tropical.

Particularidades dos climas tropicais de savana e de altitude: Há várias classificações climáticas utilizadas na apreciação dos climas do Brasil. Desde os antigos sistemas internacionais de Köppen, de Thornthwaite e outros, até ao sistema brasileiro de Serebrenick, tendo cada qual uma sistemática própria e nomenclatura específica. Por ser também universal, por ter notável simplicidade e estar atualizado às constantes evoluções ocorridas nos agentes climáticos, pareceu-nos bem aplicável ao Brasil a classificação de Blair, com os mapas de climas elaborados pela Universidade de Chicago.

De acordo com o sistema de Blair, o Brasil teria quatro tipos de climas tropicais. O clima tropical do tipo chuvas equatorial compreende a região amazônica com o território do Acre, o Estado do Amazonas e metade do Estado do Pará, englobando cerca de 30% da superfície do país. A temperatura média anual é de 26°C., com qua-



Fig. 1

se nula amplitude de oscilações de apenas 2°C. As precipitações atmosféricas sobem a 70 ou 80 polegadas anuais, tendo uma curta estação seca de apenas um mês com menos de 2 polegadas d'água.

O clima tropical do tipo de savana ocupa quase todo o Brasil continental, abrangendo os Estados de Mato Grosso, Goiás, sul do Pará e do Maranhão, grande parte do Piauí, Alagoas, oeste da Bahia, de Minas e de São Paulo num total de 45% do território nacional. A temperatura média anual é de 22,5°C., com oscilações de 3 a 7°C. As precipitações variam de 45 a 70 polegadas d'água, as quais têm uma característica destruição periódica, com 3 ou 5 meses do ano com precipitações inferiores a 2 polegadas d'água.

O clima tropical do tipo de altitude acompanha as elevações montanhosas, paralelas ao litoral, desde o centro-leste do Estado de São Paulo, a região oriental do Estado de Minas, o Estado do Rio, Espírito Santo e centro-sul da Bahia, numa extensão de aproximadamente 15% da área do país. A temperatura média anual é de cerca de 18 a 20°C., com uma variação de 5 a 7°C. As chuvas caem à razão de 40 a 80 polegadas d'água por ano, tendo uma estação seca durante 3 a 5 meses, em que as precipitações são inferiores a 2,5 polegadas. A altitude média da região varia de 650 a 1650 metros. (Fig. 1).

O clima subtropical úmido, chamado com mais propriedade de intermediário ou moderado, abarca os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e sul de São Paulo, abrangendo mais ou menos 10% da superfície do Brasil. A temperatura média anual vai de 10 a 17,5°C., com uma amplitude

de oscilação termométrica de 10 a 14°C. As precipitações atmosféricas estão em torno de 50 a 60 polegadas d'água, que se distribuem com bastante uniformidade.

Além desses quatro tipos climáticos fundamentais, distingue-se, no Brasil, uma região nordestina, ainda mal delimitada no norte da Bahia, oeste de Pernambuco e Paraíba, parte do Ceará e Piauí, classificada como clima tropical do tipo de estepe de baixa latitude. A temperatura média anual é de 24 a 28°C. As precipitações vão de 20 a 40 polegadas d'água por ano.

Num resumo comparativo, pode-se dizer que a região de clima tropical chuvoso equatorial é a mais quente, permanentemente quente e a mais chuvosa e úmida do País. A zona de clima moderado do sul é a menos quente, com mais amplas oscilações de temperatura no ciclo do ano e também uma das mais secas. As regiões tropicais de savana e de altitude estão em situação intermediária quanto à temperatura média anual, quanto às amplitudes de oscilações de temperatura no ciclo do ano e quanto às precipitações atmosféricas totais. Estas duas zonas tropicais de savana e de altitude não são, porém, intermediárias no que se refere à distribuição de chuvas. Do ponto de vista da periodicidade das precipitações atmosféricas, estas duas regiões constituem um extremo, situando-se a região intermediária do sul noutro extremo oposto e a região amazônica intercalada entre elas, em posição de meio termo.

Pode-se ter uma idéia da distribuição das chuvas durante os meses do ano nesses quatro climas principais do Brasil, examinando os dados meteorológicos de quatro pontos respectivos de cada tipo climático, onde existem observações

acumuladas desde vários decênios. Porto Alegre, como legítima representante da zona de clima intermediário, revela ter uma distribuição muito regular e uniforme de chuvas, como sucede às regiões vizinhas que se estendem ao Uruguai e parte da Argentina. Si Porto Alegre recebe apenas 49,8 polegadas d'água por ano, o mês mais chuvoso não ultrapassa 5 polegadas e o único mês menos chuvoso está acima de 3 polegadas d'água. Semelhante distribuição equilibrada das precipitações atmosféricas compensa em larga escala a relativamente pequena queda total de chuvas.

Goiás, autêntica representante do clima de savana, recebe em média 66,5 polegadas d'água por ano, as quais são possivelmente distribuídas. Durante três meses do ano, a média mensal é superior a 11,5 polegadas d'água, o que não ocorre em outras zonas brasileiras. Durante 5 meses do ano, caem 83% da chuva anual, ao passo que noutros 5 meses, as precipitações são muito inferiores a 2 polegadas d'água por mês. É difícil encontrar uma região com chuvas tão mal distribuídas. (fig. 2).

São Paulo, típica cidade de clima tropical de altitude, é aqinhocada com 56,2 polegadas anuais de água, que são quase tão mal distribuídas quanto Goiás. Durante 5 meses ela recebe 65% da chuva anual e durante outros 5 meses as precipitações são inferiores a 2,5 polegadas mensais. Embora ligeiramente atenuada, a distribuição das chuvas em São Paulo tem aquela mesma periodicidade que caracteriza o clima representado pela cidade de Goiás.

Manaus, genuína representante do clima tropical chuvoso equatorial, recebe 69,7 polegadas anuais

de água. As chuvas não têm uma distribuição uniforme como em Porto Alegre, mas como ali não há em Manaus uma estação propriamente seca, a ponto de modificar a umidade do solo. De fato, com apenas um mês com menos de 2 polegadas d'água, em Manaus, não se percebe um período de seca com repercussões sobre a cobertura vegetal. Sem ser tão periódica como em Goiás ou em São Paulo, observa-se contudo, em Manaus, uma estação chuvosa, onde se concentram 60% das precipitações atmosféricas. Por essas razões, compreende-se que do ponto de vista da periodicidade das chuvas, Manaus coloca-se em situação intermediária entre Porto Alegre de um lado e Goiás e São Paulo do outro lado.

Conclui-se, então, que apenas os climas tropicais de savana e de altitude têm a particularidade de possuir chuvas com distribuição periódica. Semelhante periodicidade de chuvas não ocorre só nessas regiões brasileiras, mas é um característico peculiar a todas as regiões mundialmente catalogadas como tropical de savana e de altitude. É tão mal distribuída a chuva em Madras, na Índia, que 50% delas ocorrem em dois meses apenas; em Kenia 30% da água cae num único mês; em Tanganika o mês mais chuvoso recebe 20% das precipitações anuais, ao passo que o mês mais seco recebe 0% do total. Entende-se, então, que uma tal periodicidade de precipitações atmosféricas no ciclo do ano, excessivas numa estação, deficientes noutra, tenha profundas repercussões na exploração agro-pecuária nas regiões tropicais de savana e de altitude.

Influência da periodicidade de chuvas sobre a produção e qualidade das pastagens. — Mais do que qualquer outro fator climático, as chuvas condicionam a fitogeografia nas regiões tropicais, não só pelo volume total de queda d'água, como também pela sua distribuição no ciclo do ano. Na área de clima tropical chuvoso equatorial, com apenas um mês com menos de 2 polegadas d'água, mês esse precedido e seguido de meses chuvosos, o solo não perde umidade a ponto de influir na natureza das formações botânicas que são hidrófitas, como na bacia amazônica e em certas partes do litoral baiano, fluminense e paulista no Brasil. Quando a estação seca

é prolongada demais ou quase permanente, como naquela zona nordestina de clima tropical do tipo estepe de baixa latitude, as plantas tomam as características das formações xerófitas, que consiste em acumular água em sua organização, água essa que passa a ser usada com muita parcimônia mesmo no maior calor, em reduzir a superfície de transpiração pelo fechamento dos estômatos e pelo envolvimento das hastes por uma substância cerosa-esbranquiçada que lhes dá o nome genérico de catinga-folhas brancas.

Nas regiões de clima intermediário do sul do Brasil, em que a umidade não é tão grande como nas áreas chuvosas, nem tão escassa como nas esteiras, as formações botânicas são mesófitas. Não têm o crescimento vegetativo luxuriante como a do Amazonas, nem a pobre cobertura vegetal do nordeste. Nas zonas tropicais de savana e de altitude, a vegetação tendo de suportar alternadamente uma estação úmida e outra seca é então tropófitas. Isto é, numa época do ano elas são hidrófitas como as formações botânicas do Amazonas, noutra estação elas tornam-se xerófitas ou sub-xerófitas, como as formações botânicas caatingiformes do nordeste. Há aqui uma alternância de luxúria e de aridez, como consequência da periodicidade das chuvas.

Como qualquer outra espécie vegetal, as plantas forrageiras, naturais ou artificiais sofrem a mesma influência da distribuição das chuvas, que condicionam a existência de formações botânicas tropófitas nas áreas de clima tropical de savana e de altitude. Durante os meses chuvosos, as plantas forrageiras adquirem muitos atributos das formações hidrófitas, pela concomitância de agentes favoráveis ao desenvolvimento vegetal como temperatura, umidade, radiações solares adequadas, e outros. São tão propícias as condições do meio para a fotossíntese, que as gramináceas parecem ter crescimento luxuriante. Num período seguinte, interrompendo-se as precipitações atmosféricas, há um colapso geral na produção forrageira, embora subsistam ainda outros fatores propícios. Patterson demonstrou experimentalmente que há uma correlação quase perfeita entre número de polegadas d'água e produção forrageira em certos climas tropicais, pois o coeficiente de cor-

relação às vezes subiu a 0,987. Durante os 5 meses do ano em que as chuvas são inferiores a 2 ou 2,5 polegadas, a produção de forragens praticamente desaparece por falta de umidade no solo, o que obriga as plantas a fechar os estômatos para diminuir a perda d'água por transpiração, mas isso interrompe a fotossíntese pelo impedimento de dióxido de carbono nas folhas, retardando todos os processos anabólicos como a formação de amido ou a síntese de substâncias protéicas, enquanto que os processos catabólicos se aceleram, semelhantemente às formações xerófitas ou sub-xerófitas. A periodicidade de chuvas traz como consequência uma correspondente produção periódica de plantas forrageiras, que num período do ano é abundante e noutra muito deficiente.

A periodicidade de chuvas não interfere apenas na produção de plantas forrageiras, mas modifica profundamente sua composição bromatológica, a ponto de restringir o valor das reservas de pastagens deixadas pela previdência do pecuarista. Aquele conjunto de fatores propícios, como umidade, temperatura, radiações solares e outros durante a estação chuvosa, força a planta forrageira a percorrer rapidamente o seu ciclo evolutivo e a chegar muito depressa à maturidade fisiológica. De maneira que ao sobrevir a estação de seca, as forragens já têm aqueles atributos químicos, de digestibilidade e de palatabilidade das plantas maduras. As experiências demonstraram a progressiva perda de proteínas, carboidratos solúveis, minerais e vitaminas, à medida que a forragem produz flores, sementes e chega ao término do seu ciclo. Essa perda de elementos nobres corresponde a aumento de outros componentes de natureza complexa, denominados genericamente de fibras. Quando novas, tenras, em período de crescimento, as plantas forrageiras têm cerca de 5% de fibras, ao passo que depois de amadurecidas possuem 40% ou mais de fibras. As fibras não só são indigestíveis, como prejudicam a digestibilidade de outros componentes da planta e a própria metabolizabilidade da energia total da ração. Axelson verificou que para cada aumento de 1% das fibras na matéria seca da forragem havia uma depressão na digestibilidade da matéria orgânica representada por 0,87 unidades. Ao estudar o valor bromatológico da relação negativa entre fibra e diênes, Jarl verificou uma alta correlação. Pela ação inibidora sobre certas diástases, por formar compostos insolúveis, pelo envolvimento físico de substâncias aproveitáveis e por outras razões, Patterson e Gilbert afirmam que o valor bromatológico das pastagens depende do teor de fibras em sua composição. Os fatores climáticos da savana e das altitudes favorecem a maior riqueza das pastagens em fibras, o que resulta em seu empobrecimento alimentar. Brown admite que as plantas forrageiras são assim pobres durante cerca de 8 meses em cada ano, na Nigéria. O técnico Paulo Nogueira acreditava que na zona tropical de altitude no Estado de São Paulo, as pastagens artificiais são excessivamente fibrosas e de baixa qualidade durante 4 a 4,5 meses do ano. A periodicidade das chuvas nas regiões tropicais de savana e de altitude regula a duração de cada fase de ciclo vegetativo,

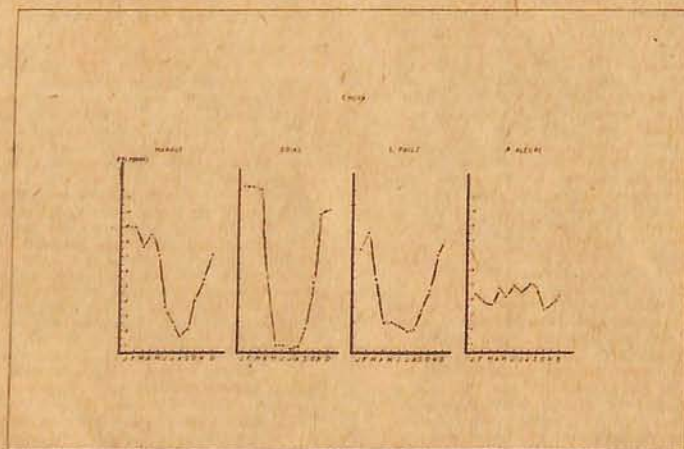


Fig. 2

seja delimitando o tempo de pastagens tenras, ricas, palatáveis e digestíveis, seja demarcando o período de forragens fibrosas, numa grave alteração de abundância e escassez, de alta e baixa qualidade bromatológica.

Influência da periodicidade de chuvas sobre a produção de carne: Si são íntimas as relações de causa e efeito entre clima e pastagem, são também diretas as repercussões das pastagens sobre a produção animal. Nas nossas condições extensivas, a produção animal é o reflexo das pastagens e estas, por sua vez, são o espelho do binômio clima-solo. Os fatores climáticos reinantes na estação de chuvas, propiciando a existência de pastagens abundantes quantitativamente e ricas qualitativamente, provocam as mais amplas produções permitidas pelas potencialidades genéticas dos animais em regime extensivo. Os fatores climáticos dominantes no período de seca, reduzindo a quantidade e inferiorizando a qualidade das plantas forrageiras, trazem como corolário uma produção animal abaixo das possibilidades genéticas e de acordo com o mínimo alimentar. Para duas unidades climáticas diferentes, há duas desigualdades de produção animal durante o ano. Periodicidade de chuvas, intermitência de pastagens e instabilidade da produção animal são élos de fenômenos consequentes, que não se detem, mas se desencadeiam em uma sucessão linear de causas climáticas e efeitos zootécnicos.

A produção de carne no ciclo do ano, apreciada pelo número de bovinos abatidos nos frigoríficos, revela até certo ponto a natureza das formações botânicas e reflete as condições climáticas da região, quando os novilhos são cevados apenas a custa de plantas forrageiras. No conjunto de frigoríficos do Estado de São Paulo, a partir de janeiro, as matanças de bovinos vão crescendo com 6,4% em janeiro, 9,4% em fevereiro e atingem o ápice da curva em maio com 13,0%, como consequência das pastagens abundantes e ricas e como repercussões diretas das chuvas da estação. Depois de maio, as chuvas rareiam e as pastagens tornam-se insuficientes e deficientes, obrigando a matança a declinar para 10,1% em julho, 6,9% em setembro e apenas 3,7% em outubro, como ponto mais baixo do ano. O caráter dominante da curva de matança de bovinos no Estado de São Paulo é a instabilidade da produção de carne, com superprodução no primeiro semestre e subprodução no semestre imediato. Semelhante desequilíbrio na produção de carne corresponde à natureza tropófila das formações botânicas, como consequência da periodicidade das chuvas nas zonas tropicais de savana e de altitude (Fig. 3).

Em contraposição, a matança de bovinos nos frigoríficos da Argentina descreve uma linha quase reta durante o ano, com apenas uma suave oscilação, em que o máximo de produção de carne é 9,4% em março e o mínimo 7,0% em setembro, não se desejando maior uniformidade mensal de abate de bovinos. Esta produção equilibrada de carne no ciclo do ano é o traço típico das regiões de formações botânicas mesófitas, segundo a quantidade e distribuição das chuvas.

Apreciando a matança de novi-

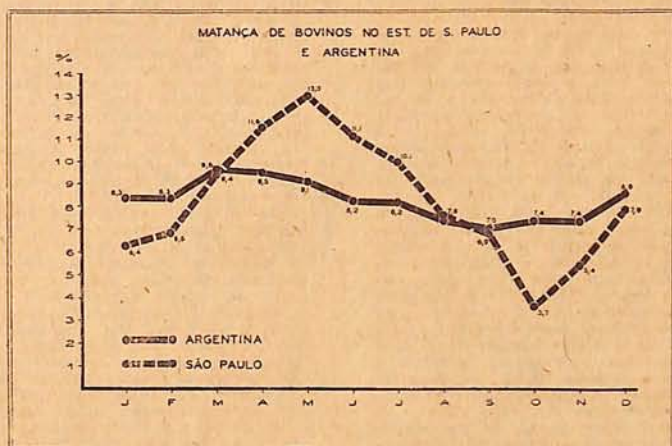


Fig. 3

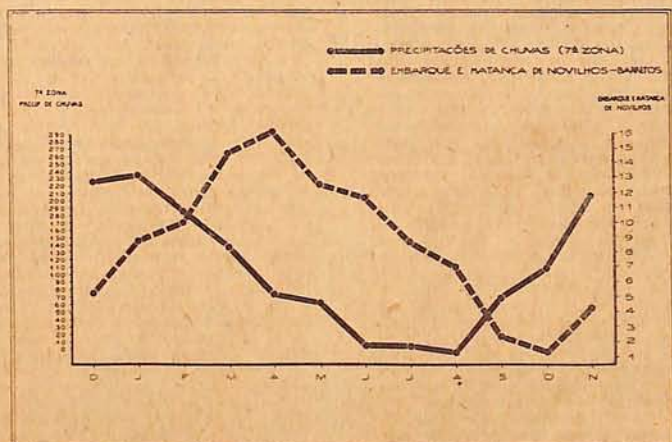


Fig. 4

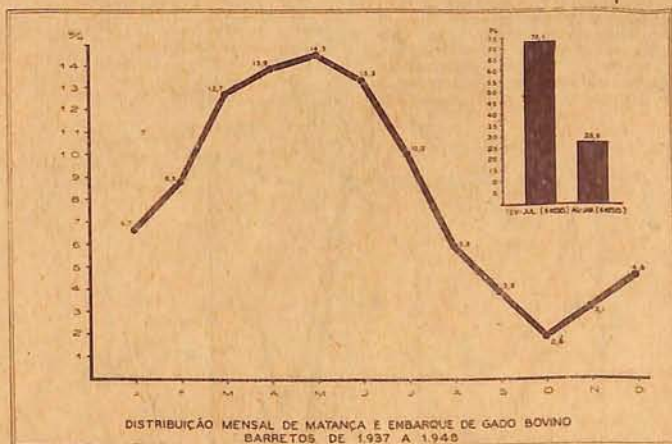


Fig. 5

lhos no frigorífico Anglo, localizado em Barretos, Estado de São Paulo, em 1947, e as precipitações atmosféricas da 7.ª zona meteorológica correspondente, constata-se que es-

ses dois elementos estão intimamente correlacionados. A curva das precipitações atmosféricas e a curva de matança durante o ano formam duas linhas paralelas, em que

a causa climática precede ao seu efeito zootécnico. (Fig. 4).

Para demonstrar que essa alteração de altos e baixos no primeiro e segundo semestres de cada ano sucede todos os anos nas zonas tropicais de savana e de altitude, porque a causa primária está sempre presente, (Fig. 5) é bastante verificar a produção média mensal de bovinos gordos durante 12 anos na região de Barretos, de 1937 a 1948. A produção começa em nível baixo, com 6,7% em janeiro, para subir nos meses seguintes até alcançar 14,5% em maio, ponto culminante. Depois cai bruscamente mês após mês, para deter-se em outubro com o insignificante valor de 2,8%. Durante esses 12 anos de atividade pastoril, a região de Barretos abateu 73,1% dos bovinos no semestre de fevereiro a julho e apenas 26,9% no semestre de agosto a janeiro, não havendo produção mais instável.

Semelhanças desníveis de produção de carne no curso do ano representam sério problema que simultaneamente prejudica produtores, industrializadores e o público consumidor. Os engordadores de bois vêm a sua mercadoria desvalorizada numa época de superprodução, em que a oferta supera a procura. Os frigoríficos sentem-se assoborçados de trabalho num semestre e não sabem o que fazer com seus operários especializados no semestre seguinte, em que falta a matéria prima. Essas empresas são obrigadas a manter custosas câmaras frigoríficas para armazenar a carne na época das vacas gordas, afim de que o consumidor tenha alguma carne na época das vacas magras, com evidente elevação do custo desse alimento. As massas consumidoras não são capazes de adquirir o costume de comer carne num semestre e deixar de comê-la no semestre imediato, porque não há hábitos, nem necessidades alimentares intermitentes. Tanto produtores, como intermediários ou consumidores sofrem as consequências do desequilíbrio da produção de carne naquelas zonas tropicais. A própria baixa produtividade da produção de carne nos trópicos decorre também da incapacidade de manter a produção em nível uniforme. Não é preciso dizer mais nada, para deixar patente a soma de benefícios, que advirá a toda a comunidade a solução do problema do desequilíbrio da produção de carne nos

trópicos de altitude e de savana.

Solução para o problema do desequilíbrio da produção de carne:

No ato de encontrar solução para o problema do desequilíbrio da produção de carne nos climas tropicais, muitas formulas ou simples recomendações têm sido preconizadas como fruto de incessantes investigações. Isso já indica que nenhuma delas consegue ter aplicação geral, extensiva, exequível e econômica.

1.o) **Irrigação** — Alguns autores buscam o emprego da irrigação de pastagens que, removendo a causa climática primária de falta de umidade do solo, seria a chave lógica e ideal do problema, tal como se usa em muitas fazendas na zona tropical do Sul dos Estados Unidos, como em Gila Bend, no Arizona. A adoção dessa providência depende de uma tal prosperidade rural que não convém, por enquanto, perder tempo em oferecer detalhes a esse respeito, uma vez que não há condições econômicas para a sua realização no Estado de São Paulo.

2.o) **Reservas forrageiras** — Os técnicos são unânimes em recomendar o emprego de reservas forrageiras, seja feno, seja silagem, seja cana forrageira ou outras para auxiliar a deficiência e a insuportabilidade das pastagens no período de seca. O Departamento da Produção Animal de São Paulo iniciou, há 4 anos, uma série de experimentações na esperança de que os fenos, a cana forrageira ou a silagem contribuíssem para a solução do problema da instabilidade da produção de carne. A diversos lotes de novilhos, suficientemente escolhidos e aparelhados para fins experimentais, foram administrados feno de capim jaraguá, cana picada e silagem de milho, com a finalidade de manter gordos durante o 2.o semestre do ano, os novilhos cevados nas pastagens do 1.o semestre. Resumindo os dados desses ensaios, pode-se dizer que os resultados foram decepcionantes (Fig. 6) pela sua negatividade bromatológica e pela sua consequência antieconômica. O lote suplementado com feno de jaraguá consumiu 750 kgs. de feno por animal, que corresponderia a cerca de 8.000 kgs. de capim verde; o lote tratado com cana picada absorveu 1.700 kgs. por cabeça e o lote alimentado com silagem de milho comeu 1.500 kgs. por boi, durante 5 meses de pastagens inte-

riores. Nenhum desses lotes obteve, porém, qualquer vantagem significativa, compensadora ou econômica em relação aos seus respectivos lotes testemunhas da experiência. A causa do insucesso desses suplementos não está ainda bem determinada, mas seus autores acreditam que a composição química rica em celulose e sobretudo em linina das forragens tropicais, tenha uma parcela ponderável de responsabilidade. Como alguns desses ensaios foram repetidos até 4 vezes, obtendo-se sempre resultados concordantes, os responsáveis pela experiência acreditam que o feno de capim jaraguá, a cana picada ou a silagem de milho, nas condições usadas, não fornecem a quantidade de nutrientes digestíveis totais para manter o peso dos novilhos na estação de seca dos climas tropicais de savana e de altitude.

3.o) **Animais adaptados às forragens grosseiras** — Excitados pelos fatores climáticos próprios dos trópicos, as forragens tornam-se particularmente grosseiras, duras, celulósicas e linifílicas durante vários meses do ano. Não faltam estudiosos que procuram raças de animais, geneticamente dotados de maior capacidade de digerir e aproveitar essas forragens grosseiras, como solução para o problema do desnível de produção nos trópicos. Não obstante as controvérsias sobre o assunto, vai-se firmando o conceito de que as raças zebuínas estariam em condições fisiológicas de utilizar com mais eficiência as forragens grosseiras da estação seca, do que os bovinos do tipo europeu. As experimentações realizadas no Departamento da Produção Animal deixam transparecer confirmações de que o gado zebu de fato se beneficia melhor com as forragens dos trópicos, do que o gado europeu ou nacional. O equilíbrio da produção de carne no Estado de São Paulo, não poderá ser obtido pelo emprego de animais dotados de elevada capacidade de digerir alimentos grosseiros, porque aqui já são usados os bovinos pertencentes ao grupo do zebu. Ademais a diferença do poder de digestibilidade entre bovinos zebus ou europeus, conquanto existente, não é bastante significativa para, por si só, equilibrar a produção de carne.

4.) **Vegetais adaptados à periodicidade de chuvas** — alguns pesquisadores recomendam a escolha de espécies ou variedades de plantas forrageiras, geneticamente suscetíveis de serem influenciadas em menor grau pela periodicidade de chuvas. Semelhante adaptação poderia ser em dois sentidos diferentes ou nos dois combinados: Espécies botânicas capazes de não se tornarem tão lenhosas, nem tão fibrosas, a ponto de poderem ser consumidas e utilizadas pelos animais. Ou espécies botânicas dotadas de capacidade de vegetar, brotar ou fazer o crescimento de novas folhas em condições de seca, quando outras espécies estão quase mortas.

A adaptação das espécies botânicas à peculiaridade do meio não constitui nenhuma exceção, mas antes é a regra no reino vegetal. É o caso das plantas pseudoxerófitas que fazem todo o seu ciclo-evolutivo, desde germinação, crescimento, inflorescência, frutificação e morte no curto espaço de três ou quatro semanas, que é o quanto dura o período de chuvas ou a umidade do solo. É o

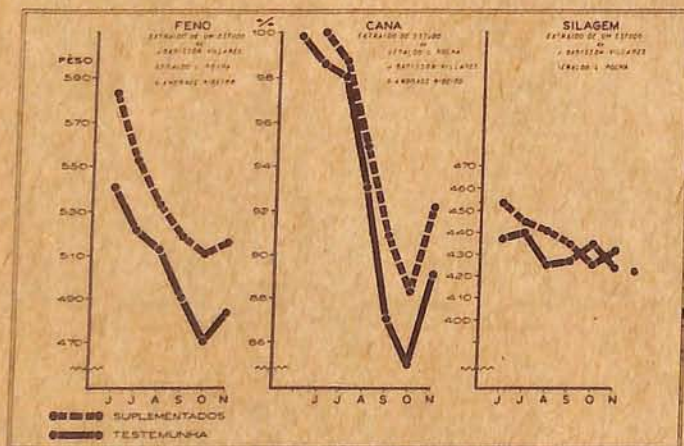


Fig. 6

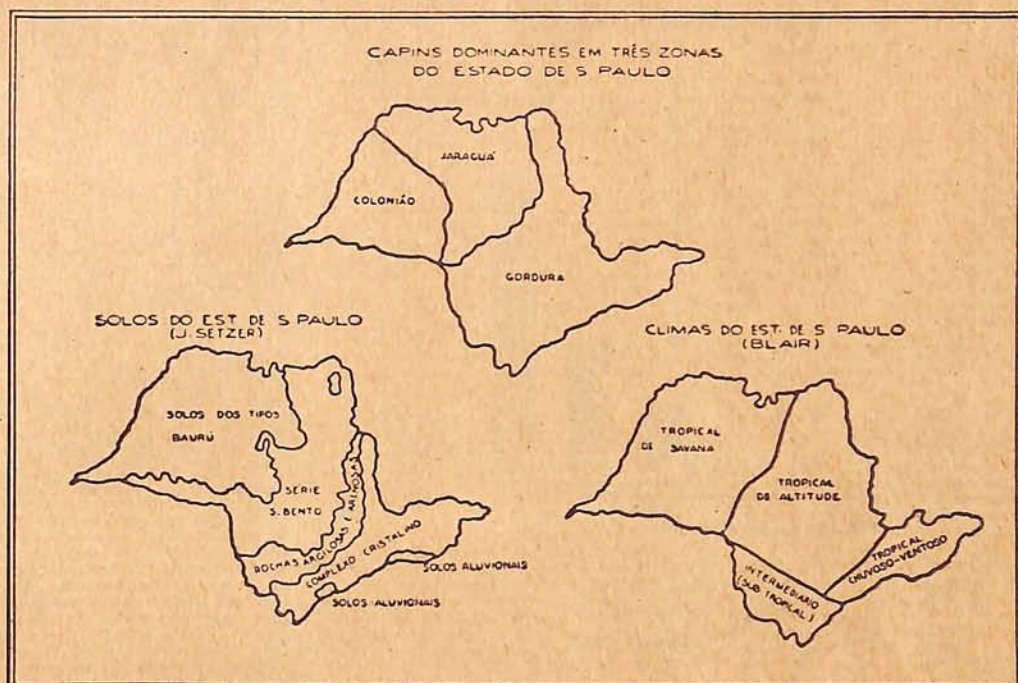


Fig. 7

caso daquelas plantas que, encontrando dificuldade em utilizar a água abundante do solo, pelo excesso de sebes nela dissolvidos, tornam-se carnudas, suculentas, fisiologicamente xerofitas, embora em meio rico d'água. É o caso da epiderme que cobre os estômas do cactus com uma cutícula muito espessa e somente com poucos estômas e quase fechados, como recurso para economizar água, que o meio não fornece e assim sobreviver à seca. Como estas, há mil e uma outras formas de adaptação dos vegetais ao meio, sobretudo ao fator umidade. Seria estranho que não existissem algumas plantas forrageiras adaptadas, por algum mecanismo especial, à periodicidade das chuvas, particularmente a escassez do período seco nos trópicos de savana e de altitude.

A descoberta e consequente preferência por tais forrageiras vantajosamente adaptadas às condições do meio, seria uma orientação análoga àquela que elegem o gado zebu para os trópicos. É mais fácil, talvez, encontrar variações entre espécies botânicas ou zoológicas para as condições particulares de certo meio, do que modificar o plasma germinativo, apesar de sua maleabilidade, forçando a aclimação de seres que fizeram sua evolução filogenética em ambientes climáticos distintos. A descoberta de plantas forrageiras adaptadas aos trópicos de savana e de altitude constitui uma chave para a solução do problema da instabilidade da produção de carne nessas áreas.

Dentro dessa orientação de descobrir espécies forrageiras, adaptadas às condições de distribuição de chuvas nos trópicos de savana e de altitude, as experimentações deveriam começar com as plantas mais utilizadas na produção de

carne no Estado de S. Paulo. Seja por vegetar bem nas terras pobres e ávidas dos solos dos tipos Bauru, seja por fornecer uma massa quantitativamente incomparável de alimento verde, o certo é que o capim Colôniaio tem crescido tanto na zona percorrida pelas estradas de ferro Sorocabana, Paulista e Noroeste do Brasil, sobretudo nos limites com Mato Grosso, que forma já uma verdadeira faixa de *Panicum maximum* em plena savana paulista. Em contraposição, os solos dos grupos da série de São Bento, nos trajetos das estradas de ferro Mogiana e Paulista, assim como em solos dos tipos Bauru nas estradas de ferro Araraquarense e Paulista, constituem um autêntico cinturão de capim Jaraguá, repartido em zona tropical de altitude e de savana em S. Paulo. É ver-

dade que há outras espécies forrageiras de permeal, mas aqueles capins são ali dominantes. Essas duas áreas de pastagens de capins Colôniaio e de Jaraguá preparam o acabamento final de cerca de 70% dos novilhos cevados no Estado de S. Paulo e abatidos nos seus grandes frigoríficos. Os ensaios (Fig. 7) relativos à resistência de espécies forrageiras à estação seca deveriam então, forçosamente, ter início com os capins Colôniaio e Jaraguá.

Um lote de novilhos, nascidos, crescidos e engordados em pastagens de capim Colôniaio, em plena faixa dessa espécie botânica e outro lote idêntico, também nascido, crescido e cevado em pasto de Jaraguá, no cinturão dessa espécie forrageira, foram postos em comparação durante o período de se-

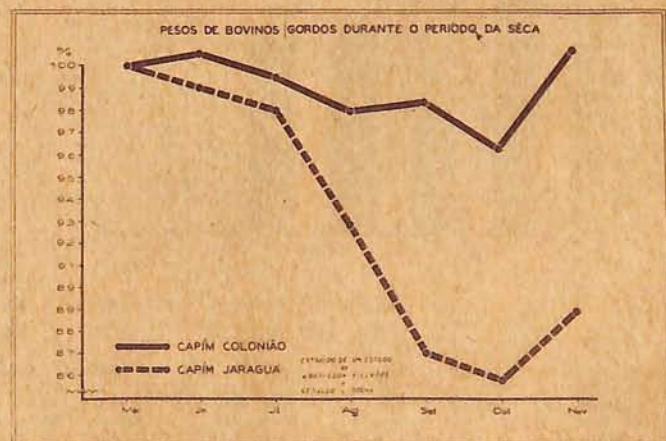


Fig. 8

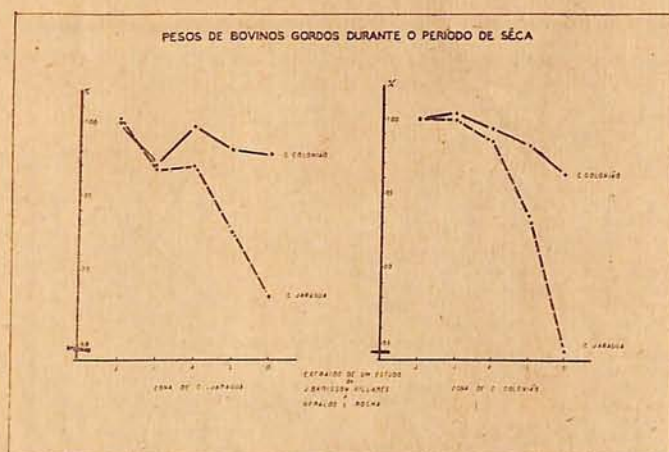


Fig. 9

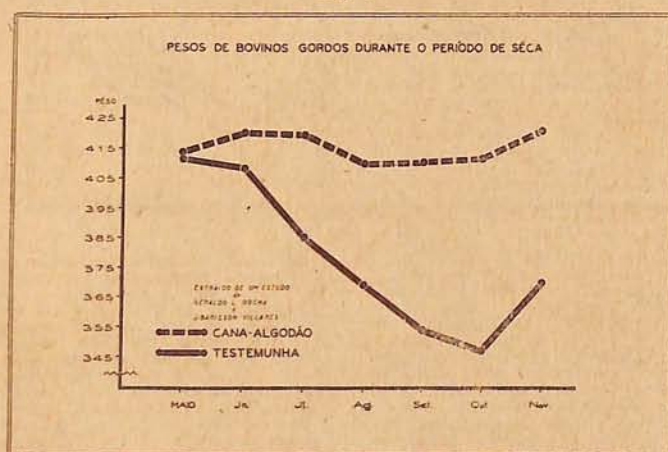


Fig. 10

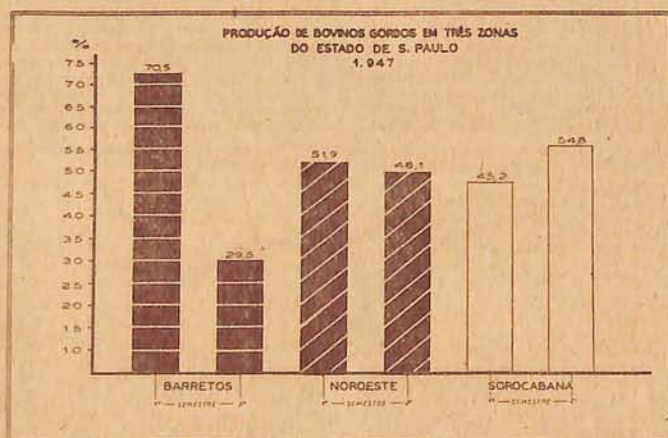


Fig. 11

ca, desde maio até novembro. Considerando (Fig. 8) como índice 100 o peso médio dos lotes em maio, os pesos dos novilhos nos meses seguintes indicariam a produção e

qualidade das respectivas espécies forrageiras, durante os meses de seca. Os novilhos alimentados com capim Jaraguá sofreram uma grande e progressiva perda de peso,

descrevendo uma curva que lembra o segmento descendente da curva de matança de bovinos no frigorífico Anglo, em Barretos, com maio no ápice e outubro no ponto mais crítico. Os novilhos alimentados com capim Colônia tiveram uma leve queda de peso durante os meses de junho a outubro, revelando que essa espécie forrageira difere profundamente do capim Jaraguá, no que diz respeito à capacidade de manter o peso do gado gordo na época da seca. Não é muito fácil exprimir a diferença real entre essas duas espécies botânicas num simples esquema gráfico. A densidade de bovinos no capim Colônia deste ensaio foi de 55% maior do que a do capim Jaraguá. O controle do pastoreio do capim Colônia, com o maior número de bovinos nos períodos de chuva e de seca do que no capim Jaraguá, mostrou ser decisivo para obter-se, tal resultado, pois usando número equivalente de bovinos em pastagens de Colônia e de Jaraguá, não se alcançou semelhante êxito.

Como na comparação destes dois lotes, os novilhos estavam localizados em pontos geográficos diferentes, onde o solo não era semelhante, nem o clima era o mesmo, as experimentações foram repetidas com a inversão de posições. Um lote de novilhos gordos é colocado em pastagens de capim Jaraguá na zona de capim Colônia e outro lote é posto em pastagens de capim Colônia na área de capim Jaraguá, invertendo-se, pois, a primitiva localização das espécies botânicas. (Fig. 9). Os novilhos alimentados com o capim Jaraguá perderam peso de junho a outubro, tanto na zona dessa forrageira, como na zona do capim Colônia. Os novilhos alimentados com o capim Colônia mantiveram o seu peso, quer na zona dessa forrageira, quer na zona de capim Jaraguá. Esta repetição dos experimentos confirma os primeiros ensaios e deixa claro que o capim Colônia é especialmente adequado para manter o peso de novilhos gordos na seca, ao passo que o capim Jaraguá não goza de idêntica virtude.

Quando não são suficientemente controlados por pastoreio judicioso, tanto o capim Colônia, como o Jaraguá tornam-se lenhosos e duros, mas o capim Colônia produz algumas folhas novas em plena seca, enquanto que o capim Jaraguá sofre um colapso completo na produção forrageira. A magnífica capacidade, que possui o capim Colônia de realizar ainda alguma rebrotação na seca, não está suficientemente explicada. Há quem acredite que essa espécie botânica armazena água em sua organização, para usar durante a seca e permitir aquelas novas folhas que o gado cata com avidéz. Como se explicaria a existência de uma substância cerosa esbranquiçada, cobrindo os colmos e folhas do capim Colônia, senão para enterrar a perda da água por transpiração? Não é só o capim Colônia que goza de apreciável adaptação às secas, pois o capim sempre-Verde, variedade afim da mesma espécie botânica, deve em parte a sua notável resistência à falta de chuvas, graças às reservas que se acumulam nos bulbos da base da touceira. Novas experimentações estão programadas no Departamento da Produção Animal com as diversas variedades Panicum Maximum

— Colômbio, Sempre-Verde, Tanganyika e outras — pois são bem fundadas as esperanças de que essa espécie botânica constitua a chave do problema em equação.

Para revelar o valor do capim Colômbio na solução do problema de desnível da produção de carne nas zonas tropicais de savana e de altitude, é bastante considerar não só seus bons resultados bromatológicos, mas sobretudo seu importante aspecto econômico. Na zona de capim Jaraguá, os ensaios realizados pelo Departamento de Produção Animal demonstram que é possível manter o peso dos novilhos gordos, durante a seca, com pasto de Jaraguá, desde que se lhe adicione cana picada e torta de algodão. Administrando-se cerca de 2.000 quilos de cana picada e 75 quilos de farelo de torta de algodão, por indivíduo, de Maio a Novembro, os novilhos conseguiram manter o seu peso, em relação ao lote testemunha que repetiu aquela mesma queda de peso, já observada nas pastagens de capim Jaraguá. Os resultados bromatológicos da suplementação com cana picada e torta de algodão são análogos aqueles obtidos simplesmente com capim Colômbio. No entanto, esse resultado difere substancialmente do ponto de vista econômico, pois aqueles foram cerca de 20 vezes mais caros do que estes. O aspecto econômico decide o assunto em favor do capim Colômbio. (Fig. 10).

A importância dessas experimentações iniciais, como indicadoras de que certas variedades de Panicum Maximum são capazes de contribuir para a estabilidade da produção de carne, reside na sua plena confirmação pelos resultados já obtidos na própria faixa (Fig. 11) de capim Colômbio no Estado de São Paulo, com várias dezenas de milhares de novilhas. Em 1947, a zona de Barretos produziu 70,5% de seus bovinos gordos no 1.º semestre e apenas 29,5% no 2.º semestre, revelando aquele desequilíbrio típico dos trópicos, em área de pastagens de Jaraguá. No mesmo ano, a zona da Noroeste engordou 51,9% de seus bovinos no 1.º semestre e 48,1% no 2.º semestre, o que significa uniformidade de produção de carne nas estações das águas e da seca, com pastagens dominantes de capim Colômbio. Ainda em 1947, a zona da Sorocabana enviava aos centros consumidores 45,2% de seus bovinos gordos no 1.º semestre e 54,8% no 2.º semestre, conseguindo produzir mais gado em condições de abate na época da seca, do que na de águas, graças sobretudo às pastagens de capim Colômbio.

Há cinco anos passados a área de pastagem de capim Colômbio no Estado de São Paulo, não tinha a importância atual. Em 1943, a região de Barretos produzia cerca de 40% dos bovinos abatidos nos frigoríficos do Estado, cevados sobretudo em pastagens de capim Jaraguá, ao passo que nessa época as regiões da Sorocabana e Nordeste forneciam respectivamente 15,3 e 9,0% dessas matanças, com bovinos preparados em grande parte em pastagens de Colômbio. (Fig. 12). De 1943 a 1948, as pastagens de capim Colômbio estenderam-se, de modo que a zona de Barretos declinou para 32,1% da produção de bovinos e as zonas da Sorocabana e Nordeste subiram para 16,9 e 21,9%. Isso sem falar na introdução do capim Colômbio na

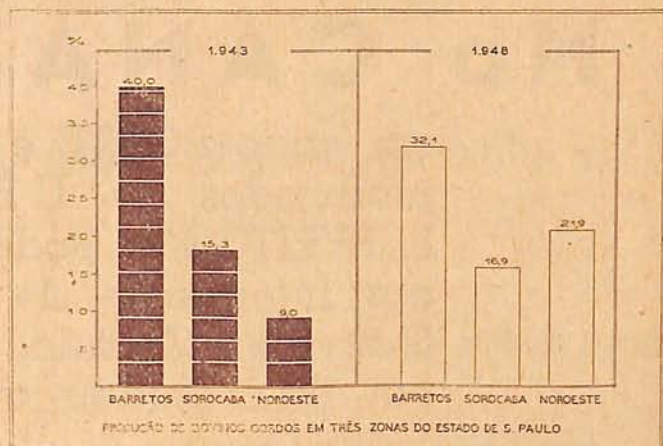


Fig. 12

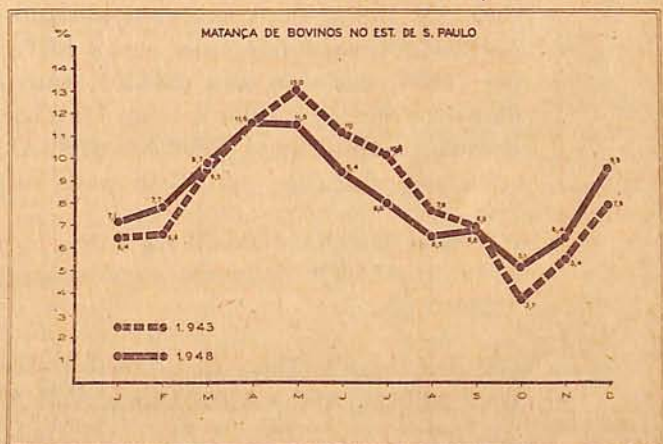


Fig. 13

própria área de influência de Barretos.

Tendo crescido as áreas de pastagens de capim Colômbio e sendo essa espécie forrageira mais adaptada para manter o peso dos novilhos gordos durante a seca, já teria havido alguma correspondente repercussão desses fatos no conjunto da produção de carne no Estado de São Paulo, de 1943 a 1948? No curto lapso de 5 anos, já é (Fig. 13) suficiente para constatar-se, que a curva de produção de carne no Estado de São Paulo, tende a tornar-se uniforme. Em 1948, os desníveis das matanças de bovinos nos frigoríficos não são tão acentuados como de 1943. O máximo das matanças não atinge extremos tão elevados em Maio, nem caem a porcentagens tão inferiores em Outubro. Os pontos extremos eram 13,0% em Maio e 3,7% em Outubro de 1943, enquanto que foram 11,6% como máximo e 5,1% como mínimo em 1948, sendo manifesta a tendência para a uniformidade de distribuição mensal das matanças. Quando as áreas de pastagens de Colômbio se alargarem ainda mais, a produção de carne irá perder provavelmente aquele grave desequilíbrio de alta e baixa produção, caracte-

rístico das regiões tropicais de savana e de altitude.

Não resta dúvida que o capim Colômbio e talvez outras variedades afins de Panicum Maximum são capazes de auxiliar a solução do problema de desnível da produção de carne nos trópicos, restando saber apenas, si essa espécie forrageira pode funcionar num sistema racional de rotação agro-pecuária, conveniente ao Estado de São Paulo.

E' com prazer que o corpo técnico do Departamento da Produção Animal apresenta este problema típico das regiões tropicais e uma fórmula para sua solução, aplicável a outros Estados irmãos, porque justamente o capim Colômbio, que já constitui uma riqueza paulista, chegou ao Estado de São Paulo vindo da Baía. E' com satisfação que estas coisas são ditas aos sucessores baianos de Garcia d'Ávila, sobretudo no momento em que se comemora o centenário da chegada do primeiro criador de gado na Baía, em que se festeja o centenário dos bovinos da caravela Galga e relembra-se a introdução dos capins da Guiné na Baía, em notável coincidência histórica com a grata eiemeride da fundação da cidade do Salvador.

N O C A N A D Á

em gado FORTE e RUSTICO são produzidos os UBERES mais PERFEITOS, e podem ser obtidos por intermedio de HAYS LTDA. Oakville, Ontario, Canadá que em 1947 ajudou a comprar

para o criador Solano Rios (Republica do Uruguai), a vaca GLENVUE NOELLE INKA, declarada posteriormente ALL CANADIAN e ALL AMERICAN, revendida agora com a idade de 9 anos, com duas crias, por 47.600 pesos uruguaio (380.800 cruzeiros), ajudou a comprar ainda para o mesmo criador o touro OTONABEE PABST REVIEW, declarado posteriormente RESERVADO ALL CANADIAN, revendido agora com uma filha por 25.000 pesos uruguaio (204.000 cruzeiros).

para o criador Rodolfo Jaramillo (Chile), o touro GLENAFTON RAG APPLE ALERT, declarado posteriormente ALL CANADIAN e ALL AMERICAN.

para o criador Sagazola Hnos (Argentina) a novilha HIGHCREST PIPPIN RAG APPLE, ALL CANADIAN e ALL AMERICAN.

e em 1948 para o URUGUAI

para o criador Barrenechea Hnos, a vaca GLENAFTON LAUREL HEATHER, declarada mais tarde ALL CANADIAN.

para o criador Jorge Pacheco, o touro RAYMONDALE SALAX, declarado mais tarde RESERVADO ALL CANADIAN.

para o criador Edmund Reig, a vaca GLENAFTON LAUREL PRIZE, declarada GRANDE CAMPEÃ DE FEMEAS na 1.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE MONTEVIDEO de 1949.

Representantes exclusivos para o Brasil:

PONCE DE LEON & DUTRA

Rondeau, 1908

MONTEVIDEO

Republica do Uruguai

Endereço telegrafico: "PONCEDÚ"

PINHAL

O maior núcleo do gado holandês vermelho e branco de São Paulo

TEXTO E FOTOS DE
DARCY MARQUES POPPE

Dos dias 27 a 31 de dezembro último, realizou-se na cidade de Pinhal, uma Exposição Agropecuária e Industrial, como parte dos festejos do primeiro centenário daquele próspero município paulista.

Embora o acontecimento tivesse carecido de maior divulgação, constituiu-se num autêntico sucesso, tanto na parte agrícola como no setor industrial. Quanto à Exposição de animais, propriamente dita, constituiu uma surpresa ou melhor, uma revelação. Com efeito, ninguém podia imaginar que a pecuária pinhalense lograsse tão grande êxito em tão pouco tempo.

Até maio de 1948, a pecuária de Pinhal limitava-se a meia dúzia de reses de raça e a duas centenas de animais, cujo principal fim, era produzir esterco para os cafezais. No entanto, pode-se dizer sem receio algum, que Pinhal é hoje um dos nossos maiores centros de gado leiteiro de raça e o primeiro núcleo de gado "Holandês" vermelho e branco do Estado de São Paulo.

COMO SURTIU A PECUÁRIA PINHALENSE

Sobre a imensidão do azul celeste e das frias nuances verdes das pastagens e cafezais, surgiram certo dia umas manchas vermelhas que deram vida e calor à paisagem pinhalense. Tratava-se de algumas reses mestiças de "Holandês" vermelho e branco que certo fazendeiro recebera como pagamento de uma dívida "encravada".

A beleza do novo panorama foi arrebatando a todos. Como tirar a vista daquelas manchinhas vermelhas que se movimentavam ao longe, num oceano verde? Não era possível. Nem mesmo um fleugmático mordomo inglês seria capaz de fazê-lo.

E, assim, através da sensibilidade artística, o gosto pela pecuária, brotou no coração nos tradicionais cafeicultores de Pinhal.



★
Vista do pavilhão central da Escola Agrícola e Industrial "Dr. Carolino da Motta e Silva", modelar estabelecimento de ensino e que serviu de recinto à I Exposição de Pinhal.
★

A EXPOSIÇÃO DE S. JOÃO DA BOA VISTA

Pouco tempo depois, em maio de 1948, realizou-se em São João da Boa Vista uma exposição de animais. Foi aí que os criadores de Pinhal encontraram incentivo necessário para se iniciarem na criação de gado de raça. Cerca de 20 reses saíram do recinto da exposição diretamente para as fazendas de Pinhal. E, desde então, os criadores pinhalenses vêm adquirindo tudo que encontram de melhor. Assim, cerca de 40 reses "Holandesas" vermelha e branca foram importadas da Holanda e já se encontram multiplicadas. Muitas outras, também vermelha e branca, puras de origem, foram adquiridas da Fazenda Experimental de Nova Odessa e de outras procedências acreditadas. Como já dissemos, Pinhal é hoje, provavelmente, o mais importante núcleo de gado "Holandês" vermelho e branco do nosso Estado.

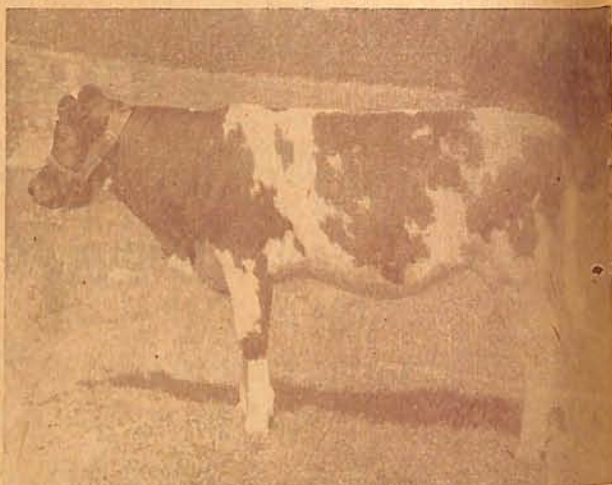
"HOLANDÊS" PRETO E BRANCO E "SCHWYTZ"

Não obstante a predileção dos criadores de Pinhal ter recaído sobre o "Holandês" vermelho, não há dúvida que o "Holandês" preto também vem sendo criado com grande entusiasmo, e o mesmo pode-se dizer do "Schwytz". Durante a Exposição de Pinhal, nos foi dado ver exemplares "Holandeses", preto e branco, de magníficos "pedigrês" e de excelente conformação. Em qualidade, o "Holandês" preto em nada ficou a dever ao vermelho. Em quantidade, porém, a representação vermelha foi três vezes superior.

O "Schwytz" que compareceu à exposição é a fina flor do rebanho do saudoso criador José Procopio de Oliveira Azevedo (Zecão), pertencente hoje ao sr. Gilberto Leite Vieira.

BOA ORIENTAÇÃO

A pecuária pinhalense está sendo orientada pelos mais modernos preceitos da técnica e de ciência. Contrôles leiteiros, controles de coberturas, ordenha mecânica e outras práticas avançadas, tanto em relação à produção de leite como à criação de bezerros, são hoje correntes naquele próspero município. Os resultados



"BASE" — Também da raça Holandesa, vermelha e branca, filho de "Nero" e "Falena". Pertence ao Sr. Miguel Namem, com a Fazenda "Cochoeirinha", Pinhal, Est. S. Paulo.

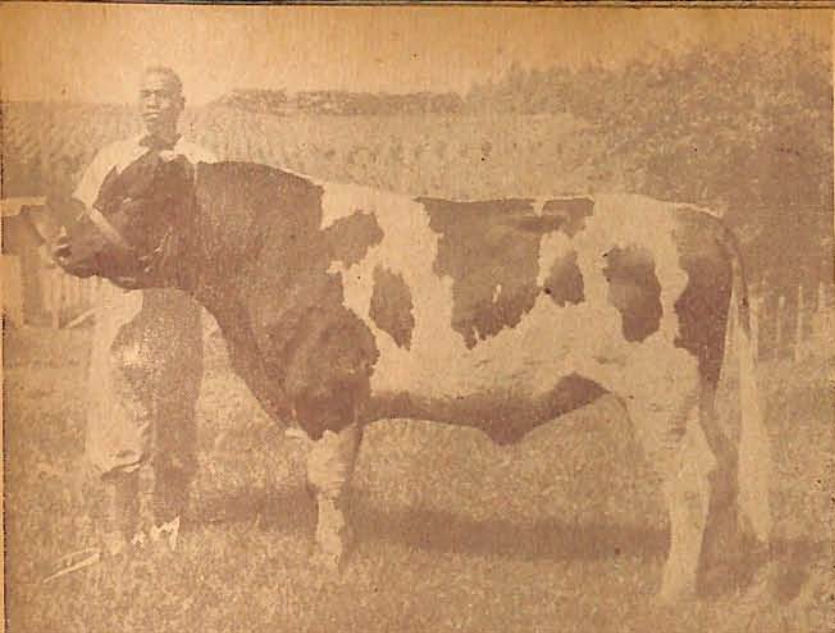
têm sido os mais lisonjeiros. Basta dizer que na Fazenda Palmeiras, de propriedade dos srs. Gonçalves & Filho, a criação de bezerros atingiu a 100%; em 1949, não morreu um só bezerro naquele estabelecimento.

Contudo, a parte econômica ainda não é compensadora, devido ao baixo

(Conclui na pág. 50)



"GRECIA" — Reg. 9774 - APCB. Da raça Holandesa vermelha e branca, filha de "Boreno" e "Grecia V". Pertence à criação do Sr. Jayme da Silveira Leme, Fazenda "Santo Antonio", Pinhal, Est. S. Paulo.



FAZENDA "CACHOEIRINHA"

PROPRIETARIO:
MIGUEL NAMED
P I N H A L
Estado de São Paulo

"TARSO" — Da raça Holandesa, vermelha e branca, puro sangue de origem. Filho de "Pacon" e "Paca". Nasceu em 22 de julho de 1946.



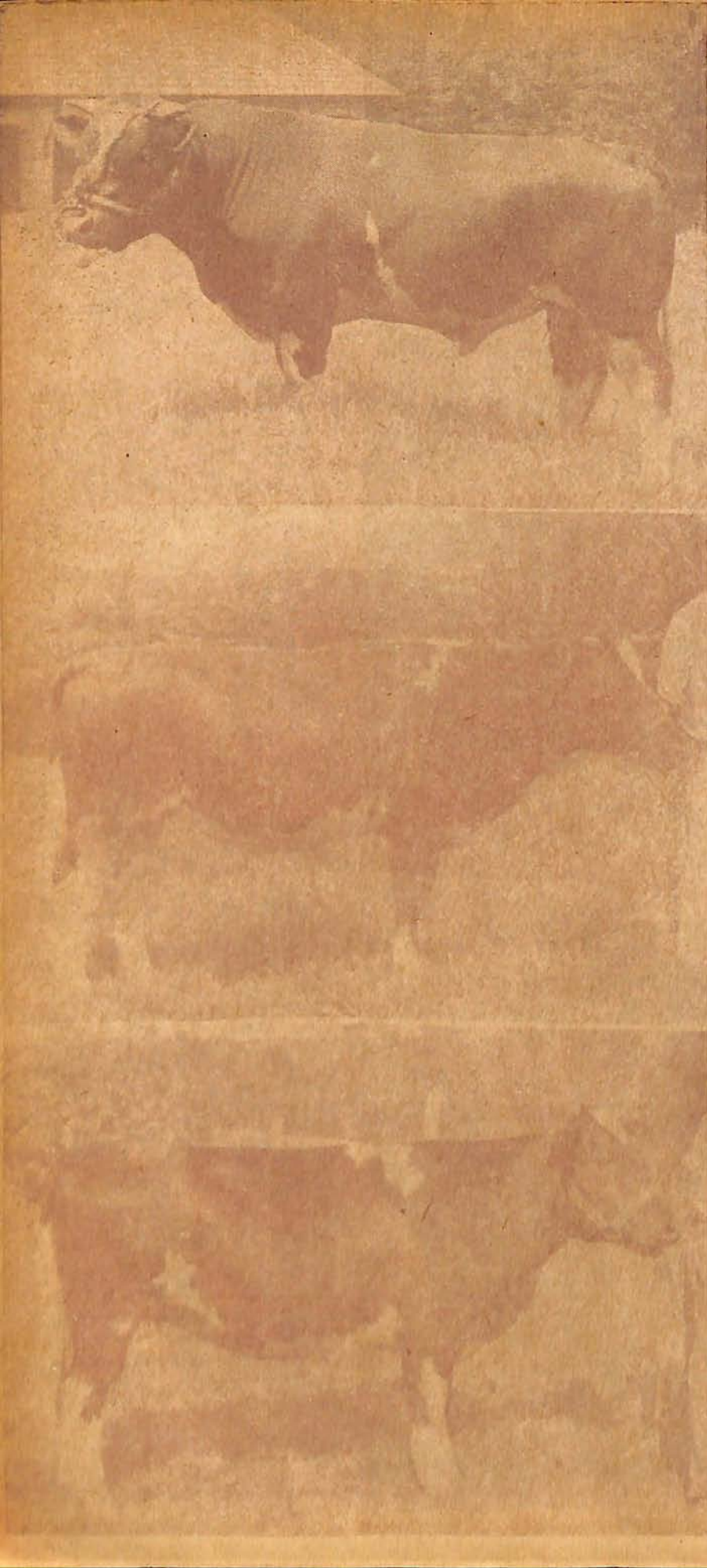
CRIAÇÃO E SE-
LEÇÃO DE GADO
H O L A N D Ê S .
VARIEDADE VERMELHA
E BRANCA.

"BALALAIKA" — Também da raça Holandesa, variedade vermelha e branca. É filha de "Pintura" e "Tamaú". Está com 3 anos e é pura por cruzar.



V E N D A
P E R M A N E N T E
D E
R E P R O D U T O R E S

Grupo de vacas da raça Holandesa, vermelha e branca, chefiadas pelo reprodutor "Tarso".



Fazenda "San

PROPRIETARIO:

**JAYME DA SILVEIRA
LEME**

"LEO 3" - Reg. 231.045 - Rd. A.
- HBB - EE 1/26. Importado, e
filho de "Mina's Sjoerd 15" e
"Dina 6".

**CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE GADO HOLANDÊS,
VERMELHO E BRANCO,
PURO SANGUE
DE ORIGEM**

"DORA" - Reg. 223.052 - Rd. -
A.J. - HBB - FF 1/71. Importado e filho de "Florus" e
"Annie".

REBANHO REGISTRADO

"JOANTJE 12" - Reg. 221.548 -
Rd. A.J. - HBB - FF - 1/76. Importado e filho de "Pierre" e
"Joantje 8".

to Antonio”

P I N H A L
Estado de São Paulo

“PRESIDENTE” - Filho de “Natal” e “Diretora”.



“DINA 12” - Reg. N. 216.750 -
Rd. A.J. - HBB. FF - 1/69. Im-
portada e filha de “Mina’s
Sjoerd” e “Dina 4”.



VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Grupo de reprodutores puro
sangue de origem e importados.
Vemos: 1 - “Leo 3”, 2 - “Dora”,
3 - “Laura”, 4 - “Dina 12”, 5 -
“Joantje 12” e 6 - “Truus”.



Fazenda "Santa Magdalena"

PROPRIETARIA:

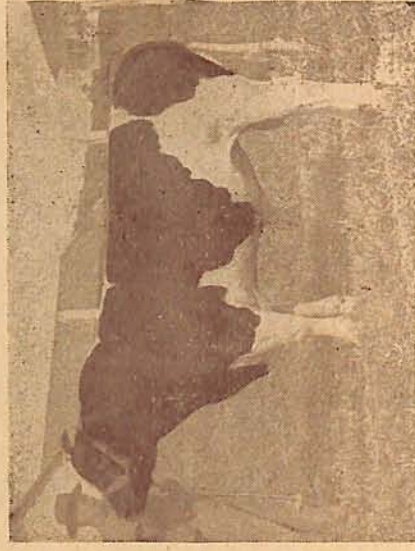
Dna. LUCINDA VILLAS BOAS NOVAES E FILHOS

PINHAL

ESTADO DE S. PAULO



"SANTAREM" P. S. 109 — Reg. 7.832. Nascido em 5 de Fevereiro de 1915 por "ALE" -
HBH 140/274 EE - 1 - 6 e "FA" - P. S. 13 - BB - 1 - 3.



"SABICHÃO" P. S. 115 - A.P.C.B. 7.833. Reprodutor
da raça Holandesa, vermelha e branca, e nascido em
21 de Julho de 1945, por "PACHOLA" P. S. 77 -
A.A. - 1 - 39 e "NHACANA" P. S. 58 - BB - 1 - 53.

GRANDE CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO HOLANDÊS, DAS VARIEDADES
VERMELHA E BRANCA E PRETA E BRANCA ★ PURO SANGUE DE ORIGEM E PURO POR CRUZA.



"ZORRA" 4 - A.P.C.B. 617 — da raça Holandesa, vermelha e branca.
Criança da Fazenda, por "SANTAREM" P. S. 109 Reg. 7.832 e "VALSA"
15 - Reg. 7828 A.P.C.B.



"ZIMBRA" 7 - A.P.C.B. 575. Também da raça Holandesa, vermelha e
branca e crioula da Fazenda. Filha de "SANTAREM" e "TURBINA"
10 - A.P.C.B. 7827.



"ZURRAPA" — outra grande apresentação da Fazenda.



"FOGO" — Puro sangue da raça Mangalarga. Alazão dourado salpi-
cado, calçado de branco em 3 pés. 1m.58 de altura. Nasceu em 9
de Outubro de 1947 por "INVASOR" 145 e "AURORA" 292.
Proprietário: Rubens Novaes. Fazenda "Santa Magdalena".

FAZENDA "PALMEIRAS"

GONÇALVES & FILHO

CAIXA POSTAL 5 - PINHAL SP

CRIAÇÃO DE GADO PURO DE O

VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES
FILHOS DE VACAS
CONTROLADA
PELA APC

RUSTICIDADE
PRODUTIVIDADE
PRECOCIDADE



"MARIE XIV", "NELLY", "ELSIE", e "MARGRIET II".
Lote de novilhas de excelente origem leiteira. Importadas
para a Fazenda "Palmeiras".

A Fazenda Palmeiras adquiriu recentemente "FRANS" 229597, importado da Holanda e filho do famoso "Mitsjoerd XV". As 5 maiores produtoras de suas ancestrais dão média de 7 quilos de leite em 365 dias com 3,7% de gordura.

VACAS

BEZERROS FILHOS



HOLANDÊS VERMELHO E BRANCO, ORIGEM E PURO POR CRUZA

TE
ES
AS
AS
B

en-
do
a's
ões
598
1%



“SABONETE” — PS116 — 7908

Puro de origem, por “Mandi” e “Lacraia”. Criação do Governo do Estado de S. Paulo.
O melhor “pedigree” leiteiro da criação nacional.

NOVILHAS

DE «SABONETE»





Sr. Manoel Carlos Gonçalves, co-proprietário da Fazenda "Palmeiras", hoje possuidora de um dos maiores rebanhos de Holandês, vermelho e branco, e suas atividades criatórias iniciaram-se por ocasião da última Exposição de Animais de S. João da Boa Vista.

preço do leite pago pela usina: Cr\$ 1,50, descontando o imposto. E o carreto é por conta do produtor. No período das

PINHAL...

(Conclusão da pág. 42)

águas, a quantidade que exceder à que foi entregue durante a seca é recebida à razão de Cr\$ 1,00. É esta a maior reivindicação dos criadores locais.

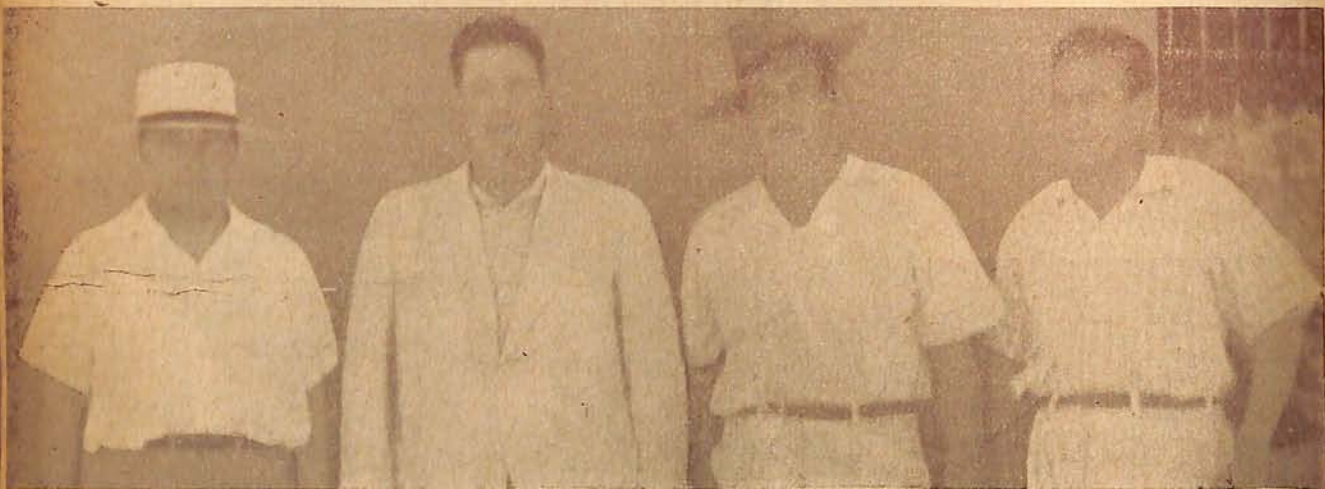
OS EXPOSITORES

A seguir publicaremos ampla reportagem fotográfica, onde os leitores poderão observar a excelência do gado apresentado na I Exposição Agropecuária e Industrial de Pinhal.

Quanto à parte agrícola e industrial não nos foi possível apresentar através de ilustrações, por isso vamos comentá-la aqui: A parte agrícola e industrial foi magnificamente representada pela Escola Agrícola e Industrial Dr. Carlino da Mota e Silva. Todo um amplo pavilhão foi necessário para apresentar uma pequena parte do muito que se faz e produz naquele modelar estabelecimento, que está sob a competente direção do prof. Francisco da Silva Coelho.

Outro acontecimento importante constituiu o pavilhão ocupado pela oficina artística "Aldo Casalechi", que apresentou um excelente mostruário de móveis e objetos de ferro batido, realmente artísticos. Muitos outros pavilhões e estandes foram apreciados por numeroso público que compareceu ao recinto.

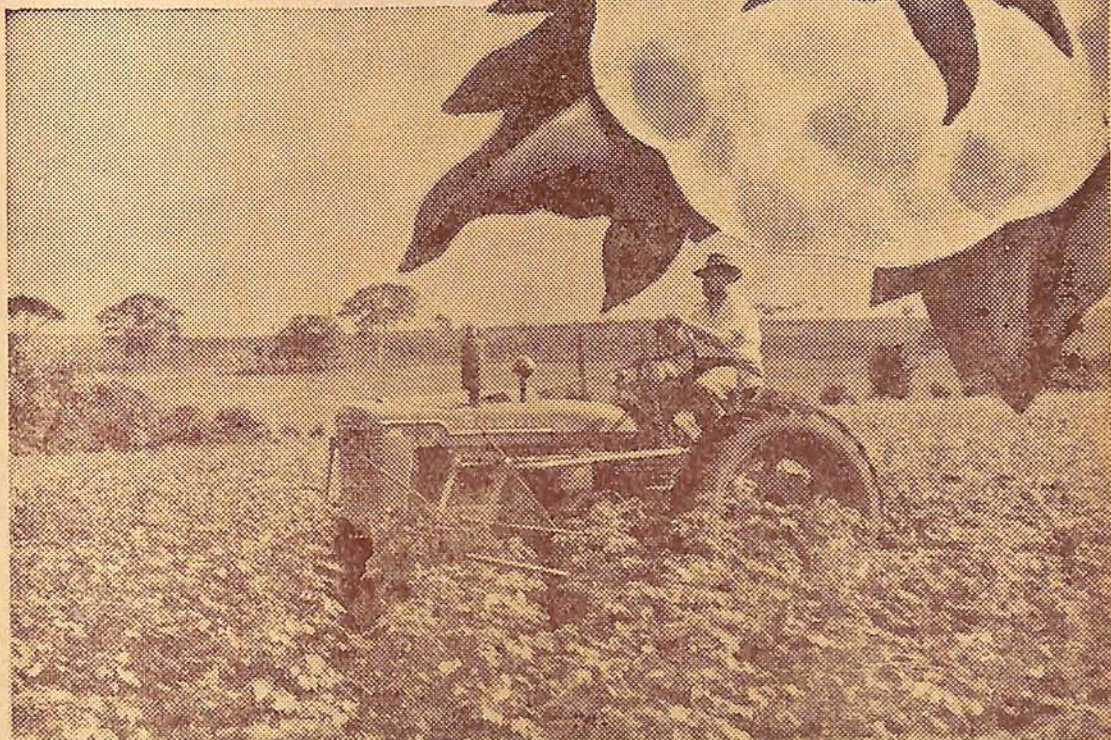
Jayme da Silveira Leme, Miguel Namem, Rubens Novaes, Zico Sertorio, todos criadores e grandes expositores da I Exposição de Pinhal. Suas atividades criatórias foram iniciadas por ocasião da última exposição de S. João da Boa Vista, em Maio de 1948, ficando assim demonstrado o valor das exposições regionais no fomento da pecuária.



O Homem pode...

PRODUZIR MUITO

MAIS POR MUITO MENOS!



Não é o simples prazer de lidar com máquinas, que está levando muitos lavradores a mecanizarem suas lavouras. Mas, sim, o fato bem positivo de as máquinas lhes permitirem produzir muito mais por muito menos. E essa produção econômica lhes é imensamente possibilitada pela excelência e eficiência de produtos petrolíferos como os produtos Esso — que movimentam e conservam as máquinas agrícolas.

**GRATUITAMENTE,
PARA OS SENHORES FAZENDEIROS**

Se o senhor deseja receber, gratuitamente, a publicação "Esso Agrícola", escreva à Standard Oil Company of Brazil, para qualquer uma das Caixas Postais abaixo indicadas, dando os seguintes informes: nome, endereço, tem caminhões na fazenda? Tem tratores? Tem outros maquinismos agrícolas?



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Caixas Postais: 1.163 - Rio; 36-B - S. Paulo; 242 - Recife

RAÇÕES PARA O PREPARO FINAL DOS FRANGOS PARA O CÔRTE

HENRIQUE F. RAIMO

Méd.-Vet. - D.P.A.

Com o desenvolvimento da criação de frangos para o corte, cresce o interesse dos avicultores pelos detalhes que dizem respeito à melhor apresentação dos frangos ao consumidor, sempre exigente.

Dentre os detalhes, destaca-se o do preparo final dos frangos para o corte, como uma "engorda" destinada ao arredondamento do corpo, principalmente dos músculos do peito — chave da melhor apresentação ao público consumidor.

O preparo final dos frangos para o corte é efetuado através de rações apropriadas, onde devem figurar uma porcentagem mais elevada de fubá e uma forma de leite em pó.

Os frangos recebem a farelada molhada, na consistência de um mingáu, a partir de 7 a 21 dias antes de sua venda para o corte.

Geralmente, o preparo final dos frangos começa às 12 ou 14 semanas de idade, conforme a exigência do comprador, seja frigorífico, retalhista ou consumidor direto.

A farelada molhada é fornecida pela manhã, ao meio dia e ao cair da tarde, em quantidades que possam ser consumidas dentro de 30 minutos.

Cabe ao avicultor observar a reação dos frangos ao preparo final, a saber:

1 — Consumo de ração — si não aceitarem bem a farelada molhada integral, dar a mesma farelada, seca, à vontade nos comedouros e 2 rações molhadas, uma ao meio dia e outra ao cair da tarde, para ser consumida, em 15 ou 20 minutos, colocada sobre a farelada seca.

2 — Quando começam a regeitar a farelada molhada, é sinal de venda para o corte, confirmado pela pesagem e exame dos músculos do peito, de alguns frangos.

Geralmente, e isso acontece nos Estados Unidos, ao fim de 10 dias, os frangos se encontram preparados para o corte.

ALIMENTOS EM Ks.	1	2	3	4
Fubá grosso	34	44	44	40
Refinazil	—	—	—	10
Farelo grosso de trigo	15	20	15	16
Farelinho de trigo	15	20	15	20
Farelinho de arroz	20	—	10	—
Farinha de carne	10	10	10	8
Leite em pó	5	5	5	5
Sal	1	1	1	1
T O T A L	100	100	100	100

As quatro rações apresentadas satisfazem plenamente no preparo final dos frangos para o corte, atendendo aos diversos alimentos, empregados com mais frequência na alimentação das aves, em nosso meio criatório.

As rações mencionadas devem ser empregadas de mistura com água, na base de 1.500 gramas de farelada, para cada litro d'água.

A mistura molhada deverá ser realizada na hora de ser colocada nos comedouros.

O leite em pó, poderá ser de qualquer tipo, seja integral, desnatado ou soro láctico em pó e constitui fator decisivo para o êxito do preparo final dos frangos.

Quando se emprega leite líquido, integral ou desnatado, serão eliminados das misturas, a farinha de carne e o leite em pó.

Nesse caso, a mistura do fubá e dos farelos será molhada na base de um quilo de farelada para 1/2 litro de leite.

O preparo final dos frangos é aconselhado para o caso da venda direta para o consumidor, com a garantia de determinada granja, mencionando a "engorda" a leite.

Desde que, o preparo final melhora o aspecto exterior da carcassa, torna a carne mais tenra e o sabor mais delicado da mesma, um preço mais vantajoso será alcançado por unidade em peso, além da consequente ampliação do negócio, pelo afluxo de novos consumidores.



O TRATOR

QUE OFERECE A EFICIENTE E TRADICIONAL ASSISTÊNCIA FORD EM TODO O BRASIL!

TRATOR

FORD

Alguns implementos da
COMPLETA LINHA DEARBORN:



Arado de Discos



Grade Dupla



Plaina



Escavador



Carreta



Perfurador

- um trator leve, de fácil manejo,
para serviços leves e pesados!

Não pode haver trator mais fácil de manejar que o Trator Ford. Seu sistema exclusivo de controle hidráulico é parte integrante do trator. Todas as manobras ficam simplificadas e controladas por uma só alavanca. Outra grande vantagem dos Tratores Ford: há uma completa linha de implementos Dearborn planejada e construída especialmente para trabalhar com os tratores Ford, para dar um máximo de rendimento por alqueire, com menos trabalho e maior economia.

FORD MOTOR COMPANY



A SALGA DA MANTEIGA

O sal é indispensável na alimentação dos animais e encontra inúmeras aplicações na conservação de alimentos, indústrias rurais, etc. Quaisquer esclarecimentos sobre o sal e seus usos serão prestados diretamente aos interessados. Escrevam ao Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, D.F.

J. PINTO LIMA — Médico Veterinário do S.I.A.

E' conhecida a ação do sal como conservador de vários gêneros alimentícios. Sua adição à manteiga, embora seja feita com o fim principal de melhorar o sabor do produto, dando-lhe um gosto especial, preferido pela maioria dos consumidores, também favorece a conservação.

Dificultando a vida microbiana, o sal retarda o aparecimento do "ranço", fato que se pode comprovar quando se compara a manteiga sem sal com a salgada: a primeira se torna rançosa muito mais facilmente, em condições idênticas de fabricação e armazenagem. Não se deve, porém, juntar mais de 5% de sal, pois a salga excessiva prejudica o bom aroma e a consistência da manteiga, além de alterar a sua coloração normal. Geralmente, quando a manteiga perde a opacidade e a coesão naturais, ficando brilhante e untuosa, isto indica que a salga foi feita em demasia ou que foi excessiva a eliminação da água na operação de malaxar. O sal em quantidade acima da normal, especialmente se for sal grosso e mal distribuído, pode não se dissolver bem na massa e ocasionar um grave defeito do produto, conhecido por "manteiga arenosa", devido à sensação que dá ao tato e ao ser comida. Por isso, na salga da manteiga não interessa apenas empregar o sal na quantidade certa: é preciso também observar a questão da qualidade do sal, exigindo-se o produto puro, bem seco e moído, embora não muito fino.

Uma vez a manteiga estendida no malaxador, em camada uniforme e bem espremida, efetua-se a salga da massa. Logo se dá umas voltas no malaxador, a fim de misturar bem o sal, que favorecerá também a eliminação da água da man-

teiga, na qual cerca de metade do cloreto de sódio empregado sairá dissolvido. Assim, se forem adicionados 5% de sal, o produto final conterá cerca de 2,5%.

A legislação vigente determina que a manteiga extra, fina ou superior não poderá apresentar mais de 2% de cloreto de sódio; a manteiga de 1.ª qualidade, 2,5%; a de 2.ª qualidade e a renovada, 6%. Depois da salga, deixa-se decorrer um prazo mínimo de 24 horas antes de enlatar a manteiga para o comércio.

SEMENTES

de FORRAGEIRAS tais como:
TREVO — SERRADELA
MUCUNA — AZEVEM
— ALFAFA — ETC. —

—ooOoo—

Especialidade em

HORTALIÇAS, FLORES, FLORESTAIS

—ooOoo—

FERRAMENTAS E APETRECHOS

para Jardim, Horta e Pomar

—ooOoo—

INSETICIDAS E FUNGICIDAS
ARTIGOS APICOLAS — LIVROS, ETC..
CATALOGOS GRATIS

—ooOoo—

DIERBERGER AGRO - COMERCIAL, LTDA.

Rua Libero Badaró, 499-501

Caixa Postal, 458

SÃO PAULO

Custeio de construção de cercas

Repouso semanal remunerado

Esta Secção, sob responsabilidade do Dr. ROLANDO LEMOS, advogado da Assistência Jurídico-Administrativa ao Comercio e Industria, está à disposição de todos os leitores da "REVISTA DOS CRIADORES". As consultas por cartas devem ser encaminhadas a esta redacção e acompanhadas de um selo de Cr\$ 1,60 para a resposta por carta pelo correio, sob registro postal.

Sr. J. G. T. — Herculândia.

Nessa consulta, faz V. S. duas perguntas distintas. Vamos cuidar de responder a primeira, que é: "Depois de decorridos dois anos da construção de uma cerca divisória, terei direito de exigir de meu vizinho a metade do custo da referida cerca?"

A dúvida que o preocupa, naturalmente, surgiu com a leitura do meu trabalho publicado na "REVISTA DOS CRIADORES" de Outubro próximo passado, quando cito uma decisão unânime da 6.ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça, incerta na Revista dos Tribunais n. 170/182.

Realmente, com essa citação, fiz ver ao consulente que, a procedência da cobrança da meação de despesas feitas com a construção de cercas depende de acôrdo prévio entre os vizinhos ou decisão judicial, ANTES DA CONSTRUÇÃO.

"Conforme já decidiu este tribunal em acórdão constante da "Revista dos Tribunais", volume 134, página 546, pressupõe o exercício da ação de cobrança de meação de despesas feitas com a construção de tapumes divisórios a existência de um acôrdo para que o confinante a cerca possa depois cobrar do vizinho a meação das mesmas despesas.

Se não houver esse acôrdo é necessária a existência de uma decisão judicial, antes da construção. Outra não é a doutrina exposta por Carvalho dos Santos e Faria Motta, citados pelo recorrente ("Código Civil Interpretado; Volume VIII, página 194; "Condomínio e Visinhança", página 135).

Conclusão: — Não tendo V. S. entrado em acôrdo com seu vizinho para a divisão proporcional das despesas, com a cerca em questão, não tem V. S. fundamento legal para exigir essa meação. E' V. S. em compensação o dono exclusivo da referida cerca, sem prejuizo do seu vizinho vir a pleitear o direito à metade da cerca pagando o que V. S. dispendeu, proporcionalmente, conforme lhe faculta o artigo 643 do Código Civil.

Sua última pergunta: — "No caso de eu não ter direito a ser indenizado, poderei obrigar o meu vizinho a prestar auxílio na reconstrução da mesma cerca?"

Há de lhe parecer que, não tendo V. S. exigido o pagamento da metade das despesas da Construção da cerca por parte do seu vizinho, não poderá agora exigir que venha o mesmo ajudar com a metade das despesas, na conservação.

A conservação implica na existência anterior da construção. Logo a obrigação de arcar com a metade do onus de conservação não pode ser exigida de quem não teve a obrigação de arcar com a metade do onus da construção.

Nesse ponto, penso que a lei é clara, pois fala em "construção e conservação" e não em construção ou conservação que são coisas de sentidos diferentes.

Acresce ainda que, ninguém é obrigado a vir conservar uma coisa da qual não tem direito algum.

Imagine-se, se o Senhor viesse amanhã a retirar a cerca que é sua unicamente, (pois só o senhor construiu) e tivesse que dar ao vizinho a metade da conservação?!

Assim, se pretende V. S. fazer uma reforma na cerca de sua propriedade, não tem direito de exigir do vizinho que não foi co-participante na construção, qualquer importância relativa à sua conservação. Contudo, se se trata de RECONSTRUÇÃO, é preciso verificar até onde vai essa reconstrução, pois se significar *fazer de novo*, nesse caso não resta dúvida tem V. S. direito de exigir do seu vizinho o pagamento da metade da importância gasta para a construção.

Entretanto, quer me parecer que V. S. usou a expressão *reconstrução* para significar reforma, o que vem a se enquadrar dentro do sentido de conservação.

Eis o que nos cabe responder a V. S.

Sr. D. B. — Cravinhos — C. M.

Com satisfação passamos a responder sua consulta de 19 p. passado, sobre REPOUSO SEMANAL REMUNERADO.

Sua primeira pergunta:

1.ª — “O guarda noturno da Fazenda, cujo ordenado está calculado por 30 dias, sem nenhum desconto por faltas ao serviço, tem direito a receber os dias de Domingos e feriados civis e religiosos em dôbro?”

Rigorosamente interpretada a lei o seu guarda noturno tem direito a receber em dôbro, nas noites de domingos e feriados que trabalha, isto é: — importância mensal dividida por 30, e multiplicado o resultado da divisão por dois.

Exemplo: — Cr\$ 1.500 mensais
1.500,00

— x 2 igual a 100,00 por domingo ou feriado
30
em que trabalhe.

Isto o empregado recebe porque ele tem direito ao repouso semanal de preferência nos domingos nos termos do artigo 67 e 70 da Consolidação das Leis do Trabalho combinados com o artigo 6.º § 3.º do Decreto número 27.048 de 12-8-49.

Se esse guarda noturno, por hipótese, como mensalista, não trabalhasse aos domingos e feriados, não poderia dizer que não estava recebendo esses dias, pois, (ainda segundo a hipótese atrás) receberia Cr\$ 50,00 por dia, como repouso remunerado.

O que a lei 605 quer dizer no seu artigo 7.º § 2.º é que, nada se deve acrescentar aos Cr\$ 1.500,00 do tal mensalista, no dia do pagamento por repouso remunerado. Mas, longe do legislador exclui-lo do direito de receber em dôbro, se trabalhou nos dias que tinha direito a repouso.

Assim temos o mensalista que trabalha nos domingos e feriados recebendo no fim do mês o seu ordenado — Cr\$ 1.500,00 mais Cr\$ 50,00 x tantos domingos e feriados.

Exemplo: — Janeiro de 1950:

O ordenado do mês	1.500,00
4 domingos	200,00
0 feriados	—

Cr\$ 1.700,00

2.ª — O colono que trabalha no café, sem participar na colheita e que recebe uma importância fixa por mil pés e paga em mensalidades iguais, tem direito a repouso remunerado?

Ainda que não fossem os esclarecimentos abaixo prestados por V. S., eu responderia que NÃO, isto porque, ainda que os colonos em questão não estivessem excluídos do direito ao repouso remunerado (artigo 2.º da lei 605) por trabalharem sob uma forma de participação na produção, estariam por serem mensalistas, conforme artigo 7.º § 2.º da lei 605.

Resumindo temos:

À sua primeira pergunta — SIM
À sua segunda pergunta — NÃO



SRS. FAZENDEIROS E CRIADORES

VALORIZEM OS SEUS REBANHOS

COM O USO SISTEMÁTICO
DO PODEROSO DESINFETANTE

CRUZOL

EXTERMINA AS BICHEIRAS E CICA-
TRIZA AS FERIDAS, EVITANDO A
DEPRECIAÇÃO DO COURO DOS ANIMAIS

ACREDITADO PRODUTO DA
SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ
RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
CASTRO LOPES & TEBYRIÇA
RUA DA ALFANDEGA, 81A
RIO DE JANEIRO

Agora

Goodyear fabrica no Brasil

Espaço aberto aqui não retém a lama

Espaço uniforme entre as barras evita a trepidação

Agora são fabricados no Brasil

êstes pneus que **puxam** mais em qualquer terreno!

Goodyear agora fabrica no Brasil as rodagens mais populares de pneus para tratores e máquinas agrícolas. Um deles é o já afamado Lameiro Centro-Aberto — o pneu de trator que lavra em cinco dias o que, com outros pneus, só se consegue lavrar em seis dias. Isso porque as barras da banda de rodagem — altas, de cantos agudos, resistentes — penetram em qualquer terreno, agarrando-se ao solo como dentes de uma engrenagem. E porque são abertas no centro, iso-

ladas umas das outras, o pneu limpa-se sozinho do barro e da lama, à medida que trabalha. Por isso, nunca derrapa ou patina.

Lembre-se: — pneus que derrapam e patinam rendem menos por dia de trabalho, desperdiçam combustível, desgastam o trator. Aumente o rendimento diário dos seus trabalhos agrícolas, usando em seu trator o extraordinário Lameiro Centro-Aberto — agora fabricado pela Goodyear no Brasil

GOOD YEAR

Pneus para Tratores e Máquinas Agrícolas

HERVAS DANINHAS — seu combate

CESAR SEARA — Eng.-Agrônomo do S.I.A.

O aparecimento do sapé, samambaias, etc., nos terrenos é mais um efeito do que uma causa: é um sinal de que a terra se acha enfraquecida. Assim sendo, torna-se indispensável melhorar as suas condições, o que será possível por meio de uma adubação verde, com mucuna por exemplo, que nos parece ser a mais indicada para tais casos. Não só integrará este azoto e matéria orgânica em grandes proporções ao solo, como, pela intensa cobertura de massa verde que lhe proporcionará, impedirá a vegetação das plantas invasoras.

Para o plantio da mucuna, proceder da seguinte forma: roçar, lavar e gradear bem o terreno, semeando-se depois a mucuna em covas a 60 ou 70 cms. de distância, com 2 graus em cada uma. Achar-se o solo muito praguejado, às vezes é necessário uma capina, antes que a mucuna inicie a sua pujante vegetação de cobertura total do terreno. Dos 7 aos 9 meses então, a mucuna florescerá, atingindo o ponto de ser enterrada. Para isso, é necessário bater previamente a massa verde que ela formará, usando-se grade de discos ou, na falta desta, foices.

A seguir, arar o terreno, enterrando-se toda a massa verde formada pela mucuna, feito o que, decorridos três meses mais ou menos, estará o mesmo pronto para receber as culturas a que se destinar. Terminada estas, ou se as ervas daninhas voltarem com muita intensidade, repetir a plantação da mucuna tantas vezes quantas necessárias.

—ooOoo—

CUIDADOS NA FABRICAÇÃO DE MELADO

DR. A. H. S.

1. Escolher canas grossas e claras, pois as finas, roxas e cerosas dão caldo mais escuro.

2. Cortar somente cana madura, porque as verdes e passadas contêm menor quantidade de açúcar, dão caldo mais escuro e de difícil clarificação.

3. Preparar as canas para moagem, cortando as pontas com facão, lavando-as ou raspando para tirar terra, cera, etc. e, finalmente, afinando-as em bisel para facilitar a alimentação da moenda.

4. Moer sempre cana fresca, para evitar evaporação e, portanto, menor rendimento em melado.

5. Coar o caldo de cana em pano, saco ou tela de cobre para retirar o bagacilho, impurezas, etc..

6. Acidificar o caldo de cana, quer deixando-o em repouso durante 12 horas, quer juntando ácido (cítrico, tartárico ou fosfórico) ou então caldo de limão, pois, assim, se evitará a cristalização do melado.

7. Purificar o caldo com leite de cal, quando necessário, deixando-o ainda ligeiramente ácido.

8. Retirar a espuma, com a espuma-deira, a medida que ela se forma na superfície de caldo em ebulição.

NAS CIDADES... NO INTERIOR... EM TODO

BRASIL



LUBRIFICAÇÃO
AUTOMÁTICA

Distribuidores:



P.A. ALMEIDA & CIA.

QUÍMICO - LACTO - TÉCNICO
R. AUGUSTO SEVERO, 105
CAIXA, 954
SÃO PAULO
TELEF. 4-9312 e 4-4644
TELEGR. VRAM

9. Concentrar o caldo até a graduação de 65 a 74 graus Brix.

10. Diminuir o fogo no final do processo para não queimar o produto e não agitar para evitar a cristalização do melado.

11. Guardar o melado ainda quente em garrafas ou latas, bem lavadas com soda cáustica a 2% ou em vapor d'água.

12. Esterilizar os vidros e latas em banho-maria durante 30 minutos e esfriar rapidamente, quando se destinam a longa conservação.

14 — Rancheira, de criação nacional, produziu também em 300 dias e em regime de 2 ordenhas 6.570 ks. de leite. Perguntamos: quanto teria produzido em 365 dias e em regime de 4 ordenhas?

$6.570 \times 1,59$ (Tabela III) = 10.446,5 ks. de leite.

15 — Por último vejamos um outro exemplo de utilização destas tabelas.

A vaca Itapira, de criação nacional, produziu aos 8 anos e 6 meses em 2 ordenhas em 365 dias 5.247,0 ks. de leite com 197,8 ks. de gordura. Perguntamos quanto produziria em idade de máximo rendimento, em 3 ordenhas e também em 365 dias?

Temos: $5.247,0 \times 1,02$ (Tabela I) $\times 0,85$ (Tabela III) $\times 1,41$ (Tabela III) = 6.414,2 ks de leite.

$197,8 \times 1,02$ (Tabela I) $\times 0,85$ (Tabela III) $\times 1,41$ (Tabela III) = 241,78 ks. de gordura.

Finalizando, devemos esclarecer que estes fatores prestam-se para os calculos de conversão de lactações, porém de vacas da raça Holstein-Friesian, e outras para as quais foram obtidos. Não sabemos até que ponto incorremos em erro ao convertermos lactações de vacas puras por cruzas e mestiças.

Citações: — Holstein-Friesian Vol. XLV n. 17 e 21. Relatório do Departamento de Agricultura do Dominio do Canadá. Revista dos Criadores Ano XX n. 16. Segunda publicação Bi-anual do Serviço de Controle Leiteiro da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, 1947/1948.

APRECIANDO LACTAÇÕES...

(Conclusão da pág. 23)

em 2 ordenhas 5.914 ks. del eite. Em 365 dias e em regime de 3 ordenhas, quanto teria produzido? $5.914 \times 1,41$ (Tabela III) = 8.338,7 ks. de leite.

13 — Datora, produziu em 300 dias em regime de 2 ordenhas 5.212 ks. Quanto teria produzido em 365 dias, em regime de 3 ordenhas? $5.212 \times 1,41$ (Tabela III) = 7.348,9 ks. de leite.

Vacinas Manguinhos

- ★ *Contra a peste da manqueira*
- ★ *Anti-carbunculosa (carbunculo hematico)*
- ★ *Contra a diarreia dos bezerras (pneumo-enterite).*

Registradas sob os numeros 1, 2 e 167, respectivamente, na Divisão de Defesa Sanitaria Animal do Ministério da Agricultura.

—oOo—

PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA.

Rua Licinio Cardoso, 91 — Telefone: 28-9966 — Caixa Postal, 1420
RIO DE JANEIRO

—oOo—

Distribuidores exclusivos nos Estados de S. Paulo e Paraná:

ASSISTENCIA BRASILEIRA DOS CRIADORES LTDA.

Rua do Carmo, 31 - 3.o andar

SÃO PAULO



MAIS VALE PREVENIR que REMEDIAR

Hoje podem-se evitar as doenças da criação! Observações científicas modernas PROVAM que BENZOCREOL misturado ao sal do gado (2%) EVITA magreza, diarreia, falta de leite. Os animais engordam lindamente e tornam-se resistentes às enfermidades.



VEJAM O QUE ESCRIVEM
CRIADORES ENTENDIDOS:

SEBASTIÃO JUNQUEIRA — (Fazenda Restinga — Rib. Preto) "...obtive resultados assombrosos... com Benzocreol."

BORGES DE MEDEIROS — (Santa Maria — Rio G. do Sul) "...nenhum outro produto nacional ou estrangeiro se compara com o Benzocreol..."

INSTITUTO DE TECNOLOGIA FEDERAL — "...produto exclusivamente veterinário e não mero desinfetante..."

GRANJA CAROLA — (Porto Alegre) "...empregamos Benzocreol como preventivo nas diarreias dos carneiros e usamos nos

banhos, o que cura imediatamente qualquer sarna ou ferida..."

NORTHERN CAMPS, LTDA. MAC CLEAND — (Barretos) "...temos usado o Benzocreol de preferência sobre todos os produtos similares, nacionais ou estrangeiros..."

IMPORTANTE — Benzocreol não é venenoso nem corrosivo, apesar de seus energicos efeitos. Não confundir-lo com perigosos desinfetantes vulgares que misturados ao sal, matam o gado.

Indústrias J. B. Duarte S/A

CAIXA POSTAL 1002 — SÃO PAULO
PEÇA GRATIS O LIVRO — "O GUIA DO CRIADOR"

Instantaneos Ruráís

CONCURSO DE BOIS GORDOS DE SMITHFIELD

O famoso concurso de gado gordo de Smithfield que data na Inglaterra desde 1799, voltou a ser celebrado o ano proximo passado, pela primeira vez desde que terminou a guerra. Foi organizado em combinação com a exposição de maquinaria agricola e ambos acontecimentos tiveram lugar em Londres nos primeiros dias de dezembro ultimo. A parte correspondente à maquinaria agricola foi muito completa e ao mesmo tempo o desfile mais compacto visto até agora de tratores, veiculos e implementos do Reino Unido, assim como outras maquinas e ferramentas relacionadas com a mecanização do trabalho agricola. A classificação do gado foram similares ao ultimo concurso de antes da guerra: houve exemplares de Aberdeen Angus, Hereford, Shorthorn, Devon, Galloway, Welsh e outras raças, além dos cruzamentos. Também foram incluídas classificações para gado ovino e suíno.

FARINHA DE SOJA — FATOR PROTEICO

A farinha de soja demonstrou seu valor como fonte de proteina na alimentação das aves, porém os técnicos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos advertem que não deve a mesma ser administrada em demasia a galinhas e frangas poedeiras que se utilizam para a reprodução. No que respeita à postura, ao tamanho dos ovos e ao seu peso, uma abundância de farinha de soja não parece afetá-las adversamente, porém os mencionados técnicos dizem que mais de 10% deste produto na ração das aves de criação reduz a fertilidade dos ovos.

A TOXIDEZ DO D.D.T.

A susceptibilidade ao envenenamento com D.D.T. pode estar influenciada por uma deficiência de calcio segundo afirma R. L. Salisbury. Dividiram-se algumas aves Leghorn brancas de dez semanas de idade em diversos grupos de quinze fêmeas e quinze machos. Um grupo recebeu uma ração adequada de calcio, o outro recebeu uma

ração adequada em todos os sentidos menos na quantidade de calcio. Depois de haver sido alimentados com estas rações durante seis semanas, as aves foram submersas em uma solução a 2% de D.D.T. Depois de 30 dias deste tratamento nenhum dos exemplares que tinha recebido uma ração normal havia morrido; porém no grupo alimentado com uma ração deficiente em calcio produziu-se uma mortalidade de 38,4% entre os machos e 53,3% entre as fêmeas. Estes resultados são preliminares e não concludentes. Sugere-se, entretanto, que os sintomas tóxicos que às vezes o D.D.T. produz são o resultado da ação desta substância que diminui o nível de calcio no sangue.

ALIMENTO PARA AVES

O melaço como sub-produto da industria correspondente pode chegar a ser um alimento avícola muito importante, afirmam J. Gimis e seus colaboradores do Colegio Estadual de Washington. O melaço de madeira pode produzir-se em forma barata e além de ser satisfatória para substituir alguns cereais, administra calcio extra. É necessário juntar farinha de soja ou outro suplemento proteico à ração das aves para que os resultados de crescimento e engorda sejam satisfatórios. O melaço de madeira administrada até cerca de 20% não produziu efeitos laxativos.

NOVO INSETICIDA PARA A LAVOURA

Fosfem 20 é um novo e poderoso inseticida à base de parathion (tiofosfato de dietilparanitrofenila) fabricado na Inglaterra. Fosfem 20 é um líquido xaroposo, de cor castanha, com o característico cheiro de alho. Diluído em água, produz u'a emulsão ligeiramente amarelada e altamente toxica para grande numero de espécies de insetos e ácaros prejudiciais à agricultura em geral. Esse inseticida é compatível com Perenox, caldas bordalêsas e sulfo-calcica, devendo estas misturas serem aplicadas dentro de 2 a 3 horas após a preparação. Sem dúvida, aí está outro auxilio da ciencia para proteger as safras constantemente ameaçadas.

Coloidocalcio e Kratos

SUPERFORTIFICANTES — GARAN-
TEM A NUTRIÇÃO BÔA E SADIÁ.

LABORATORIOS

RAUL LEITE S. A.

RUA BENJAMIM CONSTANT, 177
TELEFONE 2-5614 ♦ SÃO PAULO

Você sabia ?

a *Creolina* também cura

FERIDAS (TODOS OS ANIMAIS):

Para as feridas supurantes, úlceras de má natureza, equizema úmido, usa-se o seguinte pó: —

Creolina 2 grs. 50
Boro-borato de sódio .. 100 grs.

Lavagens com solução de Creolina a 1%, uma ou duas vezes por dia, constitue um tratamento racional e eficaz — dizem FROEHNER e REUTER.

Creolina é a única no género recomendada em todos os países pelos mais eminentes Veterinários.

NÃO QUEIMA E NÃO É VENENOSA
POREM
não sendo PEARSON não é *Creolina*

Peça gratis seu exemplar do Guia
"A SAÚDE DOS MEUS ANIMAIS"
PEARSON S. A.
Caixa Postal 2201
RIO

ALIMENTAÇÃO DE PORCOS

Como consequencia dos excelentes resultados alcançados pelos produtos apresentados pela Faculdade de Agronomia e Veterinaria de Buenos Aires à última Exposição Nacional de Ganaderia realizada na Republica Argentina, a direção desse instituto de ensino resolveu intensificar os trabalhos experimentais, com o fim de colaborar com os criadores na determinação dos procedimentos aconselháveis para a produção de carcaças de suínos tipo exportação. Com esse proposito, iniciaram-se ensaios de alimentação que utilizarão o novo tipo de milho híbrido H. 355, produzido pela propria Faculdade no Instituto de Genetica e Fitotecnica e cujo rendimento é superior em cerca de 75% ao dos tipos comuns. Serão efetuados também estudos sobre cruzamentos industriais entre as raças Duroc Jersey, Berkshire, Poland China, Tamworth e Large White.

—ooOoo—

POPULAÇÃO EQUINA NO MUNDO

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos acaba de dar uma estatística da população equina que existe no mundo. Essas cifras demonstram que a Argentina possui o maior numero de cabeças, isto é, 7.200.000 de um total universal calculado em 76.000.000 animais. Contudo, os dados assinalam que há tendência para queda dessa população equina na Argentina, o mesmo acontecendo com outros países como Chile, Uruguai, Estados Unidos, Canadá e Mexico. Os países que seguem a Argentina em população equina são: Brasil, com 6.900.000; os Estados Unidos, com 5.921.000; França, com 2.418.000; Alemanha, com 2.300.000; Austria, com 1.140.000; Colombia, com 1.100.000; Turquia, com 1.100.000; África do Sul, com 650.000; Tchecoslovaquia, com 640.000; Hungria, com 600.000; Espanha, com 600.000; Uruguai, com 575.000. O numero de cavalos aumentou nos ultimos anos na Europa Oriental e Central, Russia, Oriente e América do Sul, como consequência da falta de material mecanizado para trabalhar a terra durante a guerra e seu posterior encarecimento.

—ooOoo—

INDUSTRIA LEITEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

Essa industria produz cerca de 7.000.000.000 de dolares anualmente, o que revela de modo global e eloquente a projeção que possui naquele país esse ramo de economia. O leite nos Estados Unidos é produzido em cerca de 4.500.000 estabelecimentos de campo, contadas as grandes e pequenas propriedades. Com o valor de produção, a industria de laticínios da America do Norte se coloca entre as mais importantes e produtivas da terra de Tio Sam.

SABER NUNCA É DEMAIS

Teremos prazer em responder a consultas e em receber receitas e sugestões dos leitores. Divulgá-las-emos sob a responsabilidade de cada um, é claro.

Cuidados no preparo da farinha de mandioca — Culturas consorciadas.
Cultura da couve brocoli — O momento propício para a reprodução animal.
Novo método de combate às cobras — A ação do DDT na defesa da lavoura.
Camaras de expurgo para sementes.

CUIDADOS NO PREPARO DA FARINHA DE MANDIOCA

DR. AMAURY H. DA SILVEIRA

Estamos nestes dois meses — junho e julho — em plena época de fabricação da farinha de mandioca nas fazendas do interior. Julgamos portanto, conveniente dirigir alguns conselhos sobre o fabrico de farinha de mesa, aos interessados nesta indústria rural. Inicialmente, devemos frisar a importância das raízes de mandioca frescas, colhidas sem sofrer baques e beneficiadas, no máximo, 36 horas depois da colheita; do contrário, ficam alteradas, mostrando veias azuladas. Dêste fato resulta a conveniência de a instalação ficar próxima do local de cultura. Um segundo cuidado consiste na lavagem das raízes para retirar a terra e, em seguida, descascar as mandiocas, colocando-as dentro d'água para evitar o aparecimento das veias azuis. Outra prática aconselhável é trazer sempre as serras do ralador ou rodete afiadas, de vez que a ralagem manual é operação penosa. Não lavar a massa ralada para extrair o polvilho, pois esta operação rouba o fluido que é a matéria alimentar da farinha; o resto é fibra que o organismo não aproveita. Prensar imediatamente a massa ralada, à seco, isto é, sem adicionar água; não deixar essa operação para o dia seguinte, pois a farinha ficará azeda; prensar bem para que a massa fique perfeitamente enxuta, são outras tantas operações necessárias para a obtenção de uma

boa farinha de mesa. Torrar bem a farinha em fogo moderado ou brando, especialmente no início, mantendo em contínuo movimento, com cuidado para não queimar o produto, constitui a torração necessária à boa conservação da farinha de mandioca. Proceder em seguida ao resfriamento em tabuleiros, pois, se guardada quente, a farinha "sua" no vasilhame, condensando a umidade na tampa. Finalmente, deve-se peneirar em peneira de crivo fino e guardar a farinha em local seco e ventilado.

—ooOoo—

CULTURAS CONSOCIADAS

SHISUTO JOSE MURAYAMA

Agora, quando muito se fala no incremento da fruticultura e no entusiasmo pela mesma, é oportuno abordar o tema das culturas intercaladas.

Para se formar um pomar, quer seja de maçã, de caqui ou de citrus, o lavrador gasta, inicialmente, apreciável capital. Este, ao contrário do que acontece na olericultura, em que rende juros dentro de 5 a 6 meses, só apresentará lucros a partir do segundo ou terceiro ano. Durante esse tempo todo, o pomicultor só gasta. Para cobrir em parte as despesas, é necessário pensar em culturas intercaladas.

As distâncias de plantio das mudas frutícolas são, em geral, de 5 metros para

cima. Sobra, por conseguinte, muito espaço livre, no qual se plantará, no primeiro e no segundo ano, arroz, feijão ou toda sorte de verduras, como pimenta, pimentão, berinjela, ervilha, enfim culturas de porte baixo, compatíveis com o solo, clima e localização das terras. É fácil de se calcular que, enquanto o pomar se forma, o produto dessas culturas vai ajudando o custeio e a manutenção do mesmo.

—ooOoo—

A CULTURA DA COUVE BRÓCOLI

DR. S. J. M.

Todos nós sabemos da popularidade que goza a couve-flor entre o povo. Mas, em gosto, em quitutes culinárias, a couve brócoli não lhe fica atrás. Sua situação de inferioridade é mais devido à pouca resistência ao transporte do que por outro motivo. Todavia, quem explora essa cultura nas proximidades das grandes cidades não tem queixa dos seus resultados. Ela dá, realmente, muitos lucros, de vez que não é exigente, é mais fácil que a da couve-flor e sai menos cara. Suas sementes são facilmente encontradas nas melhores casas do ramo e custam infinitamente

menos que a couve-flor. Esta, atualmente, custa a bagatela de 1.600 cruzeiros o quilo, enquanto a brocoli está valendo apenas 300 cruzeiros. A questão, nessa cultura, se resume numa só: produzir. Consumidor existe e sempre. Seu preço no mercado não sofre oscilações tão violentas como as que se verificam com a couve-flor.

Quanto à variedade não existe dificuldade na sua escolha. Ou planta-se a Brócoli Verde ou a nova variedade, descoberta e selecionada pelo Instituto Agrônomo de Campinas: a "Jundiá". A primeira é a comum, muito boa, rústica, mais ou menos precoce, iniciando sua colheita aos 90 dias de idade. A segunda, de descoberta recente, é mais tardia, mais rústica, mais produtiva, pois dá até 3 colheitas. A cabeça formada é maior, mais compacta, assim como os botões secundários. Suas sementes, logo depois de melhor apuradas, serão distribuídas ao público, por aquele Instituto.

A melhor época da semeadura é abril e maio. As distâncias do plantio devem ser de 0,80 x 0,60. Nessas medidas, num hectare cabem 20 mil mudas. Para esse número de plantas são precisos 200 gramas de sementes. Terras varzeanas, bem



PRODUTOS Veterinarios

Rua Teodoro Sampaio, 1860

Caixa Postal, 951

S. PAULO

drenadas, fôfas, ricas em humus são as melhores. Como adubação usaremos 2 a 3 quilos de estêrco de curral ou 400 grs. de torta, mais 80 gramas de superfosfato por cova. Na cultura de brócoli, não há o problema de moléstias.

O único defeito é, como já frisamos, a sua fraca resistência ao transporte. Qualquer choque tem o dom de estragar os maços, diminuindo seu valor comercial. — (S.I.A.).

—ooOoo—

O MOMENTO PROPICIO PARA A REPRODUÇÃO ANIMAL

DR. ARMANDO CHIEFFI

O objetivo da criação é a exploração das diversas utilidades fornecidas pelos animais. Algumas dependem da procriação para se instalarem, como a exploração leiteira; todas, porém, dependem do aumento da população e do número de animais que fornecem as utilidades. É de todo interesse, então, para o criador, conseguir de seus animais, todos os anos, o maior número possível de descendentes.

A simples observação do comportamento sexual dos animais das diferentes espécies nos permite reconhecer que há determinadas épocas propícias para a fecundação. Essas épocas se intercalam, por intervalos variáveis, de acordo com os animais, durante os quais a fecundação é impossível e a aproximação dos sexos difícil. A periodicidade desses fenômenos faz lembrar um ciclo, e daí falar-se em "ciclo estral". A vaca tem um ciclo estral de 19 a 23 dias e somente, em média, 16 horas de um dia do mês é que estará apta para ser fecundada. A égua possui ciclo estral de 18 a 21 dias e a fecundação poderá se dar entre 3 a 7 dias desse ciclo. Na porca o ciclo estral é de 19 a 25 dias e 2 a 4 dias são os propícios para a fecundação. Na ovelha, o ciclo estral é de 17 dias e apenas 30 horas são favoráveis para a fecundação.

Os períodos referidos acima, como favoráveis para que haja fecundação, se percebem com relativa facilidade, por fenômenos de excitação da fêmea, reconhecidos sob o nome vulgar de "cio" ou "calores" e sob a denominação técnica de "estro". Não discutiremos as causas que

POR

30 Cruzeiros

TODAS
AS VARIEDADES
DE SEMENTES
FORRAGEIRAS



Envie trinta cruzeiros à
Associação dos Criadores
R. Senador Feijó, 30 - S. Paulo
E RECEBA SEMENTES DE:

- ★ Trigo Adlay,
- Aveia, ★ Centeio,
- Cevada, ★ Catingueiro
- Roxo, ★ Jaraguá, ★ Cabelo
- de Negro, ★ Alfafa e
- ★ Soja Forrageira.

Assim poderá formar canteiros com
Todas as variedades de
Sementes Forrageiras

Cada variedade contém
100 grs. de sementes.

determinam tais fenômenos, ligados à ação de hormônios, mas diremos que o "estro" coincide com o momento da ovulação. Toda a fêmea, uma vez por mês, lança em seus órgãos genitais, um ou mais óvulos aptos para serem fecundados. Toda a ciência está em saber qual o momento mais favorável para colocar o macho e conseguir a fecundação do óvulo.

Os estudos sobre este assunto continuam preocupando os cientistas. Admite-se que na vaca o momento mais indicado para colocar o touro se localiza do meio para o fim do "cio", que, como vimos, dura em média 16 horas apenas; regra prática consiste em cobrir, à tarde, as vacas que forem encontradas no cio, pela manhã; cobrir, na manhã do dia seguinte, as vacas cujo cio se teria manifestado à tarde do dia anterior. Para os equinos, a ovulação se daria, também, do meio para o fim do "cio", que dura de 3 a 7 dias; praticamente se aconselha fazer a cobertura no 2.º 5.º e 9.º dias depois do aparecimento dos primeiros sinais do cio. Na porca admite-se que o melhor

período para se fecundar se localiza no 2.º dia depois do início do "cio", que dura de 2 a 4 dias. Na ovelha, cuja duração do "cio" é, em média, 30 horas, a fecundação se daria com mais facilidade no fim do "cio".

Esperamos que esses dados venham auxiliar os nossos criadores, pondo um pouco de ordem, racionalizando um pouco os trabalhos de cobertura, executadas, por vezes, sem controle e sem proveito.

—ooOoo—

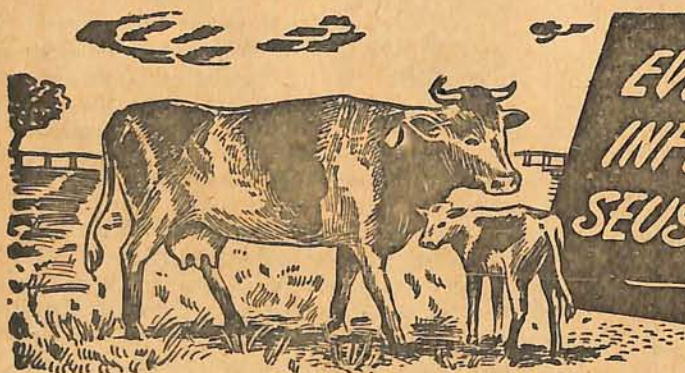
NOVO MÉTODO DE COMBATER AS COBRAS

DR. JORGE VAITSMAN

As mortes de animais por picadas de cobras são muito frequentes em nossas fazendas de criação. Uma estatística pu-

blicada, há tempos, pelo dr. Vital Brasil, revelava que morriam, no Brasil, cerca de 5.000 animais, anualmente, vítimas das mordidas de ofídios venenosos. O tratamento pelo soro, embora de grande eficiência quando aplicado precocemente, isto é, logo após a picada, não é possível, na maioria das vezes, pois o acidente ofídico nos animais só é notado muitas horas depois de ocorrido. A regra é morrer o animal no campo, sem dar tempo ao criador para lhe prestar qualquer socorro.

Como se sabe, a qualidade do veneno é diferente nas diferentes espécies, variando, assim, os sintomas. Na mordida da cascavel, por exemplo, o animal não apresenta nenhum sinal no lugar atingido pelos dentes venenosos; ao contrário, quando a mordida é da jararaca (são as duas espécies mais comuns em nossos campos) ocorre imediata inflamação lo-



Brucelose do bovino significa aborto infeccioso, o aborto infeccioso alastra-se rapidamente no rebanho e impede a reprodução, a falta de reprodução do rebanho representará um tremendo prejuízo na sua economia de criador. Sendo moléstia incurável, só lhe resta uma solução: EVITÁ-LA. E, felizmente, você o pode fazer, aplicando uma vacina de alta confiança e resultados seguros:



VACINA CONTRA A BRUCELOSE "VITAPEC" (AMOSTRA) B-19

Peça literatura completa para:

PRODUTOS VETERINARIOS VITAPEC LTDA.

Rua Pamplona, 817 - Tels.: 3-4139 e 3-4130 - S. Paulo



cal, seguida de dores intensas. Os sintomas gerais variam, igualmente. A mordida da cascavel determina fraqueza repentina do animal vitimado, queda das pálpebras, cegueira, distúrbios gastrointestinais, etc. A mordida da jararaca, além de sintomas locais (edema, e, depois, gangrena) provoca hemorragias pelas mucosas (boca, narinas, ânus) principalmente, distúrbios funcionais, etc.

O tratamento pelo sôro, logo em seguida à mordida, é de excepcional valia. Em altas doses salva sempre o animal. Infelizmente, como dissemos, nem sempre pode o criador aplicá-lo, dadas as condições de criação em nossas fazendas. O acidente ofídico ocorre, quase sempre, em condições que impedem o socorro imediato, nas matas ou nas pastagens. A causa da morte é, às vezes, atribuída ao carbunculo, às ervas venenosas, etc.

O combate às cobras venenosas é de suma importância para a economia de nossos criadores. Os métodos usuais são difíceis, trabalhosos, além de apresentar resultados aleatórios em muitas regiões. Assim, julgamos de interesse trazer ao conhecimento de nossos leitores um processo recentemente estudado no Canadá e que apresentou ótima eficiência. O processo é de fácil execução e serviu para livrar a povoação de Inwood, naquele país, de uma invasão de cobras não venenosas. Uma publicação oficial do Brasil (Notícias Bibliográficas, do Ministério da Agricultura, julho, 1949) assim se referiu ao assunto:

"Durante o combate aos ofídios, foram empregadas, com resultados pouco apreciáveis, várias substâncias, até que 12 cobras foram encerradas em uma caixa com um recipiente contendo água com algumas gotas de sulfato de nicotina. Todas foram encontradas mortas. O processo passou, então, a ser empregado no campo, usando-se cubas de metal com água e nicotina. Dois dias depois, foram encontradas centenas de serpentes mortas".

Embora a experiência canadense tenha sido feita com cobras não venenosas, podemos acreditar que iguais resultados devem ser obtidos com as venenosas. O sulfato de nicotina é uma droga de fácil aquisição em nossos centros criatórios, já largamente utilizada para o combate ao berne, pulgas, etc.. Deste modo,

COALHO FRISIA

EM LÍQUIDO E EM PÓ

1ª FABRICA DE COALHO NO BRASIL
único premiado com 10 medalhas de ouro
fabricado por: KINGMA & CIA.
Mantiqueira — E.F.C.B. — Minas Gerais
—ooOoo—

CAIXA POSTAL, 26
Santos Dumont - E.F.C.B. — Minas Gerais
—ooOoo—

Representantes:

CAIXA POSTAL, 342
Rio de Janeiro
—ooOoo—

CAIXA POSTAL, 3.191
São Paulo
—ooOoo—

CAIXA POSTAL, 397
Porto Alegre — Rio Grande do Sul
—ooOoo—

A venda em toda a parte. — Peçam amostras grátis aos representantes ou diretamente aos fabricantes.
—ooOoo—

Criadores de bovinos da raça holandesa.
Vendemos ótimos animais puros de pedigree, puros por cruzar, e etc..

não será difícil aos nossos criadores, em cujas fazendas costumam ocorrer os acidentes descritos, lançar mão do método exposto para destruição dos ofídios, venenosos ou não, de suas matas e pastagens.

—ooOoo—

A AÇÃO DO D.D.T. NA DEFESA DA LAVOURA

DR. JOSE' NORBERTO MACEDO

Os lavradores e criadores dispõem hoje de eficientíssimo inseticida que lhes assegura completo êxito no combate e extermínio das diversas pragas que infestam as plantações.

As populações rurais, por sua vez, já podem ser melhor protegidas contra o ataque dos insetos transmissores de moléstias, como seja, o mosquito, causador do impaludismo.

Este magnífico e poderoso eliminador de insetos — conhecido pelas suas iniciais, DDT — se encontra à venda no comércio onde poderá ser facilmente adquirido.

Convém que todos os lavradores e criadores aprendam a se utilizar do DDT

e iniciem o seu emprêgo caseiro, até que nos encontremos em condições de fazer as aplicações de saneamento rural, em larga escala, pelo lançamento aéreo do DDT, através de aviões.

Caminhamos para êsse aperfeiçoamento e em tempo não remoto teremos nossas populações necessitadas protegidas pela vaporização aérea do inseticida que cobrirá matas e pântanos.

A grande vantagem do DDT é a de que o organismo humano o tolera perfeitamente, quando em determinada concentração.

Durante a guerra, erradicou-se um surto de tifo exantemático em Nápoles, na Itália, matando-se os piolhos com a aplicação do pó, nas pessoas e objetos de uso, especialmente roupas de vestir e de cama.

O polvilhamento com DDT, até 10%, é inócuo à saúde do homem, podendo ser empregado diretamente sobre a pele, sempre que se verifique uma infestação parasitária, especialmente por piolhos. Pulgas, baratas, percevejos, traças, moscas, formiguinhas caseiras, acaros, carrapatos, etc., não resistem aos efeitos do inseticida.

Ficou provado que 1/4 ou 1/8 de libra de DDT, lançado por avião, é suficiente para o efetivo controle dos insetos nocivos mais conhecidos, dentro de uma área correspondente a um acre; elevando-se a porcentagem a uma libra, o rendimento é completo.

Deduz-se, pois, que com a descoberta e uso do maravilhoso composto, se abrem novos rumos para a defesa da saúde do homem, dos animais e das plantas; as vantagens decorrentes do seu emprego são reais e concretas, permitindo que os técnicos o recomendem.

—ooOoo—

CÂMARAS DE EXPURGOS PARA SEMENTES

OLAVO BARROS DE ARAUJO E SILVA
Eng.-Agrônomo, do S.I.A.

"Instrução Técnica"

A câmara de expurgo para semente consiste em um depósito qualquer capaz de se fechar tão bem vedado que não deixe escapar nenhuma porção de gás que se forma lá dentro, devendo perma-

necer 24 horas com a semente a expurgar: um tunel vazio, ou uma caixa de madeira bem calafetada, ou ainda um quarto de alvenaria coberto por uma lage de cimento ou concreto, enfim, qualquer depósito herméticamente fechado, variando, naturalmente, a capacidade conforme a quantidade de produto a expurgar de cada vez.

Nos casos de caixões, barris, etc., colocam-se duas janelinhas de 20 x 20 cm, uma em cima para carga e outra em baixo para descarga da câmara; ambas devem prestar-se a um fechamento perfeito para não vagar nenhuma porção de gás. Nestas câmaras põe-se a semente praguejada, de sorte que em cima dela fique um prato com bissulfureto de carbono — também conhecido como formicida líquido — na proporção de 120 gramas por mil litros de semente a tratar. Quando se trata de produto para consumo, esta quantidade pode chegar a 250 gramas e, quando for para plantar, convém repetir o expurgo 15 dias mais tarde, ambos os tratamentos com 120 gramas.

No caso de uma câmara de alvenaria, tanto a carga como a descarga podem ser feitas pela única porta; em cima, no teto, fica um ou mais tubos que atravessam a lage, deitando-se por eles o bissulfureto de carbono (ou outro inseticida). A boca externa dos tubos devem ser providas de fechamento, à rosca por exemplo, enquanto as saídas dos tubos, dentro da câmara, desembocam em vasilhas razas penduradas no teto para receber o inseticida que ali vai ser evaporado. O vapor que se forma naturalmente desce e envolve a semente para matar os insetos.

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistência.

OTTO BAUMGART
ENGENHEIRO

Rua Florêncio de Abreu, 352 - Cx. Postal, 3492
S. PAULO

Receba

EM SUA CIDADE PELO REEMBOLSO POSTAL QUALQUER ARTIGO DESTA PAGINA

VACINA ANTI RABICA

Ampola de 10 cc.

Cr\$ 12,00

FERROS PARA MARCAÇÃO A FOGO

NUMEROS

De 0 a 9 com a 4 e 5 cms.
de Altura. Jogo Cr\$ 250,00

LETRAS E MARCAS

Executamos mediante desenhos. Preços a consultar.

ANTUFON

Poderoso Raticida

Tubos de 100 grs.

Cr\$ 25,00

APETRECHOS PARA TRATAMENTO DE CASCOS.

Alicate para casco Cr\$ 120,00

Rinete Cr\$ 45,00

Lima para casco Cr\$ 35,00

JOGO COMPLETO Cr\$ 190,00

TRISTEZA

Vacina contra Tristeza dos bezerros.
Caixa c/ 10 amps. de 10 cc. Cr\$ 38,00.

DINOL — Poderoso específico contra as diarreias dos bezerros.
Vidro com 18 doses, Cr\$ 24,00.

Baldes para ordenha reforçados

De abertura lateral.
10 litros. Cr\$ 150,00.

Ovalados
sem abertura lateral.
10 litros. Cr\$ 80,00.

Redondos
com bico e graduação.
10 litros. Cr\$ 80,00.

APARELHO DE CERCA ELÉTRICA

Aparelho com pilhas
de 6 volts

Cr\$ 750,00



SORO ANTI OFIDICO

Para uso Humano e Veterinário em
ampolas de 10 cc.

Botrópico Cr\$ 25,00

Poliivalente Cr\$ 20,00

Crotálico Cr\$ 25,00

SERINGAS AMERICANAS REFORÇADAS

CHAMPION B. D. de Vidro e
Metal

de 10 c. c. Cr\$ 120,00

de 20 c. c. Cr\$ 150,00

AGULHAS AMERICANAS

Duzia Cr\$ 120,00 —

Cada Cr\$ 20,00.

VACINA CONTRA BOUBA AVIARIA

Frascos de 60 doses Cr\$ 15,00

NÃO USE CHICOTE!

USE HOT-SHOT!

Bastão elétrico infalível para
animais teimosos: Burros empa-
cadores, Touros bravios, Vacas
emperreadas, etc.

Não há animal desobediente
diante do bastão de choque
elétrico.

Aparelho Cr\$ 250,00

FRIGOL

Efficiente no tratamento de
FRIEIRAS, Esponjas e Feridas
granulosas.

Vidro de 160 grs. Cr\$ 15,00

ESCOVAS

DE RAÍZ

Ovaladas Cr\$ 15,00

Compridas Cr\$ 12,00

DE PÊLO

Ovaladas Cr\$ 16,00

CABRESTOS REFORÇADOS PARA TOUROS

Reforçado com correntes
Cr\$ 90,00

PARA VACAS

Reforçado com correntes
Cr\$ 70,00

PARA BEZERROS

Com correntes .. Cr\$ 50,00

PEDIDOS:

Associação dos Criadores

Rua Senador Feijó, 30 - S/loja - S. Paulo

Fóssa coletora de aves mortas

HENRIQUE F. RAIMO

Med.-Vet. - D.P.A.

O controle das doenças em um aviário, é decisivo para o sucesso da exploração avícola.

Geralmente, o que se observa em centenas de núcleos de criação, é a dificuldade na eliminação do corpo das aves mortas.

Alguns, menos avisados, deixam as aves mortas ao redor dos abrigos ou sobre os poleiros, de um dia para outro, até acertarem o destino a ser dado às mesmas.

Outros, retiram as aves mortas dos abrigos e as atiram aos córregos e ribeirões da vizinhança.

Enfim, uma grossa maioria, faz o enterro das aves mortas, em terras da própria granja, sem atentar porém, para a pequena profundidade em que são enterradas.

Dêsse modo, os cães e outros animais, atraídos pelo odor da carne em putrefação, facilmente desenterram as cascassas, esparramando detritos putrefatos por toda a propriedade.

Tais fatos, aliás comumente observados, podem ser a causa de um sem número de doenças, responsáveis por inúmeros insucessos, em explorações avícolas.

No entanto, a eliminação do corpo das aves, poderá ser facilmente executada, através da queima ou da fossa coletora.

A queima do corpo das aves, apresenta sempre certas dificuldades, além do penetrante odor de carne e penas queimadas, constituir um desagradável complemento do aviário.

O outro sistema, a fossa coletora, apesar do custo de sua instalação, apresenta vantagens importantes, como seja a pronta eliminação das aves, durante muitos anos.

E' de todos sabido que, uma eliminação rápida das aves mortas de um aviário,

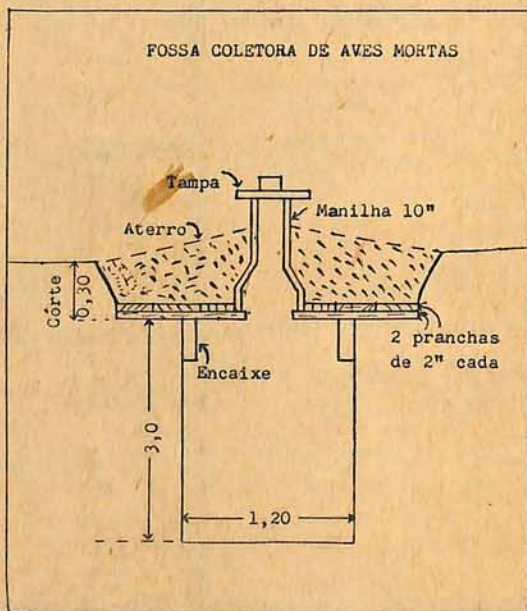
constitue um dos principais fatores, no controle das doenças e seus problemas.

Apresentamos no desenho anexo, um modelo de fossa coletora, decalcado em parte de desenho publicado pelo Everybody's Poultry Magazine — U.S.A.

A fossa coletora, nada mais é do que um poço, com cobertura de madeira ou de concreto, onde se embute uma manilha de barro vidrado invertida, que apresenta uma tampa de madeira.

As aves mortas são colocadas pela abertura superior da manilha, tôdas as vezes em que houver necessidade.

Nas medidas apresentadas, a fossa coletora atende ao desejo das aves mortas, de uma granja industrial, durante anos.



A PECUÁRIA NO MÊS

- ★ Diretoria da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro
- ★ Venda de sementes de algodão e milho híbrido
- ★ A politica dos adubos
- ★ Pecuaria gaucha
- ★ Venda de carne no Distrito Federal
- ★ Preço da carne
- ★ Doação da fundação Rockefeller
- ★ Sessão de parlamentares e lavradores

- ★ Charque gaúcho
- ★ Matança de suínos
- ★ Fomento agrícola do Estado
- ★ Matança de bovinos no Estado
- ★ Produção brasileira de carnes
- ★ Preços de queijo e manteiga
- ★ A Faresp critica o plano de abastecimento
- ★ Reajustamento dos pecuaristas
- ★ Plano de abastecimento de carnes.

NOVA DIRETORIA DA SOCIEDADE RURAL DO TRIANGULO MINEIRO

Em reunião realizada dia 15 de janeiro passado, elegeu-se a nova diretoria da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro, que ficou assim constituída:

Presidente, sr. Carlos Smith; 1º vice-presidente, sr. Max Nordau de Rezende Alvim; 2º vice-presidente, sr. Lauro Fontoura; secretario-geral, sr. Adalberto R. Cunha; 1º secretario, sr. Manuel Silveira; 2º secretario, sr. Carlos Tasso R. Cunha; 1º tesoureiro, sr. José Duarte Vilela; e 2º tesoureiro, sr. Angelo André Fernandes.

Conselho Deliberativo: srs. J. S. Rodrigues da Cunha, Armando C. Ratto, Arthur de Castro Cunha, José Severino Netto e Alfredo Sabino de Freitas; suplentes: srs. Ranulfo Borges do Nascimento, Gastão Andrade Carvalho, Lamartine Mendes, Torres Homem Rodrigues da Cunha e Pilades Prata Tibery.

Conselho Miscal: srs. José Barbosa de Souza, Pedro Cruvinel Borges e José de Almeida Franco; Suplentes: srs. Geraldino Tito R. Cunha, Gerson Prata e José Teixeira Dias.

VENDA DE SEMENTES DE ALGODÃO E DE MILHO HÍBRIDO

A Secretaria da Agricultura comunica aos lavradores do Estado ter chegado ao seu conhecimento que pessoas inescrupulosas estão vendendo *Sementes de Algodão da Variedade Campinas* e de *Milho Híbrido*, dando como procedência o Instituto Agrônomo de Campinas.

No sentido de acautelar os interesses da lavoura, colocando-a a coberto de possíveis prejuizos, esclarece que somente o Governo do Estado é o detentor do monopólio da distribuição de sementes de algodão. Tanto essas sementes como as de milho híbrido, selecionadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas são vendidas exclusivamente pelos Postos de Sementes e Postos de Venda, cujos encarregados, funcionários da Secretaria, fornecem de cada venda efetuada o competente recibo oficial.

E' de grande utilidade, tanto para a lavoura como para a Secretaria, que os lavradores adquiram as sementes acima mencionadas somente dos Postos de Sementes e Postos de Venda, instalados pelo Departamento da Produção Vegetal. Quando houver qualquer proposta de venda daquelas sementes por elementos estranhos, pede a Secretaria da Agricultura que o fato seja comunicado aos Agrônomos Regionais, sediados no interior do Estado, para as providências cabíveis no caso.

Banco do Brasil S. A.

RUA ALVARES PENTEADO, 112
SÃO PAULO

COBRANÇAS - DEPÓSITOS - EMPRÉSTIMOS
CAMBIO - CUSTÓDIA - ORDENS DE PAGAMENTO - CREDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL - CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO:

Populares

(limite de Cr\$ 10.000,00) ... 4½% a.a.;

Limitadas

até Cr\$ 50.000,00 4 % a.a.;

até Cr\$ 100.000,00 3 % a.a.;

SEM LIMITE 2 % a.a.

Depósitos a Prazo Fixo:

12 meses .. 5% a.a. — 6 meses .. 4% a.a.

Depósitos de Aviso Prévio:

90 dias .. 4% a.a. — 60 dias .. 4% a.a.
30 dias .. 3½% a.a.

Contas a Prazo Fixo, com pagamento mensal de juros:

6 meses 3½% a.a. — 12 meses 4½% a.a.

Direção Geral e Agência Central:

Rua 1º de Março, 66 - RIO DE JANEIRO

END. TELEGR. "SATELITE" — Agências em todas as Capitais dos Estados e principais praças do país. Correspondentes na principais praças do País e do Exterior.

Agências no Exterior: Assunção (Paraguai) e Montevideu (Uruguai).

Agências localizadas no Estado de São Paulo:
Andradina - Araçatuba - Araguaçu - Araraquara - Assis - Avaré - Bariri - Barretos - Baurá - Bebedouro - Botucatu - Braçança Paulista - Caflândia - Campinas - Catanduva - Chavantes - Duartina - Franca - Itapetininga - Itapira - Ituverava - Jaboticabal - Jaú - Limeira - Lins - Marília - Matão - Mirassol - Mogi das Cruzes - Monte Aprazível - Nova Granada - Novo Horizonte - Olímpia - Orlandia - Pedernelas - Piracicaba - Pirajú - Pirajui - Pirassununga - Presidente Prudente - Promissão - Rancharia - Rib. Bonito - Ribeirão Preto - Rio Claro - Sta. Cruz do Rio Pardo - Sto. Anastacio - Sto. André - Santos - São João da Boa Vista - São José dos Campos - São José do Rio Pardo - São José do Rio Preto - Sorocaba - Taquaritinga - Taubaté - Tupã - Valparaíso - Votuporanga.

A POLITICA DOS ADUBOS

Em comunicação feita ao Instituto de Engenharia de São Paulo, o engenheiro Ciro Ribeiro Pereira revelou que o problema da adubação potássica poderia ser resolvido com a exploração das jazidas localizadas em Poços de Caldas, Minas Gerais e Aguas da Prata, São Paulo, onde foram descobertas jazidas de uma rocha contendo teor de oxido de potassio de 10 a 16%.

Segundo ainda a opinião daquele tecnico, a politica dos adubos deveria consistir no seguinte:

- a) intensificar a produção de fosfatos, já iniciada;
- b) aproveitar as rochas do planalto de Poços de Caldas para a adubação potássica; e
- c) produzir azoto, como fazem outros países, extraindo-se do ar.

MATANÇA DE VACAS

A "Folha da Manhã" de 22 de dezembro inseriu interessante artigo assinado pelo sr. Arlindo de Sampaio Jorge, pecuarista matogrossense, sob o titulo "Necessário ao fazendeiro o abate de vacas". Inicialmente o autor esclarece: "Todo o fazendeiro que tem a sua fazenda instalada há mais de seis anos é obrigado a vender anualmente, com os bois, um determinado numero de vacas. Nos campos nativos as vacas não vivem mais de doze anos e o gado criado extensivamente, como acontece aqui em Mato Grosso, tem os seus dentes inutilizados mais ou menos aos treze anos, devido aos barreiros onde o gado lambe o barro e a terra salitrada.

Na primeira seca rigorosa esse gado, que tem os dentes já estragados, não resiste à estiagem e morre de magro, devido ao pasto duro e à falta de forragem mole ou seja pasto novo. Esta é uma das razões imperativas da matança de vacas. Enquanto os pastos dos campos nativos não forem substituidos por capins plantados de outras qualidades, como o Jaraguá, o Colônia, o Gordura, etc., e enquanto a criação não evoluir de extensiva para intensiva, os fazendeiros terão que vender suas vacas na idade de dez a doze anos, se não quizerem perdê-las de magras e atoladas nas cabeceiras e nas pindaibas." Mais adiante o articulista fez um calculo do numero de animais,

Mesmo no tempo das águas
SEU REBANHO PRODUZIRÁ

2 vezes mais!



- ★ LEITIL.
- ★ LEITIL EXTRA
- ★ FORRAGIL.
- ★ CREMIL.



PRÓ-PECUÁRIA S/A
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE FORRAGENS

SÃO PAULO

FABRICA E ESCRITÓRIO
RUA DO CURTUME, 196
(ÁGUA BRANCA)

CAIXA POSTAL, 5013
TELEFONES, 5-0211 - 5-0298
TELEGRAMAS "SOCILIL"

Forker Publ.

machos e fêmeas, produzidos em uma fazenda que se inicia com 1.000 vacas de três anos de idade, e conclue: "Como se vê, o fazendeiro organizado é forçado a bem de seus próprios interesses, a vender anualmente um determinado número de vacas. Essa quantidade, pelos cálculos acima, corresponde no mínimo a 40% sobre o número de bois que ele vende." E, mais adiante; "Por acaso, a vaca não é também uma fonte de produção do fazendeiro? O processo de aumentar o nosso rebanho bovino não é restringir ou mesmo proibir a matança de vacas, pois isto vem tirar o estímulo do criador, e sim dar-lhe animo com melhores preços, abrindo a fonte de exportação, facilitando-lhe crédito e financiamento a longo prazo e juros baixos, para melhorar não só o seu rebanho como possibilitar melhores instalações nas fazendas, conforto esse capaz de atraí-los efetivamente para o campo e fazê-los esquecer a vida da cidade. Essa deve ser a solução para a melhoria dos rebanhos da pecuária."

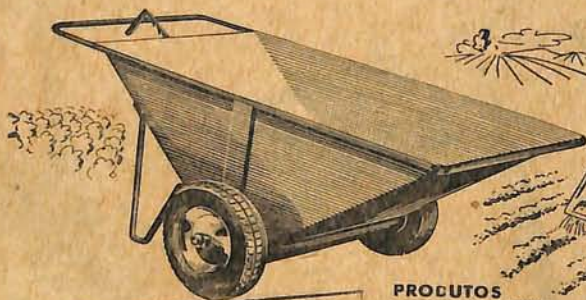
PECUARIA GAUCHA

Notícia procedente de Porto Alegre informa que, em reunião dos diretores do Instituto de Carnes, os representantes dos frigoríficos comunicaram que essas empresas não mais poderiam manter os preços de aquisição que vigoraram na última safra, ou sejam Cr\$ 5,80 para o quilo de carne fria e Cr\$ 2,70 para o gado vivo. No ano de 1950 desejam pagar apenas Cr\$ 3,00 pelo quilo de carne fria e Cr\$ 1,50 pelo gado vivo. Há assim enorme diferença nos preços de aquisição da carne, estando, pois, a pecuária gaucha ameaçada de quase um colapso econômico. Alegam os frigoríficos que são obrigados a baixar os preços de aquisição em virtude da desvalorização da libra esterlina, que atingiu o poder de compra dos países importadores de carne frigorificada sul-riograndense. Ao que se informa já vão adiantadas as negociações tendentes a minorar os efeitos da queda da li-

A GRANDE DUPLA!

Carrinho MÓCA

É indispensável. Reduza a mão de obra, baixe o custo da safra, empregando o carrinho MÓCA, fabricado especialmente para receber o café lavado e espalhá-lo pelo terreiro numa ação rápida e altamente econômica.



Rodas pneumáticas. Capacidade 250 litros. Dispositivo para regular a quantidade de café espalhado.

PRODUTOS

Pontal

MATERIAL RODANTE



Carrinho CASTOR

Para todo o serviço leve ou pesado e com durabilidade eterna, o carrinho CASTOR, é construído inteiramente de aço sem emendas, reforçado, com rodas patenteadas Nielsen e estudado para não sofrer qualquer desgaste.

Fabricantes: **INDÚSTRIAS GASTÃO PINATEL**
Construções Mecânicas e Metálicas Ltda.

EXPOSIÇÃO E LOJA:

Rua Dom Bosco, 148 — Fone 3-4609
SÃO PAULO

Na linha de GRANDES VACINAS

como a já afamada

VACINA CRISTAL VIOLETA RHODIA

— a máxima garantia contra a peste suína —
outros produtos Rhodia para a Pecuária:



SINTOMATINA

Vacina preventiva contra o carbúnculo sintomático ou peste da manqueira.



CARBUNCULINA

Vacina preventiva do carbúnculo hemático.



ANTIBACTERIANA PORCINA RHODIA

Vacina preventiva das doenças bacterianas de leitões e suínos.



ANTIBACTERIANA BOVINA RHODIA

Vacina preventiva das doenças bacterianas dos bezerros.

LIO-DIFTERINA

Vacina seca de longa conservação. Preventiva da difteria aviária.



DA 3-649

Para outras informações e pedidos,
dirija-se ao seu fornecedor ou à

A marca de confiança
também a serviço da pecuária

COMPANHIA QUÍMICA RHODIA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO AGROPECUÁRIO — Caixa Postal 1329 — São Paulo

bra, tendo a Cooperativa dos Produtores tomado a direção da questão.

VENDA DE CARNE NO DISTRITO FEDERAL

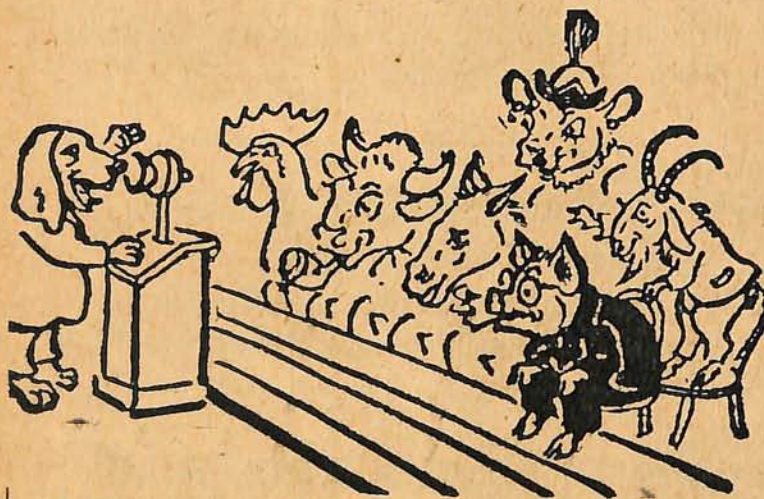
Ha varios meses vêm os varejistas de carne do Distrito Federal insistindo na obtenção de um aumento no preço do produto, chegando mesmo a articular um movimento de resistência para conseguir a colocação de 25% de carne de segunda nos pesos da de primeira qualidade. Diante desse proposito, o prefeito, ao que se informa, vem tomando as necessarias providencias, no sentido de evitar que os açougueiros tentem pôr em pratica as

ameaças de recusa da venda do produto. Entre as providencias para disciplinar a venda da carne nos açougues, o prefeito determinará a suspensão do alvará de funcionamento, fiscalização rigorosa e permanente, multas pesadas e até processos de expulsão para os comerciantes estrangeiros faltosos que possuam carteira do modelo 19.

PREÇO DA CARNE

Com a entrada do período de safra para o comercio de carne a Comissão Estadual de preços resolveu reduzir em cinquenta centavos o preço vigente no Tendal e no comercio retalhista, uma vez

que as tabelas haviam sido majoradas em igual importancia no período da entressafra. E' bem de ver que essa medida imediatamente se refletiu no preço do gado, despertando os pecuaristas que, como todos os anos, passaram agora a viver momentos angustiantes de expectativa, mesmo porque essa baixa que era esperada por ter vindo antecipada é precursora de máus agoiros. A redução aplica-se indistintamente às varias especies de carne, e entrou em vigor a partir de janeiro.



Meus Amigos

A experiência recomenda para os nossos males os afamados produtos do

Laboratório HERTAPE Ltda.

Maxima eficiência — Absoluta garantia

VACINAS {
contra a Peste Suina (Hog-Cholera)
contra a Febre Aftosa (Dose de 5 centímetros)
contra a Raiva (uso veterinário)
contra a Bouba Aviária (líquida).
contra a Pneumoenterite dos Suínos (Batedeira).

DISTRIBUIDORES EM SÃO PAULO:

MACHADO & CIA. — Rua Caraibas, 68

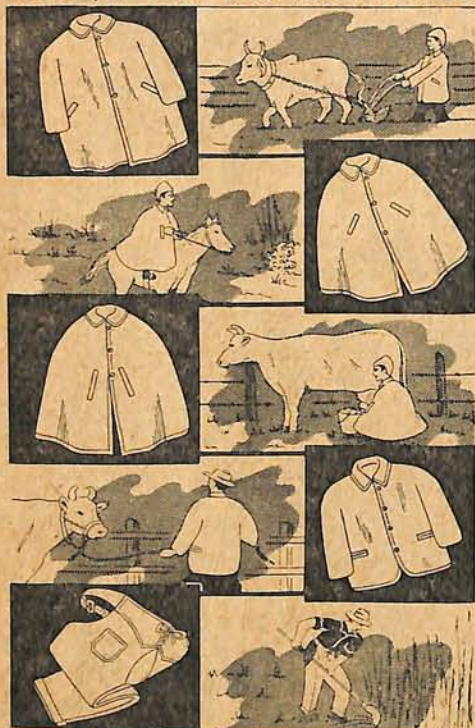
DOAÇÃO DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER

A Fundação Rockefeller acaba de doar quinze mil dolares ao Instituto Agronomico de Campinas, para o fim de ampliar os trabalhos de pesquisa sobre molestias de virus das plantas, em execução naquele



REFINADORA DE OLEOS BRASIL S/A
R. XAVIER DE TOLEDO, 114 - 9º
TEL. 4-7378 - C. POSTAL, 1117 - S. PAULO

PROTEÇÃO PARA SEUS TRABALHADORES



CAPA AGRICOLA —

SOBRETUDO com mangas e bolsos.

De 1 metro 10 cms. cada Cr\$ 150,00

De 1 metro 20 cms. cada Cr\$ 160,00

De 1 metro 30 cms. cada Cr\$ 170,00

CAPA PASTORIL —

PONCHE cobre até a garupa do animal, livrando os braços para a lida.

De 1 metro 10 cms. cada Cr\$ 145,00

De 1 metro 20 cms. cada Cr\$ 150,00

De 1 metro 30 cms. cada Cr\$ 160,00

CAPUZES — Cada a Cr\$ 20,00

PONCHES PARA ORDENHADORES —

Deixa os braços completamente livres para a ordenha. Em 3 tamanhos:

nº 90 cada a Cr\$ 120,00

nº 80 cada a Cr\$ 115,00

nº 70 cada a Cr\$ 110,00

CAPAS PARA CRIANÇAS —

No mesmo tipo da capa agricola é um ótimo ponche. Em 3 tamanhos:

nº 90 cada a Cr\$ 120,00

nº 80 cada a Cr\$ 115,00

nº 70 cada a Cr\$ 110,00

PALETÓS — Em 3 tamanhos:

nº 90 cada a Cr\$ 130,00

nº 80 cada a Cr\$ 125,00

nº 70 cada a Cr\$ 120,00

CALÇAS —

Especiais contra a humidade, para serviços em capinas, canaviais, etc. indispensáveis para serviços de cargas e descargas de mercadorias, pessoal de Estradas de ferro, etc.

Tipo Único — Cada a Cr\$ 140,00

Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal

- ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES -

Rua Senador Feijó, 30 — SÃO PAULO

estabelecimento da Secretaria da Agricultura. Compreendendo a importancia dos estudos atualmente feitos naquela instituição sobre varias molestias de plantas economicas, tais como, sobre a "tristeza" dos citruses, sobre as molestias do virus do tomateiro, do fumo e de outras solanaceas, bem como das enormes possibilidades existentes em nosso meio para pesquisas que poderão redundar em descobertas de grande valor para o progresso daquele ramo da ciencia, resolveu a Fundação Rockefeller auxiliar tais trabalhos.

SESSÃO DE PARLAMENTARES E LAVRADORES

Na Sociedade Rural Brasileira, sob a presidencia do Dr. Francisco Malta Cardoso, realizou-se uma reunião conjunta da bancada paulista na Câmara dos Deputados e de lavradores pertencentes àquela entidade de classe. Saudando os parlamentares falou o Dr. Malta Cardoso, apresentando o ponto de vista da Sociedade Rural Brasileira com relação aos problemas da legislação social da agricultura, referindo-se ao Código Rural, Reforma Agraria, arremetimento compulsoria da lavoura, reforma da Consolidação das Leis do Trabalho, ao Estatuto da Lavoura Canvieira e ao ensino tecnico rural.

O sr. Luiz Amaral discorreu sobre o Cooperativismo e o Seguro Rural; o sr. Castro Prado relatou o item correspondente à liquidação do D.N.C.; o sr. Antonio de Queiroz Teles falou sobre o problema de imigração; sobre o serviço social rural falou o sr. Cory Gomes de Amorim e, por ultimo, o sr. Alberto Whately discorreu sobre produção pecuaria e o sr. Martins Xavier Sobrinho ocupou-se do algodão.

CHARQUE GAUCHO

Segundo informa um dos ultimos numeros do Boletim da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul, eis alguns dados referentes a charque produzido naquele Estado: Existencia de charque nas charqueadas até 30 de novembro de 1949: 91.889 fardos; existencia nos portos de embarque, 13.132 fardos.

O total da existencia é de 105.021 fardos em confronto com 141.355 na mesma data em 1948.

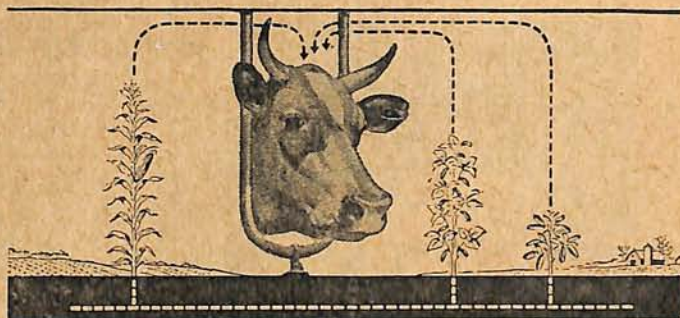
Para os diversos mercados do país, o movimento de exportação durante o mês de novembro acusou 28.245 fardos.

MATANÇA DE SUINOS

"A matança de gado suíno no Brasil em 1948 atingiu 5.093.951 cabeças, ou seja menos 3,1% que em 1947 e menos 6% que em 1946. Dessa forma, a matança de suínos, que vinha aumentando no país, sofreu uma queda nos últimos anos. É possível que ainda em 1949 não se tenha processado uma recuperação animadora, muito embora não sejam ainda conhecidos os dados da matança geral. A peste suína e a queda de preços podem ser apontadas como causas principais do declínio. Sabe-se que no ano passado entrou muita banha estrangeira no Brasil, fazendo concorrência ao produto nacional e contribuindo para deprimir as cotações de suínos gordos". É o que informa a "Folha da Manhã" em artigo intitulado: "Diminuiu a matança de suínos no Brasil".

FOMENTO AGRÍCOLA NO ESTADO

Foram criadas mais 37 regiões agrícolas no Estado. Varias delas deverão ins-



FERRO, MANGANES, COBRE, MAGNESIO, ZINCO, COBALTO, IODO

pratt's,

REGULADOR ANIMAL

(Complemento mineral para animais)

Nenhuma planta e nenhum grão, e para isso nem a melhor ração contém os traços de minerais em quantidades suficientes para garantir a alta produção exigida hoje em dia da vaca, do porco, da ovelha, e do reprodutor. Terras deficientes, permanecem deficientes todo o ano, todas as forragens colhidas em tais terras, sejam grãos, forragens ou fenos, terão as mesmas deficiências como o solo.

Adicione PRATTS REGULADOR ANIMAL,

e suas novilhas serão precoces, suas vacas darão bezerros todos os anos, as crias serão mais fortes, os reprodutores desempenham sua função com melhores resultados, e

TODOS OS SEUS ANIMAIS OBTÊM MAIOR RESISTÊNCIA CONTRA AS ENFERMIDADES.

O uso de PRATTS é facilíssimo, seu custo não passa de SEIS CENTAVOS, por dia e por animal adulto ou sejam menos de Cr\$ 30,00 por ano, em uso diário. Pode ser administrado como ingrediente em qualquer ração para animais ou misturado com sal.

Baldes de aço e/ 15,8 kgs. Cr\$ 250,00

A venda em todas as boas casas do ramo

A PRATT FOOD COMPANY, oferece interessante publicação, gratuitamente sobre o problema dos ELEMENTOS MINERAIS, na alimentação dos animais, para quem pedir aos seus representantes: Representações Milmay Ltda., à rua México, 98, sala 707, Caixa Postal, 4628, Rio de Janeiro ou Associação de Criadores, rua Senador Feijó, 30, s/ loja, São Paulo.



talar-se em zonas novas que pertenciam a regiões muito extensas agora subdivididas. O Estado passará a contar com 150 regiões, com seus respectivos agrônomos e "Casas da Lavoura". Dessa forma, aperfeiçoa-se o fomento agrícola no Estado porque muitas regiões, em virtude de seu excessivo tamanho, não poderiam ser assistidas devidamente.

MATANÇA DE BOVINOS NO ESTADO

A matança de gado bovino nos principais estabelecimentos do Estado, atingiu, nos onze primeiros meses de 1949, 1.086.719 cabeças, observando-se um aumento de cerca 5,1% em relação a igual período de 1948. O sacrifício de bois

cresceu de 3,3%, o de vacas de 20,4% e o de vitelos diminuiu de 12,2%. Em números absolutos, o movimento de janeiro a novembro de 1949 apresenta um excesso de mais de 73.000 bois e de quase 34.000 vacas.

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNES

A produção brasileira de carnes elevou-se para 1.057.250 toneladas em 1948. A contar de 1940 quando produzimos 978.971 toneladas, o aumento geral foi de 8% representando o maior volume produzido. Em 1941, registrou-se grande produção que veio declinando a partir de 1942. Em 1945, a situação tendeu a melhorar e a ascensão foi-se destacando até atingir o recorde em 1948. Entretanto, considerada em conjunto a evolução do preparo de carnes no Brasil não se processou satisfatoriamente, pois entre 1940 e 1948 a população humana aumentou de 17%. Entre as carnes produzidas destacam-se as de origem bovina, firmando-se, assim, ainda mais essa tendência da pecuária brasileira.

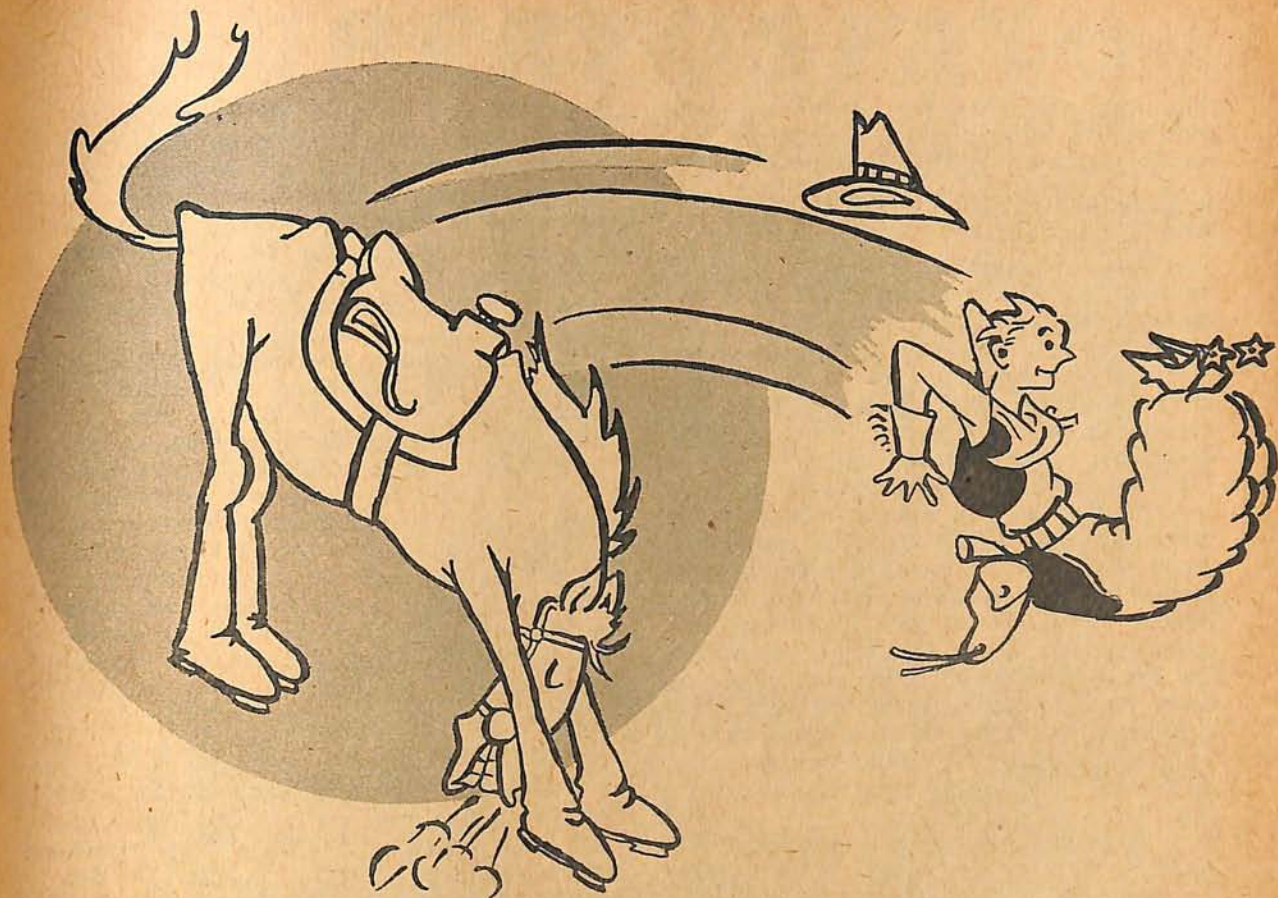
PREÇOS DE QUEIJO E MANTEIGA

Um matutino do Rio informa que os preços do queijo e da manteiga estão baixando nos centros produtores. Em Itanhândú, o mais importante centro de produção e industrialização do leite do sul de Minas, a manteiga vem sendo vendida a Cr\$ 26,00 o quilo contra Cr\$ 35,00 em novembro e Cr\$ 30,00 em dezembro do ano passado, por uma das principais companhias que ali operam, enquanto outros produtores estão vendendo esse produto até a Cr\$ 22,00 o quilo. O mesmo se verifica com os queijos: o tipo parme-

GADO NELORE

Vendemos um lote de 18 vacas registradas (registro da S.R.T.M.), 10 não registradas, de 4 a 5 anos, e 20 Novilhas de 18 a 30 meses, bem como dois touros registrados.

Informações com a SOCIEDADE MOURA CUNHA LTDA. — Uberaba.
Rua Olegário Maciel, 7 — Telefone 1223.



o mais guapo da pionada - DINOCARGEM

Entre a linda pionada da fazenda, Dinocargem é o mais famoso. O animal que ele encilha vive sempre são de lombo. Mesmo em viagem ou quando a lida no campo aperta muito. Dinocargem, com seu poderoso pó de prata, fecha ligeiro qualquer pisadura. O formidável pó de Dinocargem não dói, não irrita, desinfeta, apressa a cura tanto de basteiras como de qualqueir ferida — e, pelo que vale, sai barato. Dinocargem tanto ajuda nos cuidados da tropa mansa e das criações, que é respeitado como o pião mais guapo da fazenda. Adote o uso de Dinocargem e ganhe fama de pião zeloso. Ponha seu nome e endereço no cupon abaixo e nos remeta — receberá uma amostra grátis.

DINOCARGEM

— Um produto de prata que vale ouro —

* DINOCARGEM é irmão da famosa ULTRADINA VETERINARIA, à base de prata esponjosa.

O PÓ DE PRATA DE DINOCARGEM
É FÁCIL DE APLICAR E CURA EM
TRÊS TEMPOS:

- 1º Lave bem, com água morna, a basteira, estoladura, ou ferida qualquer que seja.
- 2º Enxugue um pouco. Com algodão ou lã de pélego, bata bem o pó, em camada fina, bem distribuída.
- 3º Repita o curativo no dia seguinte.



CUPON

Peço mandar uma amostra grátis do famoso pó de DINOCARGEM.

NOME
(nome escrito bem claro)

ENDEREÇO

(Fazenda, cidade, rua, número, Estado).

Envie o cupom para

MULTIFARMA LTDA.
Praça do Patriarca, 26 - 2.º andar - sala 6
São Paulo

zão, que em novembro ultimo era vendido a Cr\$ 24,00 o quilo, está sendo oferecido agora até por Cr\$ 18,00.

A FARESP CRITICA O PLANO DE ABASTECIMENTO

O sr. Iris Meinberg criticando o plano de abastecimento de carnes procurou demonstrar as manobras de aviltamento de preços que o mesmo conduz. Ao falar da regulamentação da recria e engorda assim se expressou aquele líder da pecuária do Brasil Central, em entrevista dada aos jornais desta Capital:

"Em 1942 reivindicamos do governo federal uma lei que regulamentasse a recria e a engorda do gado de corte, por parte das pessoas físicas e jurídicas que explorassem a industria de carne frigorificada. Essa medida foi tomada pelo decreto numero 5.121, de 21 de dezembro de 1942, e, segundo dispunha, não podiam os industriais abater, em seus estabelecimentos, gado de sua engorda em proporção superior à media verificada nos anos de 1940 e 1941, da mesma proveniencia.

"Entretanto, ao apagar das luzes dos poderes discricionarios em materia legis-

lativa do atual governo, em 16 de setembro de 1946, por solicitação do Ministerio da Agricultura baixou o presidente da Republica um decreto-lei permitindo o abate, pelos industriais, até o limite de um terço da capacidade de sua engorda de gado. Como que pretendendo, com isso, garantir o suprimento de carnes às populações, no período de 1.º de agosto a 31 de dezembro, determinou o aludido decreto-lei que esse gado não podia ser abatido no período de safra e, sim, no período já referido, de entressafra. Acontece, porem, que o Ministerio da Agricultura não fiscaliza e nem está aparelhado para fiscalizar o cumprimento do dispositivo da lei que impede a matança, pelos frigorificos, de gado de sua engorda, no período da safra, e eles matam esse gado para sair do mercado e forçar a baixa, principalmente nos meses em que os invernoistas são obrigados a fazer maiores ofertas".

REAJUSTAMENTO DOS PECUARISTAS

O presidente da Republica vetou, parcialmente, o projeto de lei que dispõe sobre o pagamento dos debitos dos criadores e recriadores de gado bovino. Os dis-

OS PRODUTOS DO LABORATÓRIO «HERTAPE» LTDA. SÃO OS QUE CONFEREM MELHOR PROTEÇÃO CONTRA ESTES DOIS TERRÍVEIS MALES

Vacina "Hertape" contra a Febre Aftosa, registrada na D.D.S.A. do Ministério da Agricultura sob o nº 259, em 9-10-1946.

—oOo—

Fabricada com os tipos de virus existentes no País.

—oOo—

Dose de 5 centímetros
Máxima garantia.



Vacina Cristal Violeta "HERTAPE" Contra a Peste Suína (Hog Cholera).

—oOo—

A mais conhecida e a mais usada pelos criadores patricios

—oOo—

Tôdas as partidas são rigorosamente testadas por competentes técnicos do Ministério da Agricultura.

DISTRIBUIDORES EM SÃO PAULO:

MACHADO & CIA. — Rua Caraibas, 68

SUPERFOSFATO

«ELEKEIROZ»

SUPERFOSFATO
20/21% DE P_2O_5

SUPER COLHEITAS
com o mais poderoso fertilizante

Elekeiroz
MARCA REGISTRADA

50 QUILOS
Produtos Químicos **«ELEKEIROZ» S.A.**
SÃO PAULO
Desvio - **ELEKEIROZ**
VARZEA - E.F.S.J.

Indispensável em tôdas as culturas.

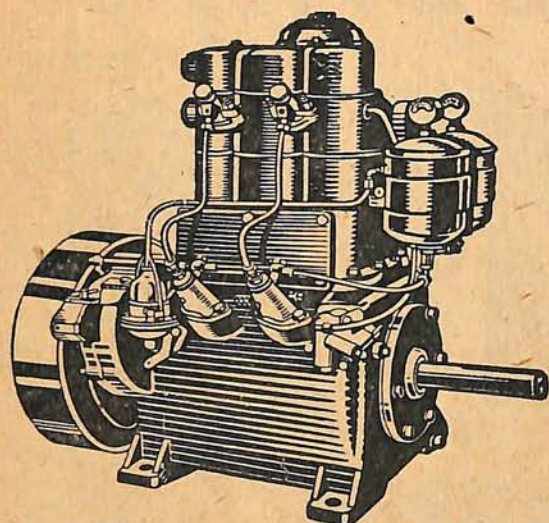
Acondicionado em sacos de papel tipo "BATES"

De completa solubilidade

Aceitamos pedidos de qualquer quantidade para pronta entrega

PRODUTOS QUÍMICOS «ELEKEIROZ» S. A.

Rua S. Bento, 503 - Caixa Postal 255 - SÃO PAULO



DIESEL deve ser o seu MOTOR HALLETT

a sua marca

Assistência técnica eficiente e peças sobresselentes como garantia de bom funcionamento

G. BORGHOF & CIA.

AV. GEN. OLÍMPIO DA SILVA, 63 - TEL.: 5-4351
TELEGR.: "BORG MAGNETO" - S. PAULO

positivos vetados são os seguintes: letra "a" do artigo 3.º assim redigido: "Não tendo obtido decisão judicial favorável quanto ao disposto nas leis 209 e 457 vieram a provar, em reexame que será facultado do processo, ainda que findo, que faziam jus aos benefícios a que se referem as ditas leis; parágrafo único do art. 15 que diz: "Os certificados mencionados neste artigo poderão ser caucionados na Caixa de Mobilização Bancária, nos termos de lei n.º 209, de 2 de Janeiro de 1948"; o artigo 16 dispondo: "Os estabelecimentos de crédito que recebem apólices em pagamento de débitos de pecuaristas, poderão utilizá-las para atender aos depósitos exigidos pela Superintendência da Moeda e do Crédito, de acordo com o art. 4.º do decreto-lei n.º 7.293, de 2 de fevereiro de 1945"; o artigo 21 assim redigido: "Não estarão privados dos benefícios desta lei os devedores contra os quais se houver decretado prisão civil, a qual ficará sem efeito, caso ofereçam bens suficientes para garantir a importância da

divida remanescente"; o artigo 24 dispondo: "Os benefícios concedidos por esta lei não serão considerados rendimentos tributáveis para o efeito de pagamento do imposto de renda".

PLANO DE ABASTECIMENTO DE CARNES PARA 1950

Em 1.º de janeiro entrou em vigor o plano de abastecimento de carnes elaborado pelo Ministério da Agricultura. Entre outros itens, o citado diploma estabelece: 1) para as charqueadas localizadas em S. Paulo o período de matança será compreendido entre 1.º de fevereiro e 15 de julho com as seguintes cotas: Minerva (Barretos) 9.000 cabeças, Bandeirantes (Barretos) 9.000 cabeças; 2) será permitida a industrialização, nos estabelecimentos abatedores devidamente aparelhados, até o máximo de 15% de carne com osso da cota realmente entregue ao consumo; 3) no Brasil Central fica proibido o abate de bovinos para o comércio internacional; 4) para o abastecimento do Distrito Federal foi estabelecida a cota global, semanal máxima de 2.000 toneladas, para S. Paulo, 1.500, para Santos 250, Belo Horizonte, 300; Santo André, 150; Niterói, 150 e Curitiba, 170 no período de 1.º de fevereiro a 30 de setembro. Durante o período de 1.º de outubro a 31 de janeiro de 1951, as cotas serão de: Distrito Federal, 1.600; S. Paulo, 1.300; Santos, 200; Belo Horizonte, 250; Santo André, 100; Niterói, 120; Curitiba, 150. A matança no primeiro período deve ser feita de novilhos com peso morto mínimo de 200 quilos e no segundo de 180 quilos. A matança de vacas está fixada em 10% nos estabelecimentos abatedores fornecedores do Distrito Federal e outras cidades acima citadas; 20% para as charqueadas de S. Paulo; 50% para as de Mato Grosso e Goiás; 30% para as de Minas Gerais e 70% para matadouros municipais do interior e fábricas de conservas e gorduras. No Brasil Central não será permitida a matança de vitelos originários de gado leiteiro cujo peso não excede de 100 quilos, de bovinos novos de corte cujos pesos forem superiores a 100 quilos porém inferiores às médias estabelecidas acima (peso morto) e nem de vacas com menos de 7 anos de idade.

UMA FORMULA QUIMICA
ASSOMBROSA!...

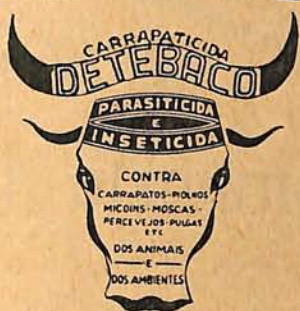


Carrapaticida **DETEBACO**

CONTÊM:
D. D. T. - Rotenona - Nicotina - Nafta
DE DUPLA AÇÃO

FACIL DE USAR:

SOLUVEL EM AGUA
PARA SER
PULVERIZADO
DIRETAMENTE
SOBRE O CORPO
DOS ANIMAIS



PORQUE O «DETEBACO»
E' ASSOMBROSO!...

- E' MODERNO E FACIL DE SE APLICAR
- E' COMPLETAMENTE SOLUVEL NA AGUA
- E' 30 VEZES MAIS PODEROSO DO QUE O ARSENICO
- E' ISENTO DE PERIGO.

FINALMENTE PORQUE O "DETEBACO" PELO EFEITO RESIDUAL E' DE DUPLA AÇÃO — MATA E CONTINUA MATANDO OS CARRAPATOS NO CORPO DOS ANIMAIS DURANTE 30 DIAS.

PEÇAM LITERATURA AOS FABRICANTES

UZINAS CHIMICAS BRASILEIRAS S. A.

Caixa Postal, 74 — JABOTICABAL — Est. de S. Paulo

A FAMOSA MARCA



SIMBOLO DE EFICIENCIA

Pedidos: ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES — Vendedores autorizados

4 resultados importantes:



Sal Composto Calóa

O alimento fortificante

Preferido dos bons fazendeiros e criadores

O Bom fazendeiro criador, sabe que seus animais devem ser bem alimentados. Por isso, êle completa a ração, com o sal indispensavel ao organismo animal, evitando muitas molestias, aumentando a produção em carne, leite e ovos, melhorando a engorda e a tração, obtendo rápido crescimento, tirando maior lucro em sua criação, com

SAL COMPOSTO CALOÁ

Cuidadosas observações, depois de longas experiencias comprovaram que: os animais alimentados com Sal Composto Calóá, adquirem MAIOR RESISTENCIA quando atacados pela FEBRE AFTOSA.

Passe a empregar hoje mesmo este fortificante alimenticio e verá os resultados.

PREÇOS E EMBALAGENS:

Sacos de 10 quilos	Cr\$ 15,00
Sacos de 40 quilos	Cr\$ 48,00

Modo de emprego: DEIXA-SE O SAL A VONTADE NO COCHO

PEDIDOS À DISTRIBUIDORA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS CRIADORES DE BOVINOS

(EX-FEDERAÇÃO DOS CRIADORES)

Rua Senador Feijó, 30 — S/loja — Fones: 2-3832 e 2-6429

SÃO PAULO





Serviço de Controle Leiteiro da A. P. C. B.

16 de Novembro a 15 de Dezembro

16 de Dezembro de 1949 a 15 de Janeiro de 1950

Desejando colocar os criadores ao par da produção leiteira alcançada por rebanhos de diversas regiões do País, iniciamos neste relatório a publicação das lactações de rebanhos controlados pela Associação de Criadores de Gado Holandês do R. G. do Sul.

NOVOS RECORDES

Destacam-se no presente relatório as seguintes lactações: "Albina S. Martinho" com 3 anos e 10 meses, superou o recorde da classe em 3 ordenhas e aos 300 dias. Passará a ocupar no presente mês o 4º lugar na lista das 10 melhores lactações de 300 dias.

"Coréa S. Martinho", com 5 anos e 6 meses, em virtude da lactação registrada passa a ocupar o 2º lugar entre as 10 melhores produções registradas no Serviço de Controle Leiteiro, desta Associação em 365 dias.

"Cristal", com 3 anos e 9 meses, passa a figurar em 7º lugar entre as 10 melhores lactações de 300 dias.

Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite	Produção Gordura	%	Proprietário
Raça Holandesa, preta e branca, 365 dias. 3 ordenhas.								
Coréa S. Martinho	PCOD	5,6	1.109	365	7.802,0	267,5	3,42	Dario F. Meirelles
Raça Holandesa, preta e branca, 365 dias. 2 ordenhas.								
Rebeca	7/8	12,4	384	365	5.471,0	191,4	3,49	J. Moraes Barros
Magnésia	PCOD	3,6	1.061	365	4.706,0	177,7	3,77	Cia. Maristela
Dalmacia	PCOC	4,7	1.088	365	4.590,0	162,8	3,54	Cia. Maristela
Bagdad	PCOC	3,11	1.084	365	4.343,5	190,2	4,37	Cia. Maristela
Inglêsinha	PCOD	6,8	208	365	4.308,0	134,3	3,11	J. Barros Alcantara
Neblina	PCOC	5,10	1.085	365	3.364,0	112,0	3,32	Cia. Maristela
Venezuelana	PCOD	5,7	803	365	2.531,0	93,0	3,67	Cia. Maristela
Raça Holandesa, preta e branca, 300 dias e menos. 3 ordenhas.								
Albina S. Martinho	PCOD	3,10	1.122	300	6.734,0	225,0	3,34	Dario F. Meirelles
Cristal	PCOD	3,9	1.123	300	6.583,0	218,6	3,31	Dario F. Meirelles
Rainha	PCOD	8,8	140	300	4.438,0	150,7	3,39	Colégio A. Brasileiro
Lira Sentinel	PCOC	3,1	1.114	300	3.962,0	138,0	3,48	Colégio A. Brasileiro
Chiquita	PCOC	5,8	553	217	3.853,0	133,5	3,46	J. Moraes Barros
Julipa Sentinel	PCOC	2,9	1.112	300	3.633,0	130,7	3,59	Colégio A. Brasileiro
Arúa	PCOC	5,11	515	285	3.086,0	106,9	3,46	J. Moraes Barros
Fartura	PCOC	3,5	1.158	97	1.615,0	51,9	3,21	Colégio A. Brasileiro
Raça Holandesa, preta e branca, 300 dias e menos. 2 ordenhas.								
Catarina	PCOC	—	1.134	300	5.346,0	172,8	3,23	Dario F. Meirelles
Altiva S. Martinho	PCOD	5,7	838	300	5.236,0	167,7	3,20	Dario F. Meirelles
Esperança	PCOD	6,1	1.124	248	4.373,0	132,7	3,03	Dario F. Meirelles
B. V. Opala	PCOC	3,0	1.132	300	4.150,0	152,6	3,67	J. Moraes Barros
S. M. Dhalia Creamelle	PO	—	1.129	390	4.005,0	149,7	3,73	Dario F. Meirelles
Cocada	PCOC	10,0	385	259	2.946,0	91,7	4,71	J. Moraes Barros
Virginia	PCOC	4,1	846	300	2.900,0	118,6	4,08	Cia. Maristela
Sianeza	PCOD	4,10	1.136	300	2.869,0	90,9	3,17	Cia. Maristela
B. V. Yara	PCOC	2,9	1.118	300	2.752,0	107,4	3,90	J. Moraes Barros
Abundancia	NR	—	831	206	2.680,0	91,9	3,42	A. Caio S. Ramos
Neblina	PCOD	6,2	1.147	143	2.589,0	94,6	3,65	A. Caio S. Ramos
Camurça	PCOC	5,10	808	300	2.481,0	103,8	4,18	Cia. Maristela
Semeada	NR	—	828	151	2.473,0	90,0	3,63	A. Caio S. Ramos
Sudaneza	PCOD	4,10	1.155	300	2.117,0	81,0	3,82	Cia. Maristela
Aristocrata	PCOD	5,4	690	155	2.100,0	66,0	3,14	A. Caio S. Ramos
Careta II	PCOD	10,9	484	211	2.080,0	73,0	3,40	J. Moraes Barros
Patusca	PCOC	—	499	238	1.975,0	70,4	3,56	J. Moraes Barros
Floresta	3/4	9,9	1.010	102	1.820,0	64,7	3,55	A. Caio S. Ramos
Vavá II	PCOD	3,8	1.166	177	1.786,0	54,0	3,02	S. C. Faz. M. Amelia

Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Nº SCL	Dias de lactação	Produção			Proprietário
					Leite	Gordura	%	
Persa	PCOD	5,3	896	186	1.774,0	67,7	3,81	Cia. Maristela
B. V. Jamaica	7/8	2,10	1.119	213	1.713,0	63,7	3,71	J. Moraes Barros
Alpina	PCOD	5,6	1.189	110	1.686,0	48,9	2,90	A. Caio S. Ramos
Dundinha	PCOC	8,9	297	199	1.677,0	67,1	4,00	J. Moraes Barros
Sultana	PCOD	6,1	641	131	1.617,0	38,5	3,38	S. C. Faz. M. Amélia
Andorinha	PCOD	5,8	1.180	145	1.516,0	53,4	3,52	S. C. Faz. M. Amélia
Muneca	PCOD	6,3	1.188	113	1.442,0	50,3	3,48	A. Caio S. Ramos.
Tatuira	PCOD	7,2	1.148	165	1.437,0	45,4	3,15	A. Caio S. Ramos
Aliança Argentina	PCOD	6,0	1.190	107	1.427,0	47,5	3,33	A. Caio S. Ramos
Totora	PCOD	6,0	693	123	1.409,0	47,7	3,38	A. Caio S. Ramos
Belezinha III	PCOD	3,8	1.178	110	1.186,0	35,8	3,01	S. C. Faz. M. Amélia
Eminéa III	PCOC	2,0	1.181	181	1.115,0	43,7	3,92	S. C. Faz. M. Amélia
Raça Holandesa, vermelha e branca, 300 dias e menos. 2 ordenhas.								
Duqueza	7/8	7,9	106	300	4.594,0	159,0	3,46	Orlando B. Pereira
Oferta PS 62	PO	8,1	681	300	3.317,0	133,8	4,03	Orlando B. Pereira
Jurema	7/8	6,10	927	189	2.679,0	82,4	3,07	Orlando B. Pereira
Alvorada	7/8	7,2	314	216	2.526,0	97,4	3,85	Orlando B. Pereira
Patriarca	3/4	7,3	284	179	1.757,0	52,4	2,98	Orlando B. Pereira
Jamaica	3/4	5,8	1.157	123	1.406,0	67,3	4,78	Gonçalves e Filho

Retificação: — As vacas "Palmeira" nº 956 e "Coronha" nº 765, ambas de propriedade da Cia. Agrícola Maristela produziram: a 1.ª, em 280 dias, 2.962 Ks. de leite, 114 Ks. de gordura com 3,84 de percentagem e a 2.ª, em 283 dias, 3.770 Ks. de leite, 122 Ks. de gordura com 3,23 de percentagem, ficando com estas produções anuladas as publicadas no relatório nº 60.

RESULTADO DE CONTROLE

Nº	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. Controle em 5-1-50.								
Regime de semi-estabulação. 3 ordenhas. Raça Holandesa, variedade preta e branca.								
45	Fortaleza	PCOC	7,7	9.0	275	11,350	0,440	3,87
120	Falúa	PCOC	7,6	7.0	198	12,230	0,413	3,37
557	Baliza Sentinel	PCOD	5,8	7.0	205	15,170	0,521	3,43
679	Lembrança	7/8	5,11	7.0	204	17,280	0,600	3,47
812	Firmeza Sentinel	PCOC	8,3	9.0	274	13,150	0,496	3,77
947	Veneza Sentinel	PCOC	3,8	8.0	219	14,000	0,484	3,45
948	Garça Sentinel	PCOC	4,4	10.0	287	13,240	0,465	3,51
1.112	Julipa Sentinel	PCOC	3,1	11.0	200	10,850	0,443	4,08
1.113	Realiza Sentinel	PCOC	3,1	11.0	314	11,710	0,457	3,90
1.170	Martona	NR	7,6	7.0	212	10,060	0,365	3,62
1.171	Cocada Sentinel	PCOC	5,11	7.0	224	14,870	0,506	3,40
1.202	Roseira Sentinel	PCOC	4,5	5.0	147	16,700	0,568	3,40

Orlando de Barros Pereira. Rio Claro. Controle em 23-12-49.

Regime de campo com ração suplementar. 2 ordenhas. Raça Holandesa, var. vermelho e branco.

61	Bôa Vista	3/4	8,0	3,0	89	17,320	0,639	3,68
66	Valquiria	7/8	7,9	3,0	74	18,070	0,620	3,43
333	Carioca	3/4	7,8	1,0	34	17,300	0,587	3,39
336	Sonata	7/8	—	4,0	—	17,600	0,423	2,40
488	Fartura	7/8	6,6	7,0	247	9,600	0,374	3,89
564	Guitarra	3/4	7,9	2,0	57	15,270	0,577	3,77
591	Andaraí	3/4	7,7	6,0	201	10,590	0,382	3,60
628	Minerva	3/4	7,4	5,0	158	11,620	0,230	1,97
682	Reservada	7/8	6,2	6,0	215	14,740	0,460	3,12
727	Serenata	3/4	7,0	5,0	202	12,320	0,504	4,09
936	Caçapavana	PCOD	—	4,0	—	13,790	0,454	3,29
7.077	Veneza	7/8	6,11	2,0	60	15,020	0,475	3,16
1.173	Regencia S. F.	7/8	3,1	6,0	196	9,350	0,331	3,54
1.175	Aclamada S. F.	7/8	2,4	6,0	195	9,020	0,348	3,85
1.176	Rainha	3/4	7,4	6,0	190	12,970	0,498	3,83
1.177	Candeia S. F.	7/8	4,2	6,0	186	12,130	0,358	2,95
1.222	Sorocaba	NR	—	4,0	—	9,890	0,320	3,23
1.223	Barquinha	NR	—	4,0	—	13,480	0,486	3,60

Nº	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de lactação	Produção		
						Leite	Gordura	%
1.225	Acastelada	PCOC	2,10	4.0	112	9,150	0,373	4,07
1.226	Adra	PCOC	2,9	4.0	107	10,280	0,304	2,95
1.227	Atalaia	7/8	2,11	4.0	110	10,630	0,396	3,72
1.228	Sisca II	PO	—	3.0	115	9,900	0,311	3,14
1.249	Favorita	PO	—	2.0	34	13,940	0,460	3,29
1.250	Nelly II	PO	—	2.0	60	10,300	0,299	2,90
1.251	Bertha 31	PO	—	2.0	32	16,140	0,560	3,46
1.263	Nelly 10	PO	—	1.0	6	12,180	0,385	3,15

Carlos Alberto Willy Auerbach. Mogi das Cruzes. Controle em 7-1-50.

Regime de semi-estabulação, com ração suplementar, 3 ordenhas. Raça Holandesa, var. preta e branca.

59	Arboledas Bena	PO	6,7	2.0	87	18,570	0,749	4,03
143	Hansa	3/4	11,1	5.0	176	10,830	0,430	3,97
206	Buena Pinta	PCOD	6,4	6.0	223	10,730	0,398	3,70
342	Unica	PCOD	11,3	7.0	232	17,130	0,705	4,11
465	Sata Prilly	PCOD	6,5	3.0	101	15,180	0,531	3,49
466	Arboledas Jantje	PO	6,7	3.0	117	17,280	0,660	3,81
467	Pantalla	PCOD	2,5	2.0	58	14,970	0,576	3,84
496	Quaresma	PCOC	6,10	6.0	183	11,570	0,397	3,43
634	Cristina	PCOD	5,4	2.0	58	19,540	0,795	4,06
849	Graciosa Ceres	PCOD	6,9	4.0	138	10,100	0,397	3,93
853	Vera II	NR	—	2.0	94	18,150	0,718	3,95
1.029	Jantje Ceres	PO	2,5	5.0	167	10,190	0,404	3,96
1.030	Negrita	PCOD	5,3	3.0	96	18,480	0,608	3,29
1.031	Fada	7/8	10,1	4.0	121	14,300	0,837	5,85
1.143	Pantalla Ceres	PCOC	2,4	9.0	282	9,780	0,349	3,56
1.221	Unica Ceres	PCOC	2,10	4.0	232	9,340	0,389	4,16
1.252	Nelly IV	NR	—	2.0	38	9,950	0,397	3,98
1.253	Cristina W. P. I.	NR	—	2.0	36	19,630	0,899	4,57
1.264	Wally Ceres	—	—	1.0	27	13,800	0,559	4,05

Dr. João de Moraes Barros. Campinas. Controle em 10-1-50.

Regime de campo com ração suplementar, 2 e 3 ordenhas. Raça Holandesa, var. preta e branca.

212	Campineira II	7/8	5,0	5.0	155	13,360	0,557	4,16
298	Mimosa	—	10,7	5.0	164	16,950	0,574	3,38
304	Vitoriosa	PCOC	10,4	5.0	151	9,290	0,277	2,98
345	Sorocaba	—	6,3	2.0	46	19,130	0,688	3,59
347	Javaneza	7/8	11,7	7.0	195	13,130	0,492	3,74
352	Bipa	—	9,7	4.0	142	13,720	0,563	4,10
353	Melindrosa	7/8	6,10	3.0	62	19,900	0,665	3,34
354	Jaca	3/4	9,7	7.0	218	11,090	0,372	3,35
383	Faceira	7/8	7,8	9.0	253	10,800	0,394	3,64
389	Faxina II	PCOD	11,9	5.0	127	12,520	0,430	3,43
405	Niagara	PCOC	7,2	8.0	223	23,800	0,914	3,84
406	Pipoca	1/2	9,1	11.0	325	9,400	0,375	3,98
414	Tunisia	PCOC	7,11	2.0	33	18,120	0,738	4,07
420	Havana	PCOC	6,1	2.0	41	16,130	0,489	3,03
439	Borboleta	PCOC	9,5	7.0	185	9,220	0,271	2,93
449	Araçá II	PCOC	9,9	9.0	258	9,490	0,307	3,23
508	Barquinha	PCOC	10,1	8.0	232	12,820	0,481	3,75
684	Maricas	7/8	11,10	8.0	219	11,430	0,418	3,65
729	Piranha	PCOD	5,8	6.0	184	9,980	0,383	3,83
868	Madalena's Ronkje	PO	6,6	7.0	270	11,150	0,461	4,13
986	Aziatica	7/8	5,8	7.0	183	9,730	0,387	3,97
969	B. V. Utinga	PCOC	3,9	8.0	220	10,830	0,425	3,92
1.032	B. V. Yayá	PCOC	3,6	4.0	116	10,420	0,405	3,88
1.034	B. V. Bidú	PCOD	3,9	5.0	119	10,570	0,386	3,65
1.044	Floresta	PCOC	4,3	3.0	62	19,920	0,630	3,16
1.132	B. V. Opala	PCOC	3,9	10.0	293	11,750	0,478	4,06
1.133	B. V. Ritoca	PO	4,1	10.0	284	9,390	0,335	3,56
1.144	Altair	PCOC	5,5	9.0	268	14,980	0,517	3,45
1.159	Diva	7/8	6,10	8.0	233	15,020	0,589	3,92
1.160	Delmana	PCOD	4,4	8.0	231	10,710	0,431	4,02
1.195	B. V. Irlanda	PCOC	9,3	6.0	169	12,870	0,474	3,68
1.196	Atalaia	3/4	5,5	6.0	159	18,470	0,641	3,47
1.213	B. V. Atrazada	PCOC	4,3	5.0	125	12,510	0,515	4,11
1.220	Day	PCOD	—	5.0	127	10,700	0,357	3,33
1.229	Bolivia	7/8	5,10	4.0	118	13,080	0,479	3,66
1.254	Ancora	—	—	2.0	49	13,800	0,594	4,30

Nº	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de lactação	Produção		
						Leite	Gordura	%
1.268	Brigada	PCOD	4,9	1.0	23	13,130	0,423	3,22
1.269	B. V. Kismet	PCOC	3,0	1.0	27	12,710	0,440	3,46
1.270	Amazonas Escalvada	PCOD	2,5	1.0	25	17,010	0,600	3,52
1.271	Amazonas Etiopia	PCOD	3,10	1.0	15	23,220	0,665	2,86
1.272	Amora	3/4	5,4	1.0	20	22,330	0,704	3,15
1.273	B. V. Rosana	PCOC	2,11	1.0	6	15,140	0,565	3,73
1.274	Amazonas Eurika	PCOD	2,3	1.0	3	17,680	0,615	3,47
1.275	Amazonas Enfiatica	PCOD	2,11	1.0	1	19,820	0,540	2,72

Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia. Campinas. Controle em 11-1-50.

Regime de campo com ração suplementar, 2 ordenhas. Raça Holandesa, var. preta e branca.

272	Ema II	PCOC	8,0	8.0	267	15,760	0,465	2,95
324	Garota	3/4	9,6	4.0	127	11,060	0,402	3,63
360	Darci	—	—	1.0	9	19,630	0,716	3,64
486	Piranga	PCOC	8,5	5.0	135	14,030	0,482	3,43
600	Princesa II	PCOC	8,6	5.0	415	9,030	0,320	3,54
703	Cambracia	—	—	1.0	22	16,350	0,399	2,44
731	Esterlina II	PCOD	7,2	2.0	59	17,790	0,642	3,62
750	Argentina	PCOD	6,8	4.0	127	15,360	0,493	3,20
820	Garçonette	PCOD	5,11	6.0	189	12,590	0,453	3,59
821	Citra II	—	—	1.0	3	14,650	0,635	2,49
854	Laranja	—	—	1.0	4	15,340	0,564	3,67
906	Gostosa	PCOD	6,2	4.0	111	17,680	0,618	3,49
1.042	Nobreza II	PCOC	7,7	2.0	53	12,280	0,379	3,08
1.079	Pouca Plata	—	—	1.0	4	11,430	0,362	3,16
1.137	Carioca II	PCOC	3,2	5.0	182	9,360	0,356	3,80
1.165	Princesa III	PCOC	7,5	6.0	232	11,600	0,286	2,46
1.197	Tetéia	PCOD	6,2	5.0	166	12,960	0,445	3,43
1.212	Vitrola	PCOD	—	5.0	228	10,490	0,371	3,53
1.214	Vassoura	PCOD	6,3	5.0	137	13,540	0,427	3,15
1.215	Aurora	PCOD	5,11	5.0	135	12,690	0,374	2,94
1.267	Mascote II	3/4	3,5	1.0	22	15,490	0,612	3,95

Dario Freire Meirelles. Campinas. Controle em 5-1-50.

Regime de campo com ração suplementar, 2 e 3 ordenhas. Raça Holandesa, var. preta e branca.

674	Maripiera 64	PCOC	6,7	3.0	104	24,350	0,692	2,84
717	W. Monica Imperial Maid	PO	—	1.0	10	38,370	1,012	2,63
838	Altiva	PCOD	7,10	10.0	313	12,020	0,498	4,14
952	S. M. K. Ollie C	PO	9,1	8.0	243	12,890	0,612	4,74
961	S. M. Joe Homestead	PO	7,7	6.0	172	15,650	0,461	2,94
963	Correntina S. M.	PCOD	5,9	6.0	180	9,170	0,314	3,42
1.109	Coréa S. Martinho	PCOD	—	9.0	401	13,190	0,523	3,96
1.122	Albina S. Martinho	PCOD	5,0	11.0	320	16,290	0,620	3,80
1.123	Cristal	PCOD	5,1	11.0	226	14,150	0,593	4,19
1.129	S. M. Dhalia Creamelle	PCOD	4,0	11.0	316	11,870	0,448	3,77
1.134	Catarina	PCOD	4,1	10.0	303	14,870	0,532	3,57
1.150	Colega	NR	—	9.0	273	10,050	0,358	3,56
1.152	Lalaur Delina	PO	—	9.0	275	12,320	0,396	3,21
1.162	Cantaridas	PCOD	4,5	8.0	246	15,320	0,493	3,21
1.163	S. M. Jetsche O.	PO	3,2	8.0	258	14,850	0,453	3,05
1.164	Uruguaiana S. Martinho	NR	—	8.0	247	14,830	0,486	3,27
1.182	Constança Selet 21	PCOD	8,11	7.0	206	17,190	0,660	3,83
1.183	S. M. A. Golina	PO	—	7.0	205	10,800	0,389	3,60
1.184	Baroneza S. Martinho	NR	2,10	7.0	215	11,820	0,526	4,45
1.185	M's Capricornia K. B.	PCOD	4,4	7.0	208	17,390	0,622	3,57
1.186	M's Capensis K. B.	PCOD	4,0	7.0	210	12,530	0,438	3,49
1.187	M's Carmen	PCOD	4,6	7.0	210	10,920	0,455	4,16
1.191	Comparada M's Marathon	PCOD	4,8	6.0	189	11,250	0,467	4,15
1.192	M's Canueleras Creator	PCOD	4,9	6.0	181	11,450	0,421	3,67
1.193	M's Cevada Posch	PCOD	4,9	6.0	177	17,250	0,530	3,07
1.194	M's Cadillac Champion	PCOD	4,7	6.0	169	18,350	0,718	3,91
1.204	S. M. Oda Van Der Meer	PO	—	5.0	143	16,990	0,545	3,20
1.205	Baboza S. Martinho	PCOD	3,7	5.0	131	15,810	0,541	3,42
1.206	M's Clivia Creator	PCOD	4,6	5.0	131	19,630	0,506	2,57
1.207	M's Carlota Creator	PCOC	4,9	5.0	153	17,570	0,521	2,96
1.208	M's Cidadela Cruzator	PCOC	4,8	5.0	153	16,590	0,546	3,29
1.209	M's Collalta Champion	PCOC	4,9	5.0	158	17,580	0,604	3,43
1.210	Batuiria S. Martinho	PCOD	4,6	5.0	133	14,290	0,641	4,48
1.211	M's Calisca Carnation	PCOC	4,6	5.0	148	26,270	0,851	3,23
1.243	Rosa S. Martinho	NR	—	3.0	90	25,550	0,745	2,92

Nº	Nome da vaca	Grav do sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	Produção Gordura	%
1.256	Almoíadinha	NR	—	2.o	73	23,360	0,740	3,16
1.265	Vigo Burke Maria	PO	—	1.o	21	22,530	0,764	3,39
1.266	Barbeira S. Martinho	PO	—	1.o	17	21,700	0,832	3,83

Joaquim Barros Alcantara. Caçapava. Controle em 20-12-49.

Regime de campo com ração suplementar, 2 ordenhas. Raça Holandesa, var. preta e branca.

316	Cambuquira II	PCOD	12,4	4.o	122	11,150	0,372	3,33
370	Argentina	PCOD	8,4	5.o	159	10,520	0,357	3,39
395	Miragem	PCOD	9,2	1.o	6	23,980	0,869	3,62
505	Hungria	PO	10,5	5.o	121	10,700	0,420	3,92

Gonçalves & Filho. Pinhal. Controle em 28-12-49.

Regime de campo com ração suplementar, 2 e 3 ordenhas. Raça Holandesa, variedade vermelha e branca.

1.017	Lagosta	3/4	8,5	7.o	207	13,360	0,526	3,93
1.062	Granada	3/4	—	2.o	36	25,500	0,716	2,80
1.262	Samôa	—	—	1.o	23	23,560	0,712	3,02

Cia. Paulino Salgado, Industria e Comercio, Itanhandú. Controle em 14-1-50.

Regime de semi-estabulação, 2 e 3 ordenhas. Raça Holandesa, variedade preta e branca.

1.092	Manon III	—	—	3.o	—	13,200	0,779	5,90
1.093	Calhandra	—	—	4.o	93	13,230	0,742	5,60
1.094	Jardim Pagã Gambogi	—	—	3.o	—	12,850	0,688	5,35
1.095	Rolinda	PO	5,6	1.o	13	19,420	0,663	3,41
1.096	Janota	PO	9,9	1.o	13	15,900	0,312	1,96
1.198	Jardim Ilka	PO	—	7.o	196	30,210	1,000	3,31
1.242	Jardim Gilka Adêma	PO	—	3.o	91	19,390	0,658	3,39
1.244	Orania	—	—	3.o	92	11,740	0,539	4,59
1.261	Adêma Frankges Ilka	—	—	2.o	37	10,900	0,451	4,13
1.276	J. Grietges Adema	—	—	1.o	26	27,330	0,838	3,06

Dr. Alberto Ferraz. Mogi das Cruzes. Controle em 20-12-50.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas. Raça Holandesa, variedade preta e branca.

429	Bolinha	NR	—	—	—	15,780	0,464	2,94
905	Caçapava	7/8	—	—	—	10,720	0,276	2,57
1.139	Diana	PCOD	—	9.o	250	9,110	0,275	3,01
1.140	Diamantina	PCOD	—	—	263	9,220	0,377	4,08
1.248	Elvira	7/8	—	—	—	11,590	0,297	2,56

Dr. Alberto Ferraz. Mogi das Cruzes. Controle em 10-1-50.

Regime de semi-estabulação. 2 ordenhas. Raça Holandesa, variedade preta e branca.

1.230	Tecla (Schwyz)	PO	4,3	3.o	129	9,030	0,435	4,81
1.231	Diana (Schwyz)	PO	4,11	3.o	143	14,370	0,392	2,72
1.233	Bonita (Jersey)	PO	3,10	3.o	129	11,400	0,302	2,64
1.247	Bela	PO	—	2.o	68	12,470	0,397	3,18

Diogo Aguiar de Barros. Dourado. Controle em 28-12-49.

Regime de semi-estabulação. Raça Schwyz. 2 ordenhas.

1.238	Otilie	PO	3,5	2.o	177	10,470	0,445	4,25
1.239	Artha	PO	3,2	2.o	167	9,190	0,377	4,10
1.240	Mafalda	PO	3,5	2.o	171	10,330	0,428	4,14

Observações: — Hol. = Holandesa; pb = preta e branca; vb = vermelha e branca; nr = não registrada; PCOC = pura por cruz de origem conhecida; PCOD = pura por cruz de origem desconhecida; PO = pura de origem; LM = livro de mérito; R = retirada.

São Paulo, Dezembro de 1949

(a) FIDELIS ALVES NETTO

CONTROLE DE PRODUÇÃO LEITEIRA DA A. C. G. H. R. G. S.

LACTAÇÕES TERMINADAS

N o m e s	Idade a—m	Grão de sangue PP=PO	HB Nº	Dias de lactação	Produção		
					Leite	Gordura	%
Raça Holandesa, preta e branca, 365 dias e menos, 3 ordenhas.							
SETEMBRO							
Vera (x)	4	PC	3743	304	3.833,100	143,950	3,75
Rita 209 (x)	4-11	PC	2822	363	6.084,400	174,980	2,87

Nº	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	Produção Gordura	%
Americana		6	PC	2812	365	9.195,000	306,420	3,33
Manchinha		6-7	PC	2816	365	11.067,500	384,000	3,47
	OUTUBRO							
Rolândia (x)		3-4	PP	2154	332	3.686,900	137,170	3,72
Alemôa		7	M	12629	365	9.469,400	297,280	3,14
Arizona Trabalhador Cesar		3-5	PP	1790	365	6.209,000	247,800	3,99
Catarina		4-3	PP	1990	365	4.999,500	199,590	3,99
Raça Holandesa, preta e branca, 300 dias e menos, 3 ordenhas.								
	SETEMBRO							
Carolus Safira (x)		3-8	PP	2005	184	1.586,400	48,660	3,07
	OUTUBRO							
Tupi Judiske C. Lagôa		4-6	PP	1866	153	2.020,500	71,450	3,54
Suzana (x)		3-8	PP	2003	296	3.956,300	131,310	3,32
Manchinha		7	PC	2816	56	2.345,500	76,950	3,28
Saira		5-6	M	12931	212	5.068,800	166,910	3,29
Raça Holandesa, preta e branca, 365 dias e menos, 2 ordenhas.								
	SETEMBRO							
Farroupilha Auke 4		7-10	PP	1166	365	2.680,000	104,490	3,90
Farroupilha Auke 10		3-2	PP	1939	365	2.963,500	117,160	3,99
Farroupilha Auke 5		7-2	PP	1322	355	3.336,500	130,060	3,90
Rindertje VIII		3-4	PP	2348	335	4.619,300	153,070	3,31
Maratá		7-6	PP	1224	302	4.813,900	148,440	3,08
	OUTUBRO							
Texans R. Homestead Princess		3-8	PP	2363	365	7.424,300	177,520	2,39
Sylvia Tjerd Baradero 331		8	PP	1146	334	3.632,000	137,230	3,78
Genira		4-8	PC	3295	304	3.417,000	125,940	3,68
Rita King 259		4-3	PC	2953	365	6.401,100	195,400	3,05
Adeantada Dividend 145		7-1	PC	2025	365	4.502,000	183,130	4,07
Madalena		5	M	8764	365	7.275,600	214,910	2,95
Paquete's L. B. Dividend 499		3-5	PP	1676	365	3.040,000	130,150	4,28
Soberana		2-2	PC	4457	365	3.403,000	126,910	3,73
Bondosa		3-2	M	—	335	3.065,000	110,370	3,60
Itaóca		4-11	PC	—	335	3.829,300	155,760	4,06
Raça Holandesa, preta e branca, 300 dias e menos, 2 ordenhas.								
	SETEMBRO							
Farroupilha Auke 9 ✕		5-8	PP	1765	—	13,000	0,468	3,60
Wilhelmina 6		3-4	PP	2413	184	2.224,100	76,610	3,44
Zwaantina 3		3-6	PP	2412	92	1.302,600	35,130	2,70
Irara 93		7-8	PP	2635	92	1.292,600	34,240	2,65
	OUTUBRO							
Zulma Panam		2-4	PP	2496	153	2.076,600	49,790	2,40
Camby Uruguaiana		4-11	M	12255	22	433,400	17,380	4,01
Marcela		6-6	PC	2455	243	2.637,600	97,220	3,68

(x) = 2 ou 3 ordenhas.

✕ morreu após o 1º controle.

PERSPECTIVAS PARA O COMERCIO

(Conclusão da pág. 6)

podemos lembrar novamente aos produtores que o seu problema consiste em obter maior produção por vaca e por ano. Isto equivale a dizer que as vacas improdutivas e as más produtoras pesam na média registrada na propriedade e consequentemente no custo de produção do leite.

Si a preocupação de selecionar as vacas com base em sua produção por lactação é de máxima importancia economica,

é preciso não esquecer que a seleção dos reprodutores tem importancia maior ainda. Como estes representam sempre o presente e o futuro do rebanho, não podemos deixar de considerar por ocasião de sua escolha os ensinamentos da experiência e que a zootecnia continuamente repete: a escolha de um reprodutor de raça leiteira sem que se leve na devida consideração a produção de seus ascendentes, comprovada por controle leiteiro, é uma autentica temeridade.

Compre com poucos cruzeiros...

...NOSSA EXPERIENCIA DE MUITOS ANOS.

Planos PRÁTICOS, CÔMODOS e ECONÔMICOS cuidadosamente estudados para você adotar em suas CONSTRUÇÕES RURAIS.



PLANTAS	Cr\$
Abrigo Mixto	10,00
Abrigo para Touros	20,00
Aparelhos de Contenção para Estabulos — 5 Modelos	20,00
Aprisco para 70 Carneiros	10,00
Banheiro Carrapaticida ..	20,00
Banheiro para Suínos ..	10,00
Câmara de Fermentação de Esterco	10,00
Cavalariça Mixta	20,00
Cocheira	30,00
Cocho coberto para dar sal ao Gado	10,00
Curral	20,00
Curral Circular	30,00
Currais com Apartação e Tronco para Ordenha ..	20,00
Estabulo com Baias Individuais e Galpão para Ordenha	20,00
Estabulo Econômico	20,00
Estabulo de Madeira para 12 Vacas	20,00
Estabulo Modelo	20,00
Estabulo para 60 Vacas ..	20,00
Estabulo tipo Vila Brândina	20,00
Estrumeira	10,00
Fabrica de Manteiga	20,00
Fabrica de Manteiga - Capacidade 100 litros diários	30,00
Fabrica de Manteiga — Cap. 300 litros diários ..	30,00
Fabrica de Manteiga — Cap. 500 litros diários ..	30,00

PLANTAS	Cr\$
Galpão Esterqueira	20,00
Instalações Econômicas para Suínos	20,00
Instalações para Ordenha	20,00
Instalações para Banho Carrapaticida	10,00
Maternidade para Suínos	20,00
Paiol	10,00
Pequena Pocilga	10,00
Posto de Resfriamento de Latões por Circulação - capacidade 200 litros ..	30,00
Posto de Resfriamento — Capacidade para 200 litros diários	30,00
Posto de Resfriamento — Capacidade para 500 litros diários	30,00
Posto de Resfriamento e Engarrafamento — Capacidade para 200 litros diários	30,00
Posto de Resfriamento e Engarrafamento - Capacidade para 500 litros diários	30,00
Rolo de Faca	10,00
Silo Elevado (Aéreo) ...	20,00
Silo Econômico	20,00
Silo de Encosta — Cap. 50 Toneladas	20,00
Silo de Encosta — Cap. 100 Toneladas	20,00
Silo Subterrâneo	10,00
Silo de 130 Toneladas ..	20,00
Tronco para Apartação ..	10,00
Tronco para Cobertura ..	10,00
Tronco para Contenção de Bovinos	20,00
Tronco para Ordenha ..	10,00



— Atendemos pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL —

PEDIDOS: ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES
Rua Senador Feljó, 30 - S/loja - São Paulo

Cotações dos Produtos Lácteos

Movimento de Janeiro
de 1950

LEITE (Litro)

1. — DE CONSUMO EM S. PAULO, SANTOS E CAMPINAS

Preço para consumo em São Paulo e Santos, aos produtores no interior de acôrdo com deliberações — mínimo	Cr\$ 1,85
Da usina para o varejista	Cr\$ 2,50

Preço de venda a domicílio:

Tipo A (de granja)	Cr\$ 5,00
Tipo B	Cr\$ 3,80
Tipo C	Cr\$ 2,80

PORTARIA Nº 160

O vice-presidente em exercicio, da Comissão Estadual de Preços, usando das atribuições que lhe confere o Decreto-lei n.º 9.125, de 4 de abril de 1946, com base no artigo 7.º do mesmo diploma legal, e tendo em conta o Ofício n.º 1.597 recebido da Comissão Central de Preços que manda cumprir o despacho do Exmo. Sr. Presidente da Republica exarado no processo G. P. 848 de 16 de Setembro de 1949, da Prefeitura do Distrito Federal e considerando as anteriores deliberações, a respeito da Comissão Estadual, Resolve: I — Estabelecer para o leite comercializado no Estado de S. Paulo os seguintes preços: 1.º) — De leite para o consumo da Capital do Estado e Basicos para Santos, Campinas e cidades adjacentes: a) — Preço ao consumidor: — Leite Tipo C, em frascos de fecho inviolável, no varejo, no balcão Cr\$ 3,20. Idem, idem, 1/2 litro, Cr\$ 1,70. Leite Tipo C, distribuido em carros tanques ou em latões isotermicos, lacrados, no varejo, litro Cr\$ 2,80. Idem, idem, idem, 1/2 litro Cr\$ 1,40. Idem, idem, idem, 1/4 de litro, Cr\$ 0,70. b) — Preço aos revendedores: — Da usina para o varejista, leite pasteurizado tipo C, em frascos de fecho inviolavel litro Cr\$ 2,80. c) — Preço mínimo ao produtor: — Leite integral, entregue no posto de refrigeração do interior, litro Cr\$ 1,85

2 — Leite para consumo nas cidades do interior: — Preço mínimo ao produtor, posto cidade, leite integral litro Cr\$ 1,30. 3 — Leite destinado a Industrialização: a) — Preço mínimo ao produtor: Leite integral, entregue no posto de refrigeração do interior litro Cr\$ 1,20. II — Determinar que nos fechos inviolaveis dos frascos estejam gravados ou estampados a marca, a data e o tipo do produto. III — Proibir a venda de leite a granel aos revendedores, varejistas, emporios, bares, leiterias, padarias e congengeres. IV — Obrigar as Usinas a distribuição em carros tanques de 30% de sua produção, no mínimo, devendo aparelhar-se para esse fim. V — A Comissão Estadual de Preços fixará em futuro próximo a data em que deverá iniciar essa distribuição as Usinas mencionadas no item anterior. VI — Liberar os preços para os leites Tipos A e B. VII — As Comissões Municipais de Preços do Estado de S. Paulo deverão adaptar esta portaria a seus respectivos municipios, observadas as normas gerais nelas contidas e as condições e peculiaridades locais, incluindo frete e carreto. VIII — Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. São Paulo, 20 de Outubro de 1949. a) — Arnaldo dos Santos Cerdeira.

PREÇOS DA MANTEIGA

Para a manteiga a C. E. P. resolveu:

I — Estabelecer os seguintes preços:

	Atacado	Varejo
Manteiga de 1.ª qualidade, salgada ou a granel — 1/1 kg.	34,00	38,00
Manteiga fresca empacotada e de 1.ª qualidade — 1/1 kg.	35,00	39,00
Manteiga de 2.ª qualidade 1/1 kg.	30,00	34,00
II — As frações de quilo serão vendidas nas bases das unidades acima estabelecidas.		

III — As comissões locais adaptarão a presente portaria a seus respectivos municípios, de acordo com as suas condições e peculiaridades.

IV — Esta portaria entrará em vigor na data da sua publicação, com vigencia até o dia 31 de dezembro de 1949, revogadas as disposições em contrário.

QUEIJO Kg. — produtos de 1.ª qualidade (Atacado)	A T A C A D O	
	São Paulo	Rio de Janeiro
Prato	Cr\$ 16,00 α 20,00	Cr\$ 20,00 α 25,00
Parmesão Nacional	18,00 α 25,00	23,00 α 24,00
Parmesão Argentino	24,00 α 28,00	20,00 α 30,00
Minas	16,00 α 18,00	16,00 α 18,00
M. Curado		
Tipo Reino — enlatado, cx. 12 fôrmas		
embrulhado papel celofane, idem		
Clab (fundido) cx. c. 48 pacotes de 1/4 kg. c. pacote		20,00 α 25,00
(Marca "Borboleta") cx. c. 4 blocos de 2/2 kgs.		48,00
LEITE CONDENSADO		
Caixa de 48 latas de 400 grs., líquido na fábrica ..	180,00	180,00
LEITE EM PÓ — (a granel) Kg.		
Magro		
Gordo		
LACTOSE "Bocke" — Kg.		
Em saca de 20 kgs.		
Em lata de 10 kgs.		
Em lata de 1/2 kg.		
CASEINA — Kg.		
De 1.ª qualidade	9,00 α 11,00	
Argentina	14,00	



Ofertas e Procuras



BOVINOS

GADO HOLANDES P. B. — Vendem-se bezerros puros com pedigree, vacas e bezerras de 3/4 acima. Granja "Viana". Km. 24 da Estrada de Cotia. Caixa Postal, 3520. São Paulo.

ADUBOS — SEMENTES DE CAPINS — Todos os materiais agrícolas. Agentes do Salitre do Chile. Solicite lista de preços. ARTHUR VIANNA CIA. MAT. AGRICOLAS. — Caixa Postal, 3520. São Paulo.

GARROTES DA RAÇA HOLANDESA, P. B. Temos para venda filhos de touro puro de origem e de ótimas mães registradas com a produção de leite até 25 litros. Preços de ocasião por liquidação do rebanho. Ver em ARARAS, Caixa Postal, 11, Cia. Paulista E. F., S. Paulo.

SCHWYTZ — Vendem-se garrotes filhos de vacas com registro, desde 1/2 sangue a partir de Cr\$ 2.000,00. Vacas comuns leiteiras enxertadas por touro puro de origem, a partir de Cr\$ 2.000,00. FAZENDA PIRAJÁ. Pedreira — S. P.

PORCOS

da RAÇA CARUNCHO — Temos à venda leitões de ótima procedência, com 3 meses de idade. Vacinados contra a Peste Suína. Sylvia Magalhães, Fazenda do Cedro, Agulhas Negras, E. F. C. B., Estado do Rio. Telefone, 1-114, Rezende.

da RAÇA POLAND-CHINA — Temos à v nda ótimos reprodutores e ternos de 4 meses, vermifugados e vacinados. Despachamos para qualquer localidade, via férrea ou aérea. GRANJA TIMBÚ. Dr. Aristides Merhy, Caixa Postal, 372, Curitiba, Estado do Paraná.

REVISTAS

COLEÇÕES DA "REVISTA DOS CRIADORES" Ano de 1949, encadernadas e ao preço de Cr\$ 120,00. Pedidos à redação.

Cotações do Mercado de Carne

MÊS DE JANEIRO

Durante o mês de Janeiro de 1950 o mercado do gado de corte e de alguns produtos de matança apresentou as seguintes cotações:

BOVINOS PARA ENGORDA		Por rez	
		Cr\$	Cr\$
Barretos	850,00	a	1.050,00
Triângulo	800,00		1.050,00
Goiás	750,00		950,00
Mato Grosso	700,00		900,00

Os preços variaram conforme tipo, qualidade, era e apartação.

BOVINOS PARA ABATE		Por arroba	
		Barretos	S. Paulo
Novilhos consumo	90,00		95,00
Carreiros e marrucos	88,00		93,00
Vacas	84,00		89,00
Conserva	65,00		65,00
Vitelos	Quilo		5,50

SUINOS PARA ENGORDA		Por rez	
(Base 6 arrobas)			
Cabeça	Cr\$ 360,00		

SUINOS PARA ABATE		Por arroba	
		Barretos	S. Paulo
Enxutos	125,00		130,00

Gordos	135,00	150,00
Especiais	145,00	160,00

Preço da carne no varejo, baixada pela Comissão Estadual de Preços:

Os preços atuais, constam da portaria número 139, e são os seguintes: carne de primeira Cr\$ 7,20; carne de 2.ª Cr\$ 4,00; lagarto Cr\$ 15,00; "filet mignon" Cr\$ 20,00; carne desossada de 1.ª Cr\$ 9,00; carne desossada de 2.ª Cr\$ 4,50; carne desossada e dessejada de primeira Cr\$ 10,00, e carne desossada e dessejada de 2.ª Cr\$ 5,00.

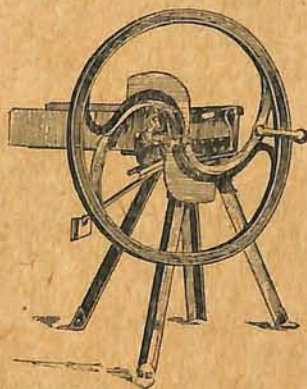
Para o atacado, os preços sofreriam igual redução. Os atuais são os seguintes: boi casado, por quilo Cr\$ 5,00; traseiro, por quilo, Cr\$ 5,80 e dianteiro, por quilo, Cr\$ 3,80.

COUROS SALGADOS — Quilo		Mínimo	Máximo
Couros de bois — Tipo frigorífico		6,50	7,50
Couros de vacas		6,00	7,00

BANHA		Por quilo	
Em rama	14,50		16,00
Em latas ou caixetas 30x2	860,00		935,00
Idem, idem, 20x3 cx.	840,00		935,00

MAQUINAS PARA CORTAR CAPIM E CANA "MARUMBY"

Esta máquina é indispensável nas fazendas de criar. Proporciona grande economia de trabalho, é muito simples, de construção forte e de grande resistência. As facas de tempera especial, são duríssimas e desmontáveis, o que as torna fáceis para serem amoladas.



Preço Embarcado Cr\$ 1.300,00.

FERRAMENTAS PARA CORTE E FENAÇÃO FOICES DE AÇO

Artigo Reforçado
cada Cr\$ 25,00



FERRO PARA ROÇADA E CORTE DE CAPIM



Em dois tipos
para uso direi-
to e esquerdo,
cada Cr\$ 25,00.



ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - S/LOJA - SÃO PAULO

Está o Sr. tirando

todo o lucro



que sua criação
pode dar?



Veja abaixo o resumo de experiências feitas com a Mistura Iodo Cálcio Fosfatada nos maiores centros criadores do mundo. Pense no que representa em **NOVOS LUCROS** para o Senhor. Produto veterano, usado por milhares de criadores, é o caminho seguro, fácil e econômico para aumentar a renda de carne, leite, ovos, lã e tração. Experimente-o!

ESTIMULA A PRODUÇÃO — As leitões, novilhas e potranças, ovelhas, etc., ficam prenhas mais cedo, diminuem as fêmeas "maninhas" e os abortos. Produzem até a idade mais avançada. (Estação Experimental de Lacombe — Canadá).

AJUDA O CRESCIMENTO — A criação cresce mais depressa. A produção de carne, leite, ovos e lã chega mais cedo. (Colégio de Agricultura do Estado de Iowa — E. U. O.).

REFORÇA A RESISTÊNCIA NATURAL — Intensifica a função da glândula tireóide. Aumenta a resistência às doenças em geral. Prolonga a vida útil do animal. (Estação Hesi de Budapest).

EVITA A OSTIOMALÁCIA — Os ossos ganham em resistência. Diminuem as quebraduras e os delitos da carneação. (Instituto Agrícola de Staffordshire — Inglaterra).

DEFENDE CONTRA A AFTOSA — Os animais afetados tornam-se melhores. Reduzem a mortalidade. Abreviam a convalescença. (Dep. de Agricultura de Punjab — Índia Inglesa).

AUMENTA E MELHORA O LEITE — O leite torna-se mais abundante e nutritivo. Valoriza-se para o comércio e para as crias. (Dep. de Saúde da Suíça).

REFORÇA O PELO E A Lã — Dá brilho e sedosidade ao pelo, aumenta a qualidade e a quantidade da lã. (Verificações feitas em Michigan, Estados Unidos).

PROTEGE AS AVES SÁDIAS — Aumenta a saúde e a produção de carne e ovos.



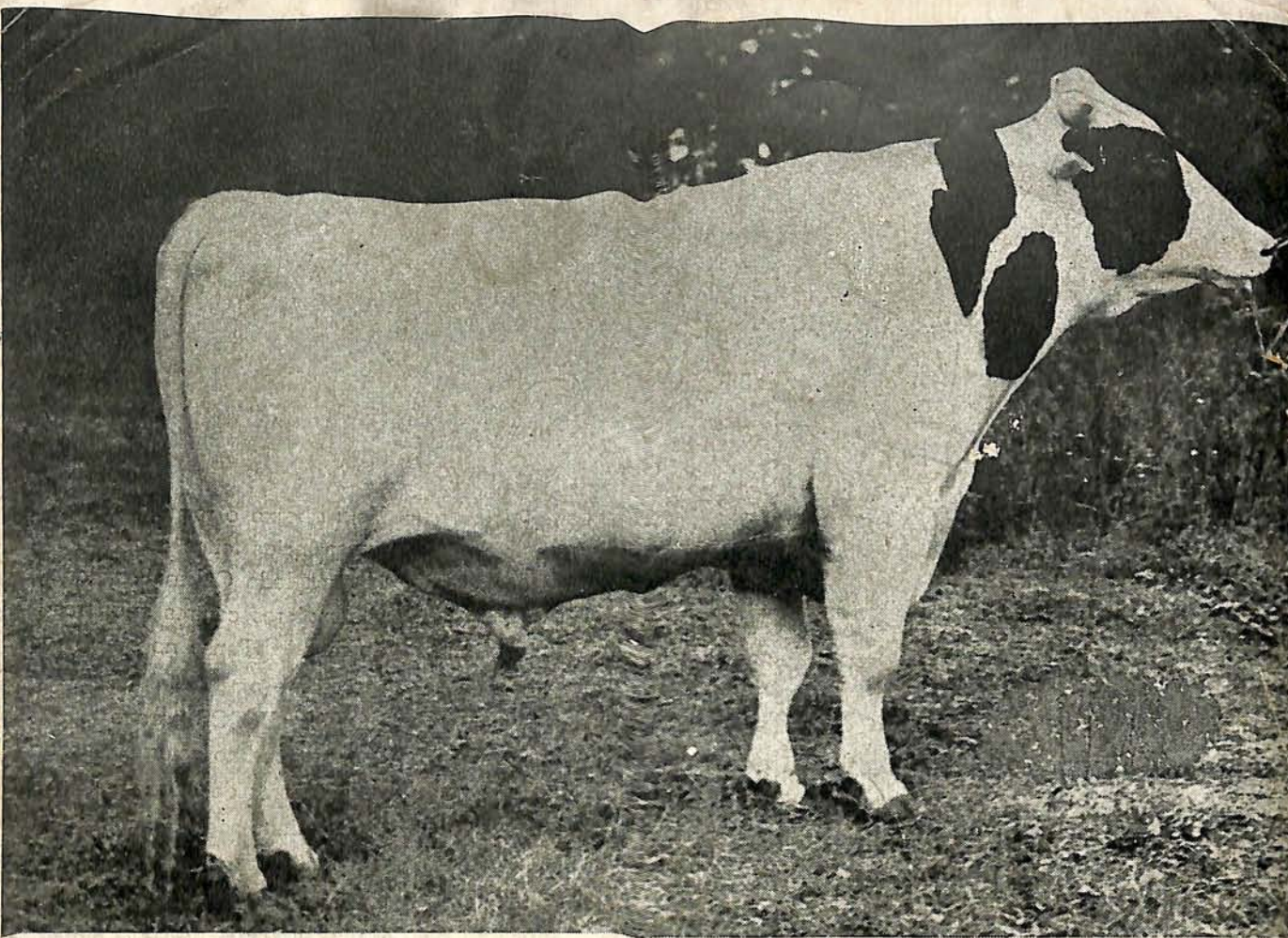
Econômico no custo

	Cr\$
Sacos de 40 quilos	220,00
" " 10 "	70,00
" " 5 "	40,00
" " 2 "	18,00
" " 1 quilo	10,00

- generoso nos resultados!

Pedidos à
ASSOCIAÇÃO
DE
CRIADORES

Rua Senador
Feijó nº 30
SAO PAULO



“ELMCROFT. B. LOCHINVAR”

SERVE AS NOVIHAS «AMAZONAS» DESTINADAS AO BRASIL

Sua mãe produziu **10.730 Kg. de leite com 4,20% de gordura.**

Novilhas “AMAZONAS” isentas de tuberculose e brucelose ou vacinadas com “Cepa 19” sob controle oficial. Imunizadas contra a piroplasmose (tristeza). Vacinadas contra o carbúnculo e febre aftosa. Entregues no Brasil servidas e com cerca de 2 anos

ORDEM DE IMPORTAÇÃO

S. I. A. R.

SOCIEDADE IMPORTADORA ANIMAIS DE RAÇA LTDA.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 178 - Sob.
TELEFONE 3-5661
CAIXA POSTAL 5158
SÃO PAULO

End. Telegr.: PEVIANI

RUA DO CARMO, 62
TELEFONE 23-2187
CAIXA POSTAL 297
RIO DE JANEIRO

Estancia



mazonas